

todos os gostos literários e temperamentos intelectuais, reunindo a tradição da crítica séria e a efervescência do pensamento contemporâneo.

Em uma época de profusas e velozes transformações, a AGL pavimenta uma nova era. Adaptamo-nos, com acuidade e discernimento, a essa vasta era de digitalização da oferta de leitura, sem, contudo, abdicarmos do rigor da forma impressa. Convidamos, assim, o benemérito leitor a mergulhar na profundidade e na beleza da Palavra. Que esta leitura seja uma jornada de deleite e elevação do espírito.

Jacques Miranda de Oliveira
Presidente da Academia Guarulhense de Letras (AGL)
Gestão 2025/26

ACADÊMICOS CORRESPONDENTES: *Concita Weber, Francelino Soares, José Aparecido Araújo, José Luiz Negreiros, Karla Maria, Mario Yoshinaga, Sergio Eduardo Port e Vanda Fagundes Queiroz.*
ACADÊMICOS HONORÁRIOS: *Alfredo Ibrahim Khouri, Antonio Darci Pannocchia, Claudemir Pedrosa da Silva, Edmilson Souza Santos, Elói Pietá, Gasparino José Romão Filho, Jandilisa Grassano, Jane Guilherme da Silva Rossi, Mara Sueli de Lara Martins Carletti Lauri, Maria Alice Pereira Ramos, Oscar Gonçalves e Wilma de Mello Colacioppo.*

academiagarulhense.org.br



CADEIRA

PATRONO		ACADÊMICO
Gasparino José Romão	1	Wilmar Soares Siqueira
Silvio Ribeiro	2	Marco Antonio Arroyo
José Martins Fontes	3	Antonia Vaz
João Guimarães Rosa	4	Vaga
Antonio Frederico de Castro Alves	5	Valdir Carleto
José Bento Monteiro Lobato	6	Bosco Maciel
Luis Nicolau Fagundes Varela	7	Vaga
Aristides Castelo Hanssen	8	Alex Francisco
Amadeu Ataliba Amaral Arruda Leite	9	Devanildo Damião
Ennio Chiesa	10	Clarimundo Oliveira Aguiar
Gustavo Corção Braga	11	Vaga
Otávio Rodrigo Langgaard Filho	12	Jacques Miranda
Ary Baddini Tavares	13	Darlan Zurc
Arlindo José da Veiga Cabral dos Santos	14	Yannick Bassuma
Mario Raul de Moraes Andrade	15	Francisco de Souza
Nelson Antonio Natalino	16	Antonio Thereza Filho
Cassiano Ricardo Leite	17	Manoel Monteiro
Cecília Meirelles	18	Fátima Gilioli
Paulo de Oliveira Leite Setubal	19	Bismael B. Moraes
Menotti Del Picchia	20	Alexandre G. Cavalheiro
Marcus Vinicius Cruz de Moraes	21	José Augusto Pinheiro
Pedro da Silva Nava	22	Vaga
Cornélio Pires	23	Roberto Samuel
José Manuel Mateos Martínez	24	Hejdy Lírio
João da Cruz e Souza	25	Isabel Borazanian
Hildebrando de Arruda Cotrim	26	Clovis Domingues
Pedro Dias Gonçalves	27	Vaga
Onofre Leite	28	Fábio Cardoso dos Santos
Silvio Ourique Fragoso	29	J.R.Jerônimo
Jonny Herminio de Melo Doin	30	Vaga
José Edinaldo Freitas Couto	31	Luciene Müller
Adolfo Vasconcelos Noronha	32	Fernando Canto Berzaghi
Laerte Romualdo de Souza	33	Vaga
Pe. Geraldo Penteado de Queiroz	34	Ivo de Souza 'Poeta dos Mares'
Néfi Tales	35	Marlene A. Torrigio
Antonio Filardi Luiz	36	Vaga
Norlândio Meirelles de Almeida	37	Aura Gold
Milton Luiz Ziller	38	Gil Campos de Farias
Flávio Cleto Giovanni Trombetti	39	Vaga
João Ranali	40	André Figueiredo Rodrigues

AGL

Academia Guarulhense de Letras

Revista 27

ANO XXVII

ACADEMIA GUARULHENSE DE LETRAS



Revista nº 27 Ano XXVII 2025

Um mosaico literário que redefine a AGL

É com especial júbilo que apresentamos esta nova e memorável edição de nossa revista anual, um autêntico mosaico de saberes tecido pelas mãos e mentes mais eruditas de Guarulhos. A Academia Guarulhense de Letras (AGL), atenta ao seu papel de zeladora e propulsora da cultura, tem a honra de contemplar, neste volume, a maior quantidade de membros em nossa história recente. Este feito não é apenas um marco quantitativo, mas a cabal demonstração do vigor e da abrangência de nosso Sodalício.

Percorrendo estas páginas, o leitor encontrará um rico e diversificado espectro de reflexões: da análise histórica ao ensaio de opinião, da meditação religiosa à exegese cultural e artística. É um compêndio que atende a



47 Anos
Trabalhando pelas Letras Guarulhenses

Este livro foi composto e diagramado
nas fontes: Arial corpos 8, 11e 12, Times New Roman corpo 11.
Miolo em papel OffSet 75 g/m² - 1 Caderno em Couchê 115 g/m²
e capa em Cartão Triplex 300 g/m²
Impresso pela Gráfica Elyon em novembro de 2025.

ACADEMIA GUARULHENSE DE LETRAS

REVISTA Nº 27 ANO XXVII

2025

Copyright © 2025 Academia Guarulhense de Letras
Revista nº 27 Ano XXVII 2025 - Edição dos 47 anos

Todos os direitos desta edição reservados para:
ACADEMIA GUARULHENSE DE LETRAS - AGL

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Revista nº 27 : ano XXVII / [coordenação Valdir Carleto]. -- 27. ed. -- Guarulhos, SP : Academia Guarulhense de Letras, 2025.

Vários autores.
ISBN 978-65-981664-2-7

1. Academia Guarulhense de Letras - História
2. Literatura brasileira - Coletâneas I. Carleto, Valdir.

25-309564.0

CDD-B869

Índices para catálogo sistemático:

1. Literatura brasileira : Antologia B869

Aline Grazielle Benitez - Bibliotecária - CRB-1/3129

Ficha Técnica

Coordenação editorial: *Valdir Carleto*

Revisão: *Fátima Gilioli, Francisco de Souza e Valdir Carleto*

Diagramação: *José Roberto Jerônimo*

Fotos e ilustrações: *Acervos da AGL e de autores*

Capa: *José Roberto Jerônimo*

Academia Guarulhense de Letras - AGL

Endereço para correspondência:

*Rua Francisco Gonzaga Vasconcelos, 42 - Vila Galvão
Guarulhos - SP - CEP 07074-040*

Site: www.academiaguarulhense.org.br



47 Anos
Trabalhando pelas Letras Guarulhenses

DIRETORIA 2025 / 2026

Presidente:

Jacques Miranda de Oliveira

Vice-presidente:

José Roberto Jerônimo

Secretário Geral:

Valdir Carleto

1º Secretário:

Fernando Canto Berzaghi

2º Secretário:

João Bosco da Silva

Tesoureira Geral:

Fátima Regina Gilioli

1ª Tesoureiro:

Fábio Cardoso dos Santos

2ª Tesoureiro:

Manoel Monteiro do Espírito Santo Júnior

Conselho Fiscal

Presidente: André Figueiredo Rodrigues,
Gil Campos de Farias
e Isabel Borazanian Macedo de Oliveira

Suplentes:

Antonia Conceição Vaz Duarte,
Clovis Domingues e Francisco de Souza

Orador Oficial:

Valdir Carleto

CAPA

Nesta edição, a Revista da Academia Guarulhense de Letras, a tradicional “Revista da AGL”, apresenta em sua capa um ponto turístico e cultural da cidade de Guarulhos: a imagem da fachada da sede da própria Academia, a qual pode ser vista no lago de Vila Galvão, popularmente conhecido como “Lago dos Patos”, ao lado do Centro Permanente de Exposições Prof. José Ismael.



ACEITA-SE PERMUTA

*Exchange is accepted - Si piede permuta
On demande l'échange - Man bitter um austausch
Si praga l'intercambio*



47 Anos
Trabalhando pelas Letras Guarulhenses

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO	
FÁBIO CARDOSO DOS SANTOS	11
PARTE I - Artigos	
ALEX FRANCISCO	15
ANDRÉ FIGUEIREDO RODRIGUES	23
ANTONIA VAZ	29
ANTONIO THEREZA FILHO	39
AURA GOLD	43
BISMAEL B. MORAES	51
BOSCO MACIEL	55
CLARIMUNDO AGUIAR	65
CLOVIS DOMINGUES	75
DARLAN ZURC	85
DEVANILDO DAMIÃO	93
FÁBIO CARDOSO DOS SANTOS	103
FÁTIMA GILIOLI	107
FERNANDO CANTO BERZAGHI	117
FRANCISCO DE SOUZA	127
GIL CAMPOS DE FARIAS	135
IBRAHIM KHOURI	143

ISABEL BORAZANIAN	149
IVO DE SOUZA 'POETA DOS MARES'	159
JACQUES MIRANDA	169
JANDILISA GRASSANO	177
JANE ROSSI	183
JOSÉ AUGUSTO RODRIGUES PINHEIRO	189
J. R. JERÔNIMO	199
KARLA MARIA	209
LUCIENE VIGNOLI MÜLLER	215
MANOEL MONTEIRO	221
MARCO ANTONIO ARROYO	231
MARLENE A. TORRIGO	235
ROBERTO SAMUEL	245
SERGIO EDUARDO PORT	255
VALDIR CARLETO	259
WILMAR SOARES SIQUEIRA	269
YANNICK BASSUMA	275

PARTE II - Nota Fúnebre

PLÍNIO TOMAZ	288
--------------------	-----

PARTE III

SINOPSE DAS ATIVIDADES RECENTES DA AGL ...	291
--	-----

PARTE IV

MEDALHA DO MÉRITO CULTURAL JOÃO RANALI	295
---	-----

PARTE V

HINO DA AGL - LETRA E PARTITURA	297
---------------------------------------	-----

PARTE VI

GALERIAS	301
----------------	-----

Os textos representam opiniões de cada acadêmico.
A Academia, por sua Diretoria constituída,
não interfere no conteúdo dos autores.



47 Anos

Trabalhando pelas Letras Guarulhenses

APRESENTAÇÃO

47 ANOS DE LETRAS E MEMÓRIA: A FORÇA CULTURAL DA ACADEMIA GUARULHENSE DE LETRAS

Sinto-me lisonjeado em receber a incumbência de escrever esta apresentação para a 27ª edição da Revista da Academia Guarulhense de Letras (AGL), publicada em 2025, ano em que a instituição completa 47 anos de atividades culturais e literárias.

Ao longo de quase cinco décadas, a AGL consolidou-se como um espaço de encontro entre escritores, poetas, pesquisadores e intelectuais, desempenhando um papel fundamental na preservação e promoção da literatura brasileira, bem como na valorização da identidade cultural de Guarulhos.

Esta edição reafirma a tradição da Academia em oferecer à comunidade uma obra que combina reflexão, memória, crítica e criação literária. A revista reúne artigos, ensaios, poemas, crônicas e registros históricos, que refletem a pluralidade de vozes e estilos presentes entre os acadêmicos e colaboradores. Cada texto representa um olhar único sobre o mundo, revelando tanto a riqueza da literatura contemporânea quanto a força da herança cultural que inspira os autores.

ESTRUTURA E CONTEÚDO DA EDIÇÃO

A Revista Nº 27 está organizada de forma a permitir ao leitor uma imersão ampla na produção intelectual da Academia. Entre seus principais destaques, encontram-se:

- Artigos e ensaios literários, abordando temas diversos da literatura, história e cultura brasileiras;
- Notas e sinopses de atividades recentes realizadas pela AGL, que documentam sua intensa atuação cultural;
- Homenageados com a Medalha do Mérito Cultural João Ranali, símbolo de reconhecimento àqueles que se destacam na promoção da arte e da literatura;
- A publicação da letra e partitura do Hino da AGL, patrimônio simbólico da instituição;
- Galerias fotográficas

RELEVÂNCIA CULTURAL E INSTITUCIONAL

Ao longo de sua história, a Academia Guarulhense de Letras tem desempenhado um papel essencial na formação cultural da cidade. Suas publicações e atividades representam não apenas a valorização da produção literária local, mas também um esforço contínuo de diálogo com a literatura nacional e internacional.

A Revista Nº 27, portanto, é muito mais do que uma coletânea de textos: é um registro histórico e cultural, que documenta a produção intelectual de um período e projeta os valores que norteiam a Academia – ética, sensibilidade, identidade e compromisso com a cultura.

A Diretoria 2025/2026, composta por acadêmicos dedicados à preservação e ao fortalecimento das letras, reafirma nesta publicação a missão institucional da AGL: ser guardiã da memória literária e incentivadora de novos talentos, garantindo que a palavra escrita continue sendo instrumento de reflexão crítica, expressão estética e construção de cidadania.

Ao disponibilizar esta nova edição, a Academia Guarulhense de Letras convida leitores, pesquisadores, estudantes e toda a comunidade a redescobrirem o poder da literatura como força transformadora. Em cada artigo, em cada verso, em cada crônica reunida nesta obra, encontra-se o testemunho de um compromisso que atravessa gerações: fazer da literatura uma ponte entre o passado, o presente e o futuro.

Dessa forma, a Revista Nº 27 cumpre seu papel de ser não apenas um produto editorial, mas um símbolo de resistência cultural, de memória e de esperança. Que sua leitura inspire, emocione e provoque reflexões, contribuindo para que as letras guarulhenses sigam vivas, fortes e atuantes nos próximos anos.

Fábio Cardoso dos Santos
Acadêmico efetivo – cadeira nº 28



47 Anos
Trabalhando pelas Letras Guarulhenses

PARTE I - ARTIGOS

**ALEX FRANCISCO**

DITADURA E REPRESSÃO NOS CORPOS E NO DESEJO

O Movimento Homossexual Brasileiro (MHB), que nasceu entre 1970 e 1980, destacou-se pelo firme posicionamento político que promoveu importantes mudanças na sociedade contemporânea. A primeira militância organizada de gays, lésbicas e travestis viveu sob o espectro da Ditadura Civil-Militar (1964-1985) e precisou adotar estratégias de resistência contra o aparelho institucionalizado para invisibilizar pessoas de comportamento sexual não heteronormativo¹. Desse modo, as tensões entre as homossexualidades² e o sistema autoritário formam uma textura que permite refletir sobre o passado recente e os impactos causados no presente.

1. O termo deriva de heteronormatividade, definido como um “conjunto de prescrições que fundamenta processos sociais de regulação e controle nos quais as orientações sexuais diferentes da heterossexual são marginalizadas, ignoradas ou perseguidas por práticas sociais e crenças religiosas ou políticas” (Larissa Darc, *Vem Cá: Vamos Conversar sobre a Saúde Sexual de Lésbicas e Bissexuais*, 2019, p. 124). Ainda na definição da autora, a heteronormatividade pressupõe a heterossexualidade como fundamento natural da sociedade e única orientação sexual considerada “normal”.
2. Até o início dos anos 1990, o termo homossexualidades era utilizado para fazer referência ao conjunto de orientações sexuais e identidades de gênero, que também compreendia as travestilidades e transgeneridades, consideradas não normativas ou dissidentes. O uso no plural sinaliza tal abrangência. (Renan Quinalha, *História do Movimento LGBT no Brasil*, 2018)

Nesse contexto, nota-se que o temor sempre precedeu a repressão. É que além de perseguir políticos de ideologia contrária ao regime, um dos receios do equipamento ditatorial eram os efeitos da revolução dos costumes na vida doméstica dos brasileiros. Pautas influentes mundo afora nos anos 1960, como movimento hippie, contracultura, revoltas estudantis, uso de drogas, afirmação da mulher nos espaços públicos, divórcio, aborto, uso da pílula do dia seguinte e a liberação sexual, em que mulheres e homens passaram a assumir em público suas identidades sexuais e de gênero, foram comportamentos difundidos pelos conservadores como anormais e pervertidos. O temido uso das liberdades individuais transformou a esfera íntima em objeto de ordem moral, maneira de subversão e suposta ameaça social intolerável, passível, para a ditadura, de perseguição, repressão e controle. Nesse escopo, inclui-se o afeto entre mulheres, entre homens, a performatividade não normativa e o desejo erótico pelo corpo do mesmo sexo.

Ao logo da história da humanidade, registros mostram que as relações sexuais entre pessoas do mesmo sexo biológico eram condenadas ou habituais de acordo com a política sexual e a cultura de diferentes sociedades e épocas. Na Grécia Antiga (XII a IX a.C.), a prática homossexual era entendida e reconhecida como uma maneira de melhorar o indivíduo e, por consequência, a sociedade da qual fazia parte. Era instrumento de educação sexual, onde homens mais velhos iniciavam jovens na descoberta dos prazeres do corpo, e esperava-se que o laço estabelecido permitisse ao novato absorver virtudes e conhecimento³. Com o surgimento

3. No livro *O Banquete* (Editora 34, 2016), do filósofo Platão (427-347 a.C.), diálogos acerca da natureza multifacetada do amor são apresentados durante um jantar. A exposição de cada convidado, entre eles Sócrates (469-399 a.C.), traz teorias e pensamentos sobre a aceitação das relações sexuais entre homens. Entre elas, a prática da pederastia, socialmente reconhecida à época e que consistia no envolvimento entre o erastes, um homem por volta de 25 anos, e o eromenos, um adolescente. Sob aprovação dos pais, o mais velho servia de amigo e educador até os 18 anos do jovem, numa espécie de rito de iniciação. A relação homoerótica era, portanto, considera-

do cristianismo e da Igreja Católica Apostólica Romana, o ato sexual entre homem e mulher passou a ser cultuado com o objetivo único de reprodução da espécie humana, o dom da vida. O dogma tornou pecado qualquer outro tipo de relação não heterossexual ou para o livre exercício da sexualidade, aquele que satisfaz apenas a necessidade ou o prazer do indivíduo⁴.

No século XIX, afeto e prazer homoerótico, já considerados pecados pela religião, passaram a ser vistos também como anormalidade e doença quando a medicina e a psiquiatria além cunharam os termos homossexual e homossexualismo para designar relações afetivas e sexuais entre pessoas do mesmo sexo. Assim, o homossexual passou a ter a conduta medida de acordo com o comportamento que manifesta a própria necessidade e desejo sexual e, segundo Soares⁵, isso seria uma construção social imposta pelo discurso da sexualidade. O autor baseia-se no pensamento de Foucault⁶ sobre a sexualidade como um conjunto de preceitos discursivos para capturar e vigiar o sexo e o corpo dos indivíduos, e cujo controle depende da época e do ideal de poder da classe dominante.

A sexualidade, no século XIX, tinha como objetivo afastar da realidade as formas insubmissas à economia estrita da reprodução com que os homens

da pela sociedade helênica, uma prática pedagógica, um ritual que permitia transferir conhecimentos filosóficos, políticos, militares e sexuais, levando o jovem grego à vida adulta. (Tiago Souza Monteiro Andrade, "O Relacionamento Homoerótico na Grécia Antiga", *Faces da História*, 2018).

4. Guilherme Gomes Ferreira e Beatriz Gershenson Aguiñsky, "Movimentos Sociais de Sexualidade e Gênero: Análise do Acesso às Políticas Públicas", *Revista Katálysis*, 2013.

5. Lênin Campos Soares, "Homoerotismo e Homossexualismo: A Historicidade de um Conceito", *Artciencia.com, Revista de Arte, Ciência e Comunicação*, 2007.

6. Michael Foucault, *História da Sexualidade: A Vontade de Saber*, 1988.

se relacionavam com o sexo. E para isso criou um conjunto de categorias, apoiada na medicina e na psiquiatria – anexando a irregularidade sexual, uma categoria judiciária, a doença física ou mental –, definindo uma norma de desenvolvimento sexual e nela vários desvios possíveis. A partir de então, toda energia se concentrará na ‘monogamia heterossexual’[...] ⁷

Nesse sentido, o ideal cristão, que determina a eliminação do comportamento sexual “desviante”, encontrou na mentalidade orientada para o capital o amparo para pregar que, além de não contribuir para a reprodução da espécie, “a prática homossexual solaparia a família (em cujo seio geram os novos consumidores) e seus padrões ideológicos (cuja ordem é consumir)”⁸. A moral cristã vai ao encontro da ideologia da família burguesa do século XIX, “na qual o burguês é reconhecido como o bom cristão por ser monogâmico, reproduzir-se e acumular o capital por meio do matrimônio, legitimando as posses materiais hereditárias através da propriedade privada”⁹. Assim, comportamentos sexuais e de gênero dissidentes configuram uma ameaça à norma heterocêntrica¹⁰,

7. Lênin Campos Soares, “Homoerotismo e Homossexualismo: A Historicidade de um Conceito”, *Artciencia.com, Revista de Arte, Ciência e Comunicação*, 2007, p. 8.

8. José Silvério Trevisan, *Devassos no Paraíso: A Homossexualidade no Brasil, da Colônia à Atualidade*, 2018, p. 17.

9. Guilherme Gomes Ferreira e Beatriz Gershenson Aguiñsky, “Movimentos Sociais de Sexualidade e Gênero: Análise do Acesso às Políticas Públicas”, *Revista Katálisis*, 2013, p. 224.

10. O termo deriva de heterocentrismo, definido como toda a maneira de perceber e categorizar “o universo das orientações sexuais a partir de uma ótica centrada em uma heterossexualidade estereotipada considerada dominante e normal não apenas como estatística, mas principalmente no sentido moralizante do termo” (Jaqueline Gomes de Jesus, “O Conceito de Heterocentrismo: Um Conjunto de Crenças Enviadas e sua Permanência”, *Psico-USF*, 2013, p. 366).

ou seja, ao padrão imposto pelo sujeito pretensamente universal: homem, branco, europeu, heterossexual, cisgênero, católico e proprietário¹¹.

Em nossa sociedade, a norma que se estabelece, historicamente, remete ao homem branco, heterossexual, de classe média urbana e cristão e essa passa a ser a referência que não precisa ser nomeada. Serão os “outros” sujeitos sociais que tornarão “marcados”, que se definirão e serão denominados a partir dessa referência. [...] a mulher é representada como “o segundo sexo” e gays e lésbicas são descritos como desviantes da norma heterossexual¹².

Esse perfil ideológico ajuda-nos a compreender a bandeira defendida por organizações civis brasileiras que eram favoráveis ao golpe militar de 1964. Entre elas, a Marcha da Família com Deus pela Liberdade, formada pela igreja e por mulheres de classe média, e a Sociedade Brasileira de Defesa da Tradição, Família e Propriedade (TFP), composta apenas por homens. Segundo Kornis e Heye¹³, esses movimentos fizeram campanhas em defesa da família brasileira monogâmica e indissolúvel, da propriedade privada e da religião – o pensamento burguês do século XIX –, e atacaram comunistas e socialistas. Também defenderam a “moral

11. Renan Quinalha, *História do Movimento LGBT no Brasil*, 2018.

12. Guacira Lopes Louro, *O Corpo Educado, Pedagogias da Sexualidade*, 2000, p. 9.

13. Monica Kornis e Thomas Ferdinand Heye. “Sociedade Brasileira de Defesa da Tradição, Família e Propriedade (TFP)”, *Dicionário Histórico-Biográfico Brasileiro Pós-1930*, 2001.

e os bons costumes” contra os desvios comportamentais, como a satisfação da necessidade do desejo sexual – a moral cristã. Instalada a ditadura, a ânsia conservadora desses grupos foi legitimada com uma política hegemônica, que impôs uma ordem oficial e sexual específica à sociedade.

Com ideologia e aparato repressivo institucionalizados, a ditadura brasileira classificou as homossexualidades como práticas de ameaça à estabilidade política do país, à segurança nacional, “a ordem sexual, a família tradicional e os valores éticos que, supostamente, integravam a sociedade brasileira”¹⁴. Para o regime e seus apoiadores, o país devia ser saneado moralmente contra a pornografia, o erotismo e os afetos e desejos de pessoas do mesmo sexo. Esse foi um dos argumentos para justificar a série de políticas e atos de repressão e vigilância moral contra prostitutas e michês, travestis, lésbicas e gays, que sofreram todo tipo de humilhação, perseguição, violência, detenções arbitrárias, restrição de direitos civis e mortes.

Pareceres médicos, criminológicos e legais, discriminação sob o ponto de vista da religião e a difusão negativa da imagem dos homossexuais por meio da imprensa fizeram parte do esquema orquestrado para legitimar a política sexual do regime e enquadrar e normalizar os corpos “desviantes”. Além disso, a patrulha moral no campo da produção cultural e intelectual censurou jornais, revistas, peças de teatro, novelas, filmes, músicas e livros que abordassem narrativas de mulheres que desfrutavam relacionamentos eróticos com outras mulheres, o desejo de homens que buscavam sexo com outros homens, e qualquer outra experiência não norma-

14. Renan Quinalha, “Uma Ditadura Hetero-Militar: Notas sobre a Política Sexual do Regime Autoritário Brasileiro”, *História do Movimento LGBT no Brasil*, 2018, p. 29.

tiva. Para os ditadores, essas condutas sexuais eram “anormais” e faziam parte da articulação comunista internacional para dominar o país.

O regime acreditava que toda a população era suspeita de atos subversivos, temia a articulação de inimigos internos potenciais e estava convencido da eclosão de uma revolta apoiada pelo Movimento Comunista Internacional. A Doutrina de Segurança Nacional e Desenvolvimento, documento que serviu de fundamentação teórica para os militares após o golpe, afirmava que os comunistas tinham como prática recrutar nativos dos países-alvo por meio de estratégias de ação indireta e psicológica. Um desses instrumentos era utilizar os meios de comunicação de massa para “desencadear o processo subversivo pelo afrontamento de valores morais, aos fundamentos da família e pela disseminação de maus hábitos, especialmente entre os jovens”¹⁵.

Difundida a ideia do golpe de 1964 como uma maneira de barrar a corrente comunista no Brasil, e espalhado o medo de uma suposta infiltração política e ideológica, militares e setores da sociedade civil encontraram na tradição de censura já existente no país meios para executar a vigilância moral e coercitiva.

A censura oficial e de cunho moralista existia desde a Constituição de 1946, exercida pela Divisão de Censura de Diversões Públicas (DCDP). Ao seu lado, os militares instalaram uma espécie de braço articulado da máquina de repressão, orientado para

15. Adrianna Cristina Lopes Setemy, “Vigilantes da Moral e dos Bons Costumes: Condições Sociais e Culturais para a Estruturação Política da Censura Durante a Ditadura Militar”, *Revista Topoi*, 2018, p. 179.

suprimir qualquer tipo de contestação produzida no campo da cultura, do pensamento e das ideias.¹⁶

A censura às mídias da época queria o “controle do fluxo público de informação, da comunicação e da produção de opinião, reprimir o conteúdo simbólico presente na produção cultural e manipular os mecanismos de memória e interpretação da realidade nacional”¹⁷.

Todo esse cenário obscureceu o país e impôs regras ainda mais restritivas aos homossexuais. Além do estigma do pecado e da doença, a onda de pânico causada pela política moral atingiu a sexualidade de homens e mulheres fora dos padrões heteronormativos. A performatividade e a manifestação do desejo passaram a ser exercidos com cuidado e discrição, às escondidas e nos guetos¹⁸, espaços de socialização para homossexuais, como clubes, bares, boates, discotecas e saunas. Nesses redutos, gays, lésbicas e travestis puderam reunir-se em grupos e, aos poucos, criar formas de compartilhar experiências, relatos da vida e dicas para encontros sexuais. Também encontraram modos de burlar a vigilância, pois esses locais passaram a coexistir com a ditadura, que manteve o sistema articulado para a repressão.

16. Lília Schwarcz e Heloisa Murgel Starling, Brasil: Uma Biografia, 2015, p. 464.

17. Idem, 2015, p. 464.

18. Os sentimentos de culpa e pecado oprimiam os homossexuais e os levaram a se ocultar por medo do ridículo, da prisão, do desemprego e do julgamento público. O gueto tornou-se um local onde essas pressões eram momentaneamente afastadas e onde havia mais condições de eles se assumirem e testarem uma nova identidade social. Construída essa nova identidade, o gay ou a lésbica adquiria coragem para assumi-la fora do gueto. (Edward MacRae, A Construção da Igualdade – Política e Identidade Homossexual no Brasil da “Abertura”, 2018, p. 57-58).



ANDRÉ FIGUEIREDO RODRIGUES

SILVÉRIO DOS REIS, O JUDAS BRASILEIRO EM CORDEL

Num Brasil de tantos Silvas

Quero falar do primeiro

Que embalou nossa pátria

Com um sonho verdadeiro

(...)

Trata-se de um grande herói

Que seus dons proeminentes

O colocaram no rol

Dos grandes inconfidentes

Foi Joaquim José da Silva

Xavier, o Tiradentes

(...)

Tiradentes e seus pares
A justa revolta, urdiram
Porém os planos vazaram
Num precipício caíram
Joaquim Silvério e mais dois
Ouviram tudo e o traíram.

(...)

Antes da revolução
Chegar a hora e a vez
A notícia foi levada
Ao vice-rei português
Pelo delator infame
Joaquim Silvério dos Reis.

(...)

Leitor, aqui faço pausa
Para dar-lhe uma explicação
Veja o que faz a cobiça
Dentro de um mau coração
Joaquim Silvério foi Judas
Pensando em ganhar brasão.

Prenderam então Tiradentes

Na Rua dos Latoeiros

Já na prisão recebeu

Notícias dos companheiros

Que também estavam presos

Pra revolta dos mineiros.

Zé Maria de Fortaleza e Arievaldo Viana. *Tiradentes: um sonho de liberdade*. Fortaleza: Tupynanquim, 2010. Literatura de cordel.

Estes versos, em forma de literatura de cordel, retratam aspectos popularmente atribuídos à Inconfidência Mineira. A poesia narra que o levante teria início em Vila Rica (atual cidade de Ouro Preto), assim que fosse decretada a derrama, ou seja, a cobrança forçada dos impostos atrasados referentes ao quinto do ouro. No contexto geral do movimento, caberia a Joaquim José da Silva Xavier, mais conhecido como Tiradentes, a missão de iniciar a revolta e divulgar seus ideais, a fim de conquistar novos apoiadores.

Tiradentes compartilhou os planos com o coronel Joaquim Silvério dos Reis e o mestre de campo Inácio Correia Pamplona. Junto ao tenente-coronel Basílio de Brito Malheiro do Lago, esses três formaram o grupo responsável pela traição – a chamada “trindade dos delatores”.

À medida que a revolta se preparava, surgiram indivíduos movidos por interesses próprios, liderados por Silvério dos Reis, figura amplamente desprezada e apelidada de “Judas brasileiro”, eternamente associada pela história à desonra e à traição.

No dia 15 de março de 1789, Silvério dos Reis apresentou-se ao governador, o visconde de Barbacena, para denunciar a Inconfidência. No entanto, a origem de sua delação remonta a 3 de março daquele ano, quando foi intimado pela Fazenda Real de Minas Gerais a justificar uma dívida de 172:763\$919 réis (cento e setenta e dois contos, setecentos e sessenta e três mil e novecentos e dezenove réis), quantia elevadíssima para a época.

Em documento datado de 25 de fevereiro de 1791, escrito em Vila Rica e anexado ao processo aberto para apurar a Inconfidência Mineira, intitulado Autos de Devassa, o governador Barbacena declara que Silvério dos Reis foi a primeira pessoa a denunciar, oralmente, o movimento rebelde mineiro. A denúncia ocorreu em 15 de março de 1789, exatamente 12 dias após ter sido intimado a prestar contas de sua dívida com o governo mineiro.

No mês seguinte, entregou a versão escrita da delação. Popularmente, sua carta de denúncia é tida como uma das expressões mais repulsivas da vileza e da traição humanas, sendo seu gesto frequentemente comparado ao de Judas Iscariotes. Com base nas informações que revelou sobre os planos de uma revolta em Minas Gerais, o governador Barbacena decidiu suspender a cobrança da derrama. Esse ato foi fatal para os inconfidentes. A suspensão da derrama significou apagar a faísca que os conspiradores esperavam usar para inflamar a população e dar início à revolução.

Nesse período, Tiradentes partiu rumo ao Rio de Janeiro, com licença de um mês concedida pelo governador, para tratar de negócios e atuar em prol da Inconfidência. Durante o trajeto e já no Rio de Janeiro, ele falava abertamente sobre a revolta em preparação em Minas Gerais, buscando recrutar simpatizantes.

No dia 1º de maio, Silvério dos Reis também chegou ao Rio, enviado por Barbacena com uma dupla missão: relatar ao vice-rei, Luís de Vasconcelos e Sousa, os detalhes da conjuração e, ao mesmo tempo, seguir secretamente os passos de Tiradentes,

assumindo o papel de espião. Considerando Silvério um amigo leal, Tiradentes não suspeitava da traição. Foi por meio dessa vigilância e da delação que, em 10 de maio de 1789, ele acabou sendo preso por ordem do vice-rei, enquanto se escondia na casa do ourives Domingos Fernandes.

Silvério dos Reis delatou os inconfidentes na expectativa de obter o perdão de suas dívidas junto ao governo de Minas Gerais, além de desejar que suas ações fossem recompensadas pelas autoridades reais, que ele esperava que reconhecessem seus serviços com favores e distinções.

Essa é a versão amplamente difundida, tanto no imaginário popular quanto no meio acadêmico, para explicar os motivos de sua traição: o desejo de ver suas dívidas perdoadas e de receber recompensas da Coroa Portuguesa por seus “serviços prestados”. Os trechos reproduzidos na epígrafe, retirados do cordel “Tiradentes: um sonho de liberdade”, de Zé Maria de Fortaleza e Arievaldo Viana, bem como diversos relatos acadêmicos, escolares e literários, reforçam essa perspectiva. Mas afinal, Silvério foi recompensado por sua delação?

Como recompensa, Silvério teve perdoados seus débitos com a Real Fazenda, livrando-se da pesada dívida que, em grande parte, o motivara a trair seus companheiros de conspiração.

Além do alívio financeiro, foi nomeado tesoureiro-mor da bula nas capitânicas de Minas Gerais, Goiás e Rio de Janeiro, função lucrativa e de considerável importância política. Recebeu ainda uma residência suntuosa, pensão vitalícia como garantia de sustento, o título de fidalgo da Casa Real, o direito de trajar o fardão de gala e o hábito da Ordem de Cristo, uma das mais altas condecorações do Reino de Portugal.

Como gesto máximo de reconhecimento por sua “fidelidade”, foi recebido pessoalmente pelo príncipe regente Dom João,

em Lisboa, que chegou a batizar três de seus filhos, sinal claro da importância atribuída pela monarquia à repressão do movimento emancipacionista em Minas Gerais.

Apesar de todos esses privilégios, Silvério jamais escapou do peso da infâmia. Carregou, até o fim da vida, o estigma de traidor da causa da liberdade de Minas Gerais. Tornou-se alvo de desprezo público e foi forçado a abandonar o Brasil, refugiando-se em Portugal, diante da crescente hostilidade da população brasileira contra ele.

Esses episódios, da traição à recompensa, da glória aparente ao desprezo público, são ilustrados com força e poesia no cordel, que dá voz popular à memória da Inconfidência Mineira e de seus personagens.

André Figueiredo Rodrigues é professor do Departamento de História da Faculdade de Ciências e Letras, Campus de Assis, e do Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (Unesp). Livre-Docente em História da América Portuguesa pela Unesp. Graduado, mestre e doutor em História pela Universidade de São Paulo (USP). Presidente da Seção Nacional do Instituto Pan-Americano de Geografia e História (IPGH), da Organização dos Estados Americanos (OEA), no Brasil. Membro da Academia Guarulhense de Letras (AGL). Bolsista de Produtividade em Pesquisa do CNPq – Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico – nível 2. E-mail: andre.f.rodrigues@unesp.br.

**ANTONIA VAZ**

VIVA JOVANA, A MENINA-MOÇA DA TARDE...

Hoje à tarde, fui ao açougue próximo de casa, como de costume e gosto. A menina do caixa era a própria juventude encantada em ação: linda, falante, sorridente, riso espontâneo, natural de um adocicar d'alma. Estava feliz trabalhando. Disse que o comércio era da família, recém-adquirido e todos se envolviam no trabalho com entusiasmo perceptível.

Fizemos uma terapia de balcão... Disse-me que se chamava Jovana, tinha 16 anos e que desejava fazer Direito. Dei-lhe alguns aninhos a mais pela sua maturidade...

De súbito perguntei:

– Gosta de ler? Quer ganhar um livro?

– Sim!

Foi o estopim para me afastar do caixa e buscar um livro da AGL no meu carro, estacionado em frente ao comércio. Autografei-o, ela perguntou se poderia me abraçar... Já estávamos íntimas!

Ela carregou boa parte das compras até o carro. A conversa fluía interminável e agradávelíssima... Folheando o livro, mostrei

a minha publicação. Expliquei-lhe os objetivos da Academia Guarulhense de Letras.

Pedirei para tirarmos uma foto no próximo encontro. Que seja em breve!

Incentivei-a a escrever a sua história, que ainda acontecia no prólogo e havia muito o que viver. As compras? Ora as compras, passaram despercebidas, no detalhe encantador da tarde.

Viva Jovana, a menina que compartilhou sua juventude comigo!

05/11/2024

Se Deus está no princípio de todas as coisas, a ciência na ação e final de toda reflexão, então, ambas fazem parte do mesmo processo. Este é o nosso caminho a ser construído, desempenho de vida inteira.

27/06/2024

O amor resvala de várias formas: na escuta atenta, na atenção espontânea, na emoção incontida, na risada compartilhada, na hora silenciosa, que não exige nada. Apenas alegria simultânea, um agrado a nos elevar ao sagrado...

08/10/2024

Viva a criança que está em mim!

Ela me obriga a ser gente boa.

08/10/2024

Nascemos para criar boas memórias, colecionar lembranças, criar histórias, para que nossa estada no mundo seja amorosa e necessária...

Nascemos para o desassossego.

14/10/2024

Amo animais, cães e cavalos especialmente.

O nosso cavalo Moreno e meus cachorros nunca se apartaram de mim... Sonhei com eles na noite que antecedeu a minha cirurgia de câncer, 2007.

Fizeram-me companhia a noite toda. Brincaram comigo, precisamente como faziam em vida. Cada qual, com seu jeito de expressar afeto, uma delícia afetiva... Inebriante!

Acordei, como se fosse para uma festa, para espanto do meu amoroso médico... Ele ouviu, atentamente, o relatório da minha experiência onírica e se encantou. Ele também estava em análise psicanalítica. Foi uma experiência mágica!

20/12/2024

De palhaço, poeta e louco, todos nós temos um pouco!

De perto ninguém é normal?

Bem ou mal, o que é ser normal?

A dúvida sempre no meio veio a me inquietar.

Ajudam-me, deuses do Olimpo, sinto da existência a angústia. Até quando?

Novo Ano, novas venturas, troços, alegrias e recomeços.
Esperança!

21/12/2024

Se quem ama educa, é mais fácil ser bonzinho do que ser justo; educar é frustrar sem violência, com firmeza e amor...

Por que é tão difícil nos apercebemos do óbvio e ver o evidente?

Gente do amar, o certo dá mais trabalho. Porém, o resultado é salutar e produtivo. Tente!

23/12/2024

Alegria é a emoção positiva que dinamiza a vida.

Não devemos dar a ninguém o poder de nos deixar tristes.

Saúde e Paz... Alegria! Alegria!

27/12/ 2024

Incrível, a música é a mais bela das artes: alimento para alma, alegria para o espírito, desenvolvimento para o intelecto e acompanhamento para o paraíso possível.

Abençoada musicalidade, que nos transcende, ora sapiencial, ora emocional!

Alegrai-vos, Santa Cecília, padroeira dos músicos, dirija o som inteligente, especial, suave e doce a nos embriagar num ascendente celestial.

Assim seja louvada!

28/12/2024

A noite se faz larga, não precisa de postigo.

Se para cada noite existe uma Aurora, agora é hora, vamos embora ser feliz comigo.

26/01/2025

Cerque-se de pessoas cuja conexão é espontânea, profunda e prazerosa.

Escolha estar com quem te faz sorrir e sua energia floresce.

Abraços afetuosos e fraternos,

08/01/2025, Belém-Pará.

Seja o que transcorrer...

Que de todos os dias sobre alegria. O resto soçobre!

Assim, demonstro meu benquerer...

11/01/2025

Se da língua portuguesa vê-se o mar, do meu coração também...

Todos os países lusófonos estão em frente ao mar, pois os navegantes e suas naus impescindem de um porto.

Verdadeiro, sem igual: o mar foi a paisagem mais bonita que vi na minha infância; na vida adulta, aparece tal e qual!

Parece-me que ainda estou em busca de um porto seguro que me abrace por inteiro.

17/02/2025

Se depois da tempestade vem a bonança, faz-se a hora favorável!
Faça acontecer...

Felicidade exige ação, construção, empenho e perseverança.

É para diligentes, não contentes com a desgraça...

Que a graça divina permita sempre tê-la conosco.

Que a felicidade esteja eternizada neste momento.

Amém!

21/02/2025

Se tudo o que vive merece viver...

Se precisamos descobrir nossos dons e entregá-los ao mundo...

No fundo, já sabemos o óbvio.

Pedro, a vida é desafio, poderá dar um bom enredo.

Aqui, agora, lá ou em Itamaracá, Mara e Zilah sonham...

Seja audacioso saber de si, por si, e pelo outro.

É o único jeito de ser feliz!

Ter lampejos de alegria e graça... prenhos de eternidade!

O amanhã será feito de saudades e florescer em cada alvo-recer. Até que em sonho se desfaça.

01/03/2025

Se a felicidade não é consumista, então o que nos consome é o não saber lidar com a falta.

16/03/2025

HOJE É DIA DE POESIA

Deixar os filhos voarem, seu voo particular!

Voar... Voar... Voar.

Risco: pousarem no abismo ou no infinito!

Grito d'alma a clamar calma, que não me chega.

O temor cega, o desapego é premente, prende corpo e mente!

Ego, desejo, controle... Tolhe-me.

Liberta-me, Senhor!

17/03/2025

A vida é um mistério, um desafio e uma festa para a esperança. Ainda não entendo nada sobre a vida e sobre a morte... O que será que será?

Algum dia saberemos, ou é um conhecimento que não nos pertence?

21/03/2025

Amizade é a mais bela expressão do amor divino!

Amigo é aquele que não nos deixa perder uma oportunidade... Alegria-se com o nosso sucesso.

Que você tenha muita sorte, preparo e oportunidades. Assim, poderemos oferecer nossos dons ao mundo!

23/03/2025

Se a emoção é a cola da memória, então o bom professor é aquele que move a paixão do aluno em direção ao conhecimento com amor e alegria.

27/03/2025

Páscoa é ressurreição!

O cristão deve amar, em todo tempo e lugar, as pessoas são como elas são, não como as queremos ver.

O amor ecoa no ar, a nos purificar...

Aleluia! Aleluia!

20/04/2025

A vida é uma construção diária, é o que fazemos dela, com volúpia solitária.

Legado a formar, a preservar e deixá-lo ao mundo lindo, cruel, infundo.

Um cavalo alado, suave, suado, forte, por vezes sem norte.

Um desafio que, tecido fio a fio, servirá de acervo ou linda mortalha.

A escolha é do ser vivente, que sabe do bom viver, pois a morte é certa.

04/05/2024

HOJE, MEU TIO JOSÉ SE ENCANTOU!

Foi para onde todos, certamente, iremos ter de ir. O problema não é a morte e sim o morrer...

Já vi algumas vezes a morte próxima. Ela nunca me apavorou. O deixar de viver, talvez. Não ouvir mais a voz, o riso, o rosto, dos que amo na Terra me causa pesar.

Olhei-o com dor profunda. Há muito não era tocada por sentimentos tão desmedidos, cavados n' alma! E ele, como estaria lidando com o desenlace?

Em face disso, lembrei-me do dia que chegou de Santos, depois de atravessar o Atlântico e o coração dos que ficaram em Felgueiras – Bragança - Portugal. Era um menino, contava apenas treze anos de idade! Filho caçula, mimado pela mãe Ana Maria, minha avó, e sua irmã, a linda Amália!

Período belicoso, guerras sangrentas da descolonização portuguesa em África. Muitos batalhões morriam inteiros de tifo, malária e outras doenças tropicais, sem dar um tiro! Rios e terras contaminadas! A medicina ainda tinha muito que pesquisar e curar... Era o que se ouvia, nos dolorosos relatos familiares.

As famílias amorosas, com alguma condição, tentavam enviar os filhos para o Brasil, Argentina e outros países que recebessem europeus. “A carta de chamada” de algum parente, que se responsabilizasse pelo imigrante, era o documento oficial de entrada e permanência na terra das oportunidades.

Lá, na Aldeia, tinha uma vida boa, junto com os amigos da escola e das diversões. No Brasil, veio para a casa do jovem irmão comerciante Adriano, o mais velho, que labutava para se adaptar aos trópicos... Tropeços de toda ordem e desordem.

O choque cultural foi visível... Muito sofrimento para adaptações repentinas, pois a rotina de trabalho o aguardava, sem nenhum treinamento, só a práxis do cotidiano. Adriano e Ester foram seus guias em seguidos e seguidos dias de saudades e muitas saudades!

Os meninos não podiam completar 15 anos em terras lusitanas, pois fariam alistamento militar e o destino seria lutar em África! Avós e mães, por amor, desejavam livrá-los dos horrores da

guerra, da morte, por amor... A autonomia, a independência das colônias portuguesas em África, só aconteceria bem mais tarde, 1975!

Isso tive oportunidade de relatar, ao meu tio José, no mês da sua partida à pátria celestial. Parece que ficou aliviado, com a nova versão da sua história. Passou a vida toda ressentido pela atitude parental.

A vida é bela aventura, mas também cruel. Trabalhamos, crescemos juntos, sócio-irmão do meu amado marido Antonio, por cerca de 50 anos. Casou-se, formou uma linda família amorosa e um robusto patrimônio como legado.

Que sorte! Essa história teve um final feliz, embora toda vida termine com a morte. Será?

José, descanse em paz, com alegria e amor... Nos Campos do Senhor!

Saudades eternas, de sua sobrinha,
10/03/2025

Reunião AGL 28/05/2025
TRIBUNA 10

.....

Abel, a vida é bela e, por vezes, cruel.

Tudo o que vive merece viver!

É frágil como papel... forte, aqui ou em Bornel.

A morte acontece apenas um dia. A vida pode ser linda, por todos os dias... doce feito mel.

Antonia Vaz 25/05/2025

20/05/2025 - Dia mundial de gratidão às abelhas...

Amo abelhas, tenho um livro infanto-juvenil publicado: “A abelhinha que não sabia fazer mel!”

Herdei do avô materno, Bernardo Augusto, o amor pelas abelhas. Meu avô era apicultor, fabricava velas, era lavrador, produzia azeite no lagar de azeite, domava cavalos das florestas espanholas e portuguesas.

Somos da fronteira dos países da península Ibérica (Bragança). Atravessava o rio Douro e vendia seus produtos nos povoados... Plantava, fabricava e distribuía suas mercadorias nas aldeias desses países. Era partícipe de toda a cadeia produtiva. TDAH, como eu...tinha todas as costelas quebradas por domar os animais. Voltava a pé, pois o cavalo era a última mercadoria vendida. Trazia uma “nena”, uma boneca para cada neta na mão, com um largo sorriso no rosto.

Memórias de infância, com carinho e muita emoção,

20/05/2025

Amante das letras, há um escritor especial morando dentro de cada acadêmico(a), a reverberar o melhor do pensamento subjetivo, único em construção, fazendo um mundo melhor individual e coletivo

27/05/2025

**ANTONIO THEREZA FILHO**

O PROJETO DE PROMETEU

Há muitos milênios, bem antes da criação da raça humana e de todos os seres vivos da face da Terra, os deuses gregos viviam no monte Olimpo, numa paz e num sossego de endoidecer qualquer cristão. Não havia mais disputas entre eles desde que Zeus assumira o poder supremo e decretara a harmonia absoluta entre os deuses. Estes já não tinham motivação e nem distração e o tempo parecia não passar nunca.

O tédio tomara conta do monte Olimpo, até que os deuses em comissão foram reclamar ao chefe supremo, que se viu obrigado a convocar uma assembleia geral para discutir a questão que incomodava a todos, inclusive a ele próprio.

Aberta a sessão, Zeus fez um longo discurso abordando o tema da imortalidade dos deuses e das vantagens de não haver mais guerras entre eles. Admitiu, porém, que a vida estava muito sem graça e que algo precisava ser feito, a fim de voltarem a ter

motivação para suportarem-na, sem preocupações, por toda a eternidade.

Quando Zeus, finalmente, abriu a palavra aos participantes que porventura tivessem alguma sugestão, Prometeu, um deus de quinta categoria, levantou a mão. Epitemeu, seu irmão, que se sentava ao lado, foi logo lhe dando um chute na canela e já ia mandar o irmão abaixar o braço, quando lá do alto, Zeus disse:

— Fale, rapaz!

Então, Prometeu subiu ao púlpito menor, tomou a palavra e disse:

— Tive uma ideia: vamos criar seres mortais que guerreiem entre si. Os deuses poderão apostar em quem vai sobreviver e assim teremos diversão no Olimpo.

Zeus coçou sua longa barba, e depois de algum tempo, disse:

— Esse menino tem futuro! Você é capaz de realizar essa tarefa?

— Sim — respondeu Prometeu, todo orgulhoso.

— Então vá! E leve o seu irmão para te ajudar. Se fores bem-sucedido, serás promovido. Caso contrário, você e seu irmão perderão a imortalidade dos deuses.

Prometeu, mais que depressa, pegou no braço do irmão e vieram os dois voando até a Terra.

Epitemeu, claro, veio reclamando e continuou esbravejando depois que pisaram no solo terrestre. Prometeu, em vão, dizia ao irmão:

— Relaxa! Sei o que estou fazendo. Eu, Prometeu, prometi, vou cumprir!

Mas enquanto Prometeu foi dar uma volta para reconhecer o terreno, Epitemeu, morrendo de medo de perder a imortalidade, recolheu tudo o que achou pela frente e assim foi construindo os seres mortais.

Achou escamas e nadadeiras ao longo da praia e fabricou os peixes, golfinhos e tubarões. Mais à frente, encontrou penas e fez as aves. Adentrando um pouco mais a mata, viu várias garras espalhadas e fez os animais selvagens.

Quando Prometeu retornou do passeio, não encontrando nenhum material disponível, disse ao irmão:

— O quê? Você usou tudo?

Epitemeu, com uma calma irreconhecível, retrucou:

— Você não é esperto? Te vira!

Então, Prometeu pôs em ação o plano B. Foi voando de volta ao Olimpo e adentrou o palácio da deusa Hera, onde havia um cofre em que ficavam guardados os atributos dos deuses, para quando estes fossem condecorados. Subornou um guarda, usou de uma cópia de chave que já possuía e conseguiu roubar a Astúcia. Colocou a mesma em seu alforje e voltou sem que ninguém percebesse.

Chegando de volta à Terra, misturou argila com água e fez um boneco de barro. Ao terminar, colocou a Astúcia no peito do boneco e deixou-o de pé.

Epitemeu, que observava ao longe, disse em tom de deboche:

— Que é isso? Feinho, né?

Prometeu, sorrindo, respondeu:

— Este é o homem. Ele é feio, sim. Não tem asas, nem garras. Também não tem nadadeiras, mas tem a Astúcia! Quando quiser nadar, vai criar suas próprias nadadeiras, quando precisar lutar, vai construir suas garras; quando sentir frio, vai fabricar roupas e quando quiser voar, vai inventar asas!

E foi assim que Prometeu e Epitemeu, juntos, construíram os seres mortais para o deleite dos deuses. É certo que Zeus, depois, aperfeiçoou o projeto de Prometeu, criando a Mulher.

Afinal, tudo o que Zeus faz é bem melhor do que aquilo que Prometeu promete!

**AURA GOLD****A VELHA SENHORA (PARA MINHA MÃE AMADA)**

Passeava pelas ruas tão feliz
Parecia que nunca antes sofrera
Os maus tratos, as angústias, esquecera
Por momentos tinha um brilho no olhar...

Sentia-se leve e solta outra vez
Pensara até um objeto comprar
Absorta ficara horas a contemplar
Um pequeno mimo! Mas que insensatez...

Vida aos outros dedicada
Sacrifícios fez na juventude
Não podendo ter em seus pertences
Sequer pequenas coisas que gostava...

Naquele dia, ao sair, quisera
Dar-se a esse luxo merecido
Mas ao mirar-se no espelho tivera
A noção exata de quem era...

Uma velha, mas interessante senhora
Na face, marcas do antigo sofrimento
Ousara, porém, se ver como outrora
A jovem que quis ser nesse momento...

A PARTIDA (para meu sobrinho Elder)

Dia de Sol dourado sobre o mar
Gotas brilhantes na branca espuma
Risos, falas, alguém a cantar
Chamam para o passeio de escuna...

Olhos nervosos, trêmulas mãos
A mulher agarra-se ao mastro
As ondas erguendo-se vêm e vão
A escuna corre deixando o rastro...

Ao longe aparecem as praias lindas
Os olhares divagam pela imensidão
O prazer e o medo se misturam
Nos que ali, pela primeira vez, estão...

Na volta, o mergulho, o alívio
A saudade pelo momento vivido
A corrida, o nado até a praia
A despedida a um novo amigo...

Em casa a festa ainda continua
Risos, falas, alguém a dançar
Lá embaixo os outros, o mar
Chegam os últimos, vêm da rua...

O jovem diz que vai viajar
Nota-se-lhe um brilho no olhar
Será que ele lá fora quer buscar
O que em seu imo sabe estar?

Olhou a todos procurando apoio
Uma palavra que lhe desse ânimo
Nada, ninguém parecia se interessar
E na conversa passavam a divagar...

Num último instante ainda olhou
Expressando seu desejo na pupila
Alguém entende, mas nada fala
Esperando que ele repense na partida...

FEITIÇO

O louco vaga pelas ruas todo roto
Cantarolando uma tola melodia
Tropeça, cai, levanta e vai
Tendo como palco a fria madrugada...

Abre o latão, pega um jornal velho
Que lhe servirá de cobertor
Procura na praça o velho banco
Senta-se, come um pão para sentir calor...

Quem seria aquele homem estranho
Mais parecendo um ente encurralado
Num fosso fundo e sem saída
Sem esperança de sobreviver, calado...

Ainda guarda na face marcada pelo tempo
Traços de uma antiga dignidade
Encobertos agora pela insanidade
De quem desarvorou-se em seu viver...

Jovem e belo amou e foi amado
Teve família, teve descendência
Até que um dia ao ser abandonado
Enlouqueceu, perdendo-se na demência...

Disseram uns: coitado, foi traído
Outros, que fora inconsequente
Percebera muito tarde haver perdido
Tudo o que julgara permanente...

Muito tempo depois a cartomante
Que passava por ali sem compromisso
Vendo aquele ser desiludido
Olhou-lhe a mão e disse: foi feitiço...

A MUSA

Ela vem chegando de mansinho,
Insinuando-se, prazerosamente em sua vida
Vem cheia de promessas e encantos
E logo conquista seu coração e mente.

É bela e sedutora, plena de paixão
Seu cheiro é doce, seu gosto é bom
Sabe que a todos pode dominar
Para isso bastando oferecer-se.

Não há quem resista a seu apelo
Tudo fica mais leve quando ela entra
Girando, vai, rindo e dançando cada vez mais
Expandindo em todos, insólitos movimentos.

Uns já perderam tudo por ela
Outros a renegaram, mas quase sempre voltam
Há os que jamais pensam em deixá-la
Numa fidelidade que os levará à morte.

Os que se afastaram ficam tristes
Os que se apaixonaram correm riscos
Ela é aquela que tudo sempre exigirá
É o fenômeno etílico, bebida, musa que o matará.

A CABELEIREIRA

Algumas vezes graciosa e sorridente
Outras tão quieta e silente
A ela recorremos com frequência
Para enfeitar-nos a aparência

Conversamos, rimos e até choramos
Despejando ali as nossas neuras
Ela ouve, atende e aconselha
Até dá dicas terapêuticas

Muitas vezes esquecemos de ouvi-la
De perguntar se podemos ajudá-la
No nosso afã de só desabafarmos,
Não nos preocupamos em ampará-la

Ela entende, sorri, perdoa e continua
Ouvindo, respondendo e ajudando
Um dia, quem sabe a vez será sua
De falar de si nos penteando

O ANJO AZUL

Homem de pouca fé, por que não acreditaste?
Quando tivestes à tua frente a bendita oportunidade.
O medo mais uma vez invadiu teu coração.
E qual gazela fugidia, deixaste escapar o momento.
Quantas vezes mais poderás sentir essa presença?
Quantas chances ainda terás?

Na noite fria e escura viveste o teu tempo.
O vento gelado soprando por todo teu corpo.
Não conseguias ver a Luz no fim do túnel.
E de repente ouves o rufar das asas angelicais,
Ensaando o convite divino aos teus pobres ouvidos.
E o que fazes, ó viandante dos tantos tempos?

Cobre-te de medo e insegurança descabidos,
Escondes entre a mãos a cabeça insana,
Deixando passar uma vez mais a doação divina.

O que esperas agora, homem de Deus?
Acaso não sabes que esses Fiats só acontecem raramente?
O tempo novamente passará sobre ti.
A noite ainda te cobrirá o corpo dolorido e ferido.
E, quem sabe um dia, que esperas breve, surgirá de novo
Aquele que te estendeu as asas resplandecentes de amor.

**BISMAEL B. MORAES**

OS FABRICANTES DA MORTE E A RETÓRICA ANTI-VIOLÊNCIA

A propósito de armas em guerras, revoluções, golpes de Estado, atentados terroristas, chacinas, assim como nos casos de crimes comuns - lesões corporais, homicídios, roubos, assaltos, extorsões de toda ordem, e mesmo acidentes com armas envolvendo crianças, há perguntas que, “misteriosamente”, jamais são feitas, nem mesmo em teses científicas, de pós-graduação em Direito, ou em Sociologia, ou em Ciência Política: por que esse silêncio pernicioso e constrangedor, esse mutismo sepulcral, altamente nocivo aos indivíduos e à coletividade, em relação aos fabricantes de armas, munições e demais apetrechos especificamente destinados à produção de violência, de sequelas, de mortes e de lágrimas? Será que a vida humana vale menos do que as cifras e as políticas armamentistas?

Assim, não há no mundo uma morte por arma de fogo que não tenha por responsável mediato o grande fabricante de armas e munições, já que os gastos com esses instrumentos, segundo estatística, são de 30 a 40 milhões de dólares por hora, o que equivale a inúmeros bilhões nos cofres e nos bolsos desses magnatas de um produto de fácil consumo, tanto para os governos como para os vaidosos, que falam de segurança pública, mas ainda não aprenderam a viver em paz na sociedade e só argumentam com o dedo no gatilho. (Por isso, pelo menos as despesas com hospital ou funeral deveriam ser ressarcidas pelos fabricantes desses instrumentos letais!).

De tanto discurso vazio e da retórica antiviolença, quase já não se pode falar de ética nesse campo. Por isso, se a paz e a vida não merecem constante atenção das pessoas e do Estado, a não ser quando a violência e a morte já se instalaram, então o ser humano não passa de uma besta irracional e insensível, que recebe justamente o que lhe cabe, no seio da sociedade a que pertence e, assim, não pode reclamar do mal que o envolve. E isso vale para todos: governantes e governados, letrados ou analfabetos, doutos ou toupeiras, ricos ou pobres, e qualquer raça, sexo, cor ou religião.

Porque, em regra, o ser humano de consciência moral ainda parca, em regra, visa sempre ao cargo e não ao encargo correspondente. Por exemplo, esquecem de institucionalizar a cultura da prevenção, possível e econômica, preferindo a repressão precária, embora cara e funesta.

A indústria da violência, silenciosa e explosiva, está à nossa volta, nos campos, nas cidades, na indústria, no comércio, nas escolas, nas igrejas, manipulada por interesses econômicos e políticos, disseminada pelos órgãos de comunicação, sob argumentação de que “é informação”, e é assimilada pela massa anestesiada, que se arma para matar, com a “justificativa” de que o faz para se defender! E, com esse deplorável sonífero antisocial, ninguém acorda para a prevenção criminal, nem mesmo os assim chamados “órgãos de segurança” federais, estaduais e municipais!

O que fazer? Como a vida é o bem mais precioso, e no intuito de evitar lágrimas e prejuízos morais e materiais já sem retorno, qualquer pessoa que se diga responsável e consciente deve defender a institucionalização dos meios preventivos contra a violência e o crime, envolvendo a família, a escola, a empresa, e todos os órgãos do Estado — do Executivo, do Legislativo e do Judiciário —, incentivando-se as políticas de prevenção criminal sem armas, com esclarecimento e ofertas de prêmios, mostrando os benefícios de se evitar o mal antes que ele se instale, e perseverar no bem até as suas últimas consequências, mostrando, com exemplos e atitudes, se, de fato, podemos aspirar à paz!

Não é estranho que os crimes, em regra, só ocorram onde não há policiamento preventivo-ostensivo ininterrupto? Todos falam do medo contra a violência e o crime, mas não existe nenhuma política efetiva de prevenção criminal no Brasil. Com alvíssaras às avessas, cuida-se apenas do fato consumado, no rastro das manchetes da imprensa e das imagens da televisão.

Diante da máxima popular de que “um exemplo vale mais do que mil palavras”, e tendo em vista que, no mundo inteiro, todos os povos, com ou sem religião, devem preferir a paz e a segurança, não seria um bom momento de instigar o discurso ético de muitos brasileiros pela justiça e sua retórica antiviolência? Para que serve a ética?

**BOSCO MACIEL**

A CULTURA EM CATARSE

Andando pelo centro da cidade, encontrei Zé de Dalina, um antigo amigo meu. Um desses caras que lutam por uma Cultura Popular que reflita a vontade do artista, e, responda aos puros anseios do povo. Nós nos cumprimentamos, e ele já foi dizendo:

— Rapaz, eu tenho umas coisas pra falar...

E começou a despejar...

— Tu sabes a diferença entre Cultura popular e Cultura de massa?

Não deu tempo nem de preparar a resposta, e ele já arrematou:

— A Cultura popular é a Cultura que nasce do povo expressando a alma de cada um. A Cultura de massa é a cultura que é imposta ao povo, por interesses financeiros de “Poderosos”.

E, mandou mais uma:

—Tu sabes o que é Identidade cultural?

E ele mesmo respondeu:

— Identidade cultural é a propriedade do cidadão que, repleta de valores culturais, enaltece os sons, as cores, as formas, os cheiros, os sabores e os costumes de sua terra. Leon Tolstói já expressava este princípio quando disse: “Só seremos universais se conhecermos e amarmos nossa aldeia”.

E, seguiu em frente:

— E, são os artistas, fazendo arte com talento e sensibilidade, os responsáveis por estimular o povo a produzir Cultura. E um povo que produz sua própria Cultura é um povo com ‘identidade cultural.

E, com eloquência, e gestos visivelmente acentuados, prosseguiu:

— Se, como vimos, é tão fundamental a ação dos artistas como agentes culturais, faz-se necessário que os mesmos disponham de um cenário favorável à execução de seus papéis. E, por isso, cabem algumas considerações. Por exemplo: É preciso que os artistas atuem (cada vez mais) coletivamente, cobrando ações do poder público em favor da Cultura, assim como que os homens públicos entendam a importância da Cultura para a formação de uma sociedade plena. Se estas questões não forem minimamente resolvidas, seguiremos tendo, de um lado da ponte, fazedores de cultura com pastas de projetos culturais embaixo do braço. Do outro lado, políticos sentados em cima de um cofre, com uma folha de papel na mão onde se lê: “Mil maneiras de dificultar o acesso do dinheiro público aos Fazedores de cultura”. E essa ponte precisa ser transposta, pois os agentes culturais precisam do dinheiro público a eles destinados por lei, para fazerem cultura.

Parou para respirar, e mandou ver:

— Percebo também um descompasso no diálogo entre a Classe Cultural e a Classe Empresarial. Nessa relação, os agentes culturais não têm acesso aos empresários. Muitas cidades brasileiras dispõem de um parque industrial, de um comércio e de um

setor de prestação de serviços. No entanto, toda essa riqueza passa distante da realidade cultural. Talvez, pelo desejo capitalista dos empresários, de obter lucro imediato nos projetos culturais. Quando esse lucro pode vir, não só da realização de projetos culturais, mas dos cidadãos cultos, renascidos da execução desses mesmos projetos. Basta que, para isso, os empresários abram suas portas para os agentes culturais com oficinas culturais, shows musicais, aulas de música, teatro, nas lojas comerciais, nos hotéis, nas fábricas. Enquanto isso não acontecer, haverá muito dinheiro para a realização de megashows para apresentações de bandas e artistas estrangeiros, enchendo estádios por esse Brasil afora.

Agora Zé de Dalina entrava nos finalmente...

— Diante das dificuldades acima expostas, de mais outras aqui não levantadas, e da necessidade de se vislumbrarem novas propostas, faz-se necessário que os artistas se organizem para, através de discussão ampla, construírem suas legítimas reivindicações. É com organizações consistentes que as ideias se materializam, abrindo janelas para projetos sólidos e coesos. É nos debates, encontros e fóruns que os problemas são discutidos. E quanto mais plurais os encontros, mais representativos são os resultados. Sempre com a consciência de que esses eventos são passos iniciais e preparatórios no caminho que conduz à valorização da Arte e da Cultura no Brasil.

Ele, já se preparando para sair, voltou-se pra mim e disse:

— Quando cada um se mostra como parte da história, o todo se traduz em reserva de imensa sabedoria.

E já sumiu no meio do povo...

Eu fiquei ali parado, pensando em tudo que Zé de Dalina havia me falado. Deduzi que a condução de uma política cultural pelo poder público deve levar em conta a vontade dos que executam as ações culturais. Concluindo que o contrário disso estimula

o surgimento de bolhas de improdutividade e de conflitos dentro dos processos administrativos... Foi quando me veio à mente uma frase do poeta Castelo Hanssen: “O palhaço não pode ser o dono do Circo, porque ele entende apenas de arte, não entende de dinheiro”. E eu, ainda extasiado com a fala de Zé de Dalina, imaginei o que ele talvez dissesse ao poeta como réplica: “O palhaço não. Mas o bilheteiro sim, pode ser o dono do Circo. Pois ele não tem a habilidade do trapezista, mas sabe o que o circo precisa para o espetáculo não parar.”

AOS POETAS MORTOS

Existem três tipos de tratamento “post-mortem” para poetas, escritores, artistas e correlatos que são julgados com esse “direito” de passarem para a posteridade, pelos poderosos.

Primeiro: Os “Esquecidos” em razão do que escreveram sem se incomodarem com as chamas das “Narinas do Dragão”. Estes escreveram palavras, ideias e pensamentos que batiam de frente com as regras prontas e estabelecidas pela Corte, e jamais serão lembrados.

Segundo: Os “Homenageados”. Estes escreveram o produto do que lhes vinha à cabeça. Com a preocupação apenas de distribuir fantasia, lucidez e sabedoria, sempre de alerta ligado para defender-se dos ataques do “Dragão”. Estes serão nomes de escolas, de ruas, de logradouros públicos. E, se conseguiram plantar seu nome no imaginário popular, poderão ter até um feriado comemorativo ao nascimento ou à morte.

Terceiro: Os “Cagados”. Estes foram e sempre serão vítimas de fragorosa injustiça. Os caras se destacaram. Fizeram história. Suas obras percorreram o mundo, criando paradigmas, mudando cabeças, fabricando ilusões, combatendo Dragões e defendendo Princesas, invadindo barracos, profanando catedrais, demolindo

Reinados, Castelos e Condados. E, por interesse velado dos “Dragões” e dos “Poderes Paralelos”, a estes foi reservado o descaso. Quando muito, sobram de sua memória fotografias amareladas, e recortes de jornais chamuscados pelo tempo, em porções de museus abandonados, ou em caixas de sapato esquecidas em fundos de guarda-roupas, que cheiram naftalina ou mofo (conforme o status social da família). E, pra completar o castigo, são vistos diariamente quietos e estáticos sob a prisão de uma estátua de bronze envelhecida, em um canto sujo (com odor de mijó dos moradores de rua) de alguma praça da cidade, laureados apenas pelos pompos, que em ato de piedade lhes cagam à cabeça diariamente.

CARTA ABERTA AO PAPA FRANCISCO

Papa Francisco, sou eu, Bosco Maciel, mais uma vez pedindo sua atenção para nosso “Padim Frei Damião” — nome civil Pio Giannotti, nascido em Massarosa (Toscana, Itália), em 5/12/1898. Faleceu com 99 anos, em Recife (Pernambuco, Brasil), em 31/05/1997. E o Senhor sabe que o povo nordestino já está agonizando porque o nosso Padim (coitadin) segue esperando na fila.

Tempos atrás, sob sua reconhecida “coerência” e “coragem”, o Vaticano conferiu ao nosso Frei Damião o título de Venerável. Sim, Papa Francisco, ficamos felizes com a sagração ao nosso Santo Nordestino! Mas acho que o Senhor pode fazer mais. O Senhor pode oficializá-lo como santo em espaço de tempo menor do que o estabelecido nas Leis Canônicas Católico-Romanas. O Senhor pode até pular a fase da Beatificação. Isso mesmo. Não precisa nem beatificar, canonize (santifique) logo nosso Frei Damião. Sabe por quê? Porque, para os Nordestinos, Frei Damião já é santo desde as primeiras Santas Missões realizadas por ele no chão seco dos sertões, ainda no raiar do século XX, quando suas jornadas diárias se iniciavam com uma procissão iluminada à

luz de velas, cânticos e rezas, pelas escuras madrugadas do sertão paraibano; e se estendiam (sob sol escaldante) com ele recebendo confissões do povo que o rodeava, só parando à noite, quando se entregava ao repouso em casas pobres, dormindo em esteira no chão.

Aí o Senhor pode me dizer: “Bosco, isso que você pede é quase impossível. Existem os Ritos Canônicos (seculares) que regem esse processo. E a Canonização se faz viável apenas para postulante que tenha milagre feito e comprovado”. E nosso pontífice pode até acrescentar: “Aproveito para pedir-te que me mostre pelo menos um milagre realizado pelo capuchinho Frei Damião”. O que me leva a responder: “Papa Francisco, pois se prepare, que eu mostro e é já! E o que vou falar a seguir, pode perguntar para qualquer paraibano de Cajazeiras (a cidade que ensinou a Paraíba a ler), que confirmará tudo ‘tim-tim por tim-tim’”:

Pois, eu e papai (Seu Zé Cardoso) estávamos na Igreja São João Bosco (hoje Nossa Senhora da Piedade), nos idos de 1958 (eu tinha 8 anos de idade), para assistir à homilia de Frei Damião. Ele estava confessando uma infinidade de pessoas (desde 5h da manhã) e já eram 8h da noite. Mas o povo seguia em frente à igreja (tinha muita gente) lhe esperando. Depois de Frei Damião ouvir o último que se ajoelhou no confessionário, ele veio à frente da igreja para proferir sua costumeira e esperada homilia (tarefa sagrada em suas missões peregrinadas pelos sertões dos estados nordestinos que compõem o Polígono das Secas). Logo que subiu ao púlpito, o céu começou a estremecer com tantos relâmpagos, trovões e nuvens escuras pesadas e ameaçadoras. Prenunciava cair uma chuva da grossa (um temporal como se diz no sul do país). O povo que estava pronto para ouvi-lo começou a querer dispersar, procurando abrigo para se proteger do temporal. Foi quando Frei Damião, olhando para o povo (de dedo em riste, apontando para o alto) gritou: “Não saia ninguém!” E olhando para o céu, com voz mais forte ainda, ordenou: “Que não caia um pingo d’água, eu ordeno. Não vai chover, não! Agora não!”.

Rapaz, eu sei que o céu começou a se aquietar, os relâmpagos já não chicoteavam, os trovões silenciaram e as nuvens (de rabo entre as pernas) se esconderam em perceptível submissão ao nosso Padim. E o tempo foi limpando, limpando, limpando, até não se ver mais qualquer ameaça de chuva. Aí, o povo feliz, com o céu calmo, ouviu mais uma homilia de nosso Padim Frei Damião!

Papa Francisco, sabemos que Frei Damião é um santo consagrado pelo povo, e sua Canonização deixará esse mesmo povo feliz com a conclusão deste capítulo de sua história, vivida nos sertões! E mais: com sua Canonização, poderemos construir uma capela (pequena que seja) para ele, onde poderemos dirigir-lhe nossas rezas. Vou dizer uma coisa, vou dizer devagarin pro Senhor entender bem. Eu confesso, do fundo do meu coração, que, ainda em vida, quero ter a felicidade de colocar uma pedra no alicerce de uma capela de meu Padim Frei Damião! Assinado Bosco Maciel - poeta, folclorista, cantador, fundador da Casa dos Cordéis, Presidente da Academia Guarulhense de Letras (AGL) (2024), em Guarulhos-SP, Membro fundador da Academia Cajazeirense de Artes e Letras (Acal), em Cajazeiras-PB.

COISAS DE SÃO FRANCISCO

Foi quando Fernando reclamou: “Francisco, e agora? Você deve estar brincando! Eu pedi pra você me mostrar uma obra de arte em linhas, formas e cores, feita pelas mãos divinas de Deus, o arquiteto do universo. E você me mostra (veja foto) esse pássaro estranho, esquelético, canelas finas, e de cabeça arrepiada? Explique-me por que a escolha”. São Francisco de Assis, com cara de espanto, respondeu ao amigo Fernando, também conhecido como Santo Antônio de Pádua: “Sim. Você pediu que eu mostrasse a foto de uma obra (enquanto deslizava nervosamente o dedo sobre o

visor de seu celular, para ter certeza que estava na foto certa), feita pelas mãos divinas de Deus, nosso pai, e eu estou te mostrando”.

E justificou: “Quinta-feira passada fui ao atelier de Nosso Senhor e pedi a ele que fizesse um anjo pra mim. E Deus, o Criador de todas as coisas, asperamente me respondeu: ‘Francisco, você está ficando doido? Como fazer um anjo? Eu sou Deus, o criador do céu e da terra. portanto, milagre eu faço, mas isso que você está pedindo, não. Não sou mágico! Normalmente, você traz um passarinho, uma tartaruga, uma borboleta, enfim..., e pede para eu colorir os bichinhos. E eu tenho prazer em te atender, pois, com seus pedidos, vamos mantendo a natureza bela e formosa. Agora, fazer anjo?’”

Então, eu esclareci: “Meu senhor, eu trouxe um passarinho; era uma garça que eu havia recolhido num esgoto que deságua nas águas poluídas do rio Tietê, em São Paulo. Ela estava feinha, maltratada mesmo. Eu queria vê-la voando de novo, assim como naturalmente voam os anjos.”

E Deus, Nosso Pai Maior, agora demonstrando curiosidade, falou-me: “Cadê a garça?” Rapidamente, abri minha mochila, e com muito cuidado, retirei a bichinha. E então, Deus, o Senhor do universo, falou: “Segure a garça pra mim.”. Eu segurei o pássaro, e coloquei bem ao seu alcance. Ele fechou os olhos, concentrou-se, impôs suas mãos sobre a bichinha e usou de seus magnânimos poderes por uns três segundos, enquanto reinava um absoluto silêncio no ambiente.

Em seguida, calmamente, falou-me: “Pronto! Seu pedido foi atendido!”. Fiquei muito feliz, mas percebi que faltava alguma coisa, pois a garça continuava branca, sem um pingão de colorido, exatamente como estava antes da intervenção divino-magnética. Então, educadamente, manifestei minha frustração: “Meu Senhor, Deus Pai Todo Poderoso, desculpe-me, mas a garça continua igual.”

E Nosso Senhor, o Rei dos Reis, do cimo de sua sabedoria, respondeu: “Absolutamente! Ela não é mais a mesma. Você não a viu voando ainda.” E sugeriu-me: “Solte-a, deixe a garça voar!”. Toninho, desculpe-me, Santo Antônio de Pádua. Obedeci na hora. Soltei a garça. A danadinha voou, batendo asas acima de nossas cabeças, e em seguida parou no ar bem à nossa frente, posando igualzinho um anjo. Foi quando aproveitei para clicar. E olhando para o amigo, São Francisco arremata: “Você a acha feia, é? Pois eu não acho!”

ZÉ CARDOSO E SEU LEGADO DE SONHO E FANTASIA

Calmo e tranquilo, e com seu jeito manso de falar, cativava a todos. Assim era Zé Cardoso (torneiro mecânico), de Cajazeiras -PB, a cidade que ensinou a Paraíba a ler. Iniciou-se como profissional no motor (fábrica de beneficiamento de algodão) de Major Galdino, no final dos anos 40 do século passado. E, na profissão, nos anos 50, trabalhou na Oficina de Maciel, onde usinava pontas de capa de caminhões, com altíssima precisão, o que o tornou conhecido em toda região como um profissional extremamente habilidoso e criativo. Já nos anos 60, em sua oficina São Cristóvão, apenas com seu torno de 1,5m, (financiado por Dr. Gineto - Higino Pires Ferreira, em Campina Grande, a quem ele pagou religiosamente em prestações mensais de oito mil reis), Zé Cardoso conseguia restaurar todos os componentes de um motor industrial (pistão, segmentos, bronzinas, camisa, virabrequim - cambota). Sem falar dos lindos piões torneados em miolo de aroeira e pau de goiabeira, que ele fazia em horas de folga, com os quais fantasiei toda minha infância.

Tenho a certeza que papai, antes de ser um torneiro mecânico, era um artista sensível e talentoso. Ele admirava as cores e os traços dos quadros de Severino Oliveira (irmão de Chico Oliveira,

seu grande amigo, e também muito talentoso), que apresentou papai com uma obra em grafite do presidente Getúlio Vargas, mais perfeita que uma fotografia. Papai gostava de música e ouvia rádio com frequência. E, quando o aparelho pifava, pedia para eu levar para Galdino Vilante fazer o conserto. Adorava festas populares, e como brincante carnavalesco (participava do Bloco Mamãe Sem Nora). Saía para brincar o carnaval na sexta-feira e só voltava pra casa na quarta-feira de cinzas. Era um assíduo frequentador do Cine Éden.

Ele nos levava (a mim, meus irmãos e irmãs) para assistir a filmes de Mazzaropi, Jerry Lewis, e Cantinflas. Nas matinês de domingo assistíamos a séries, como Terror dos Espiões. Mas uma coisa que me acompanha em todos os dias de minha vida, como uma doce lembrança, era ele me levar (eu tinha incipientes sete a oito anos de idade) para assistir à missa de 5h da manhã na Igreja Matriz Nossa Sra. de Fátima (ainda exalando o cheiro de Conhaque São João da Barra, que havia bebido na noite anterior). Passávamos embaixo de uma quaresmeira que espargia beleza e perfume por toda a calçada onde, anos depois, seria construída a residência do Seu Arcanjo. Já chegando à igreja, parávamos no Oitão para ouvir os Cegos (Esmoleres) cantadores, que com seus instrumentos (uma corda de aço presa a duas latas de leite em pó, açoitada por uma haste de ferro) cantavam toadas a Santa Luzia.

Ao chegar na igreja, o dia já nascendo, eu — sem interesse pela celebração da missa —, me deliciava vendo o Sol (majestoso) atravessar os coloridos vitrais, que alimentavam a minha (ainda tenra) alma de artista... e, assim, papai (em sua simples genialidade) nos apresentou (a mim, a meus irmãos e irmãs), o fascínio do mundo das artes. Hoje, anos depois, vivendo em terras do sul, eu, Bosco Maciel, mantenho a certeza de que devo esta minha vida imersa no mundo das artes e da cultura ao nosso pai Zé Cardoso — um fazedor de sonho e fantasia.

**CLARIMUNDO OLIVEIRA AGUIAR**

O MENINO

Estava uma noite deslumbrante: sobre as águas da represa, a lua espiava sua beleza refletida no imenso espelho azul. A praça matriz, onde habitualmente os moradores se encontravam para pôr em dia todas as notícias importantes para uma pequena cidade, estava vazia. Os alto-falantes, pendentes nos postes, há pouco haviam deixado de anunciar os comerciantes do lugar; uma brisa fresca, vinda do lago, amenizava o mormaço da noite.

Atravessando a praça principal, esgueirando-se entre as sombras, um vulto procura, sem ser percebido, o caminho da praia. A distância de dois quarteirões que o separa do seu objetivo parece-lhe interminável, pois toda vez que ficava a descoberto sob a luz da lua, o medo e a precaução tornavam-se mais evidentes; finalmente, à beira da água, procura um pequeno bote e perde-se como um ponto no meio da represa.

No dia seguinte, quando o Sol despontava por detrás da Serra Mineira e os primeiros pássaros anunciavam o nascimento da aurora, o povo trabalhador preparava-se para enfrentar um novo dia, metódica e repetidamente igual ao anterior, como sempre, nada de novo iria acontecer. Porém esse dia não seria igual ao anterior e tampouco aos outros tantos: esse era diferente, como diferente estava o Sol, num tom de ouro avermelhado.

Naquela manhã quente de dezembro, a natureza conclamava todos os habitantes a irem até a praça da matriz, para verem algo até então indubitável. Nos pequenos lugarejos, o uso do telefone, invento maravilhoso e indispensável, não costuma ser necessário: a notícia em poucos minutos correu toda a cidade e o povaréu acotovelou-se na tentativa de poder ver a novidade. Aí, pasmem, junto ao mastro, bem em frente da torre da igreja de Santo Antônio estava o motivo de tanto alvoroço. Uma criança, um menino recém-nascido, todo moreninho, todo caboclo, de grandes olhos negros e cachos de azeviche.

Era geral a pergunta que todos faziam: de onde teria vindo tão lindo menino? Só poderia ter vindo de outros lugares. Como teria chegado até ali?

As comadres do lugar tentam, em vão, encontrar entre as moças da cidade a culpada, a mãe desnaturada que abandonara o próprio filho durante a calada da noite. Nenhuma se encaixava em tal ocorrência.

Com a chegada do corpo policial, logo a situação foi controlada: o menino recolhido à delegacia local, onde o delegado esperava, no mais breve tempo possível, localizar o responsável pelo abandono.

Falta relatar outro fato estranho, que havia passado despercebido, não só à polícia, como a toda a população do lugar: O San-

to Antônio com o menino, que ficava no nicho com porta de vidro, bem no centro da torre da igreja, tinha sumido, sem, entretanto, que a porta tivesse sido aberta ou o vidro quebrado. O vigário só veio a dar por falta da imagem na manhã do dia seguinte, quando providenciou, junto à autoridade, o relato do roubo do santo.

Com a chegada do menino na delegacia, toda a rotina fora quebrada. Todos desdobravam-se na tentativa de proporcionar-lhe o necessário conforto. Em todos ele havia despertado um maravilhoso sentimento de amor ao próximo. Novidades como esta geralmente criam nas pessoas sentimentos estranhos, tais como: solidariedade, irmandade e outros. Também o ocorrido provocara nas pessoas do lugar esse fenômeno; todos procuravam obter a guarda do menino. Eram tantos os pais adotivos para uma só criança, que a autoridade local, a bem de toda a população, resolveu entregar o menino para a creche de lá, onde todos poderiam ser, simultaneamente, pais e padrinhos.

No dia seguinte ao marcante acontecimento, notava-se pela cidade um ar estranho: o céu estava mais azul e o verde das matas estava irradiante. Todos como que acompanhando o júbilo da natureza; estavam alegres e corteses; a população, imbuída do mais alto espírito humanitário, procurava levar à creche roupas, leite e brinquedos.

Com o passar dos dias, a notícia que uma criancinha fora encontrada na praça da matriz correu por todas as cidades vizinhas. Formaram-se romarias para verem o tão decantado menino. Eram tantas as oferendas em dinheiro e gêneros, que houve por bem, com o aval da Câmara Municipal, nomear o tesoureiro, que teria a incumbência de dar recebimento aos valores ofertados.

Para esse cargo, o prefeito tinha já a pessoa certa: um cunhado imprestável, mas de toda a confiança e obediência, que sem dú-

vida alguma só iria fazer o que ele desejasse. As romarias foram se sucedendo, numa atividade sempre crescente; conseqüentemente, os boatos de milagres traziam à cidade centenas de peregrinos, que se acotovelavam em frente à creche, na tentativa de sentirem a presença do menino. Diziam que só a presença ou o contato com alguma coisa que tivesse lhe pertencido promovia curas tão miraculosas, que iam desde a da paraplegia até a da cegueira total. Escusado será dizer que pedaços de fraldas eram disputados a preço de ouro e já não havia fraldas que chegassem para tantos devotos.

Assim, a pequena cidade foi se desenvolvendo, o comércio incipiente tornou-se forte e opulento. As pessoas, até então simples, mais se conformavam a ter uma vida sem os benefícios do progresso. Mas, fato estranho: antes não havia uma só criança abandonada pela cidade. Entretanto, esse número vinha crescendo assustadoramente desde o aparecimento do menino. Eram meninos e meninas com idade variando de três a dez anos, que perambulavam pela beira da praia e pelas praças da cidade, pedindo esmolas aos romeiros e dormindo ao relento sob as árvores ou no adro da igreja. As reclamações na Prefeitura eram constantes. Os bons e devotos comerciantes pediam providências: a Prefeitura deveria terminar de uma vez por todas com o inferninho provocado por essa “catraia miúda”.

Conclamou-se então uma assembleia geral dos ilustres vereadores do município. Constavam na pauta da reunião os novos investimentos, os novos impostos a serem criados e o tratamento da infância desvalida, agora assunto prioritário de toda a municipalidade.

Os ilustres vereadores apresentaram várias propostas para o problema das crianças, que iam desde a criação de um colégio interno, que desse abrigo às que estavam e às que porventura viessem a surgir. Porém, como sempre, a praticidade é fator primor-

dial: optou-se pelo mais prático e econômico. As pestinhas seriam levadas a outras cidades, o quanto mais distantes possível, de tal modo que não mais viessem a perturbar os bons cidadãos. Com a magnanimidade dos justos, decidiu-se que pelos meados de abril, antes das romarias da Páscoa, todas seriam embarcadas em ônibus da Prefeitura e levadas para bem longe.

Ao desaparecimento da imagem de Santo Antônio, ninguém mais prestara atenção. O delegado já havia esquecido o incidente e como não fora encontrado o ladrão e tampouco o santo, o nicho permanecia vazio, com sua porta fechada a cadeado, do qual nem a chave se sabia onde estava. A comunidade tinha outras coisas mais importantes a cuidar, outras ocupações e prioridades.

No afã de cada um tornar-se rico, foram abandonadas todas as atividades tradicionais; a roça, até então a principal fonte de riqueza e sobrevivência da região, fora abandonada, a safra plantada na primavera anterior não fora colhida. Os donos da terra não podiam perder tempo, pois vinham concentrando todos os seus esforços em uma atividade muito mais fácil e rendosa. Os pequenos lavradores e trabalhadores rurais deixaram de lado suas enxadas e utensílios e foram vender velas, pedaços de fraldas e roupinhas com atribuído certificado de uso pelo menino santo, devidamente comprovados com certidões de autenticidade. As propriedades, abandonadas e desvalorizadas, eram vendidas por qualquer preço, para se converterem em bugigangas várias, que seriam comercializadas.

Não é que estamos esquecendo a principal personagem de nossa crônica: o menino de cor crioula, de grandes olhos e cabelos negros. Para ele fora construído um enorme quarto com uma parede de vidro; era como se fosse um grande nicho, fechado e aferrolhado, onde só as pessoas de confiança podiam transitar e ter o privilégio de cuidar de tão bela criatura. Os romeiros ficavam

atrás do vidro protetor, sempre com a presença de dois policiais, para dar guarda e impedir que o anjinho fosse perturbado.

O rápido crescimento urbano, associado à grande população flutuante, transformou a pacata cidade num pequeno inferno, onde imperava a cobiça e a avareza; multidão de vendilhões ocupavam todo o centro da cidade; onde outrora as pessoas juntavam-se para comentar e trocar ideias, ou simplesmente cultivar amizades, era hoje um verdadeiro pátio dos milagres, centro dos desocupados e dos sem-teto.

Na véspera do prazo marcado, o prefeito já designara os ônibus necessários para a remoção de todas as crianças vadias da cidade.

O dia amanhecera carrancudo e chuvoso. Fazia dias que o menino caboclo vinha apresentando sinais de estar doente: não mais se alimentava como antes e a tez morena aos poucos ia amarelando; os grandes olhos negros estavam sem aquele brilho divino, mas ainda amorosamente expressivos, procurando entre todos os que o cercavam um verdadeiro afeto, uma pequena chama de amor desprovida de ambição. Mas era em vão. Tornara-se um simples objeto e toda essa atenção não passava de mero profissionalismo das pessoas contratadas para o seu bem-estar. Para tratá-lo foram contratados médicos dos grandes centros, inclusive até da Capital do Estado. Todavia, nenhum dos professores conseguia atinar com a doença que aos poucos minava a estranha criança. Nos primeiros tempos era toda sorriso; hoje os olhos marejavam, sem contudo chorar ou berrar, como faz qualquer criança.

Pelas cinco horas da tarde, nuvens carregadas cobriam o horizonte, de tal modo que as luzes da rua foram ligadas. Os rádios e as televisões apresentaram forte interferência de uma tempestade magnética que pairava sobre a cidade. Era como se o Império Celeste estivesse revoltado com o que estava acontecendo lá embaixo.

Durante aquela estranha escuridão, o delegado lembrou-se do desaparecimento do santo e, obedecendo aos trâmites legais, convocou o vigário para os esclarecimentos sobre o desaparecimento do Santo Antônio. Como já se passara cerca de quatro meses, e o vigário nada tinha a informar, o Dr. Delegado mandou arquivar o processo, por impossibilidade de verificação. Tanto mais, que todas as atenções estavam voltadas para o menino milagroso e ninguém mais se lembrava do roubo do Santo Padroeiro.

Enquanto naquele imenso palco a vida ia seguindo quase normalmente, nos bastidores urdiam-se traições e maquinações. O presidente da Câmara tinha convocado uma assembleia extraordinária, com o pretexto dos vereadores fazerem um levantamento dos acontecimentos dos últimos quatro meses, desde o aparecimento do menino. Porém, tinham como objetivo principal a cassação do tesoureiro nomeado pelo prefeito. Contava no momento com quase metade da Assembleia Municipal; bastava agora tão somente controlar a votação, nem que para isso tivesse de subornar alguns dos edis. Assim, no dia seguinte, o tesoureiro seria gente de sua confiança e todo aquele dinheiro estaria sob o seu controle.

Durante os últimos meses, a classe burguesa estava em franco desenvolvimento, as contas bancárias estavam engordando e os investimentos pessoais estavam crescendo a olhos vistos. Muitos tinham adquirido terras e sítios que tinham sido abandonados pelos seus proprietários. Na procura do lucro fácil, venderam tudo o que possuíam, para poderem especular como comerciantes, adquirindo toda e qualquer espécie de quinquilharias e guloseimas. Esses homens, até então independentes, tomaram-se dependentes de uma atividade para a qual não estavam preparados, escravos dos bancos, dos fornecedores. E atualmente nada mais possuíam, a não ser os filhos e os sonhos.

Enquanto transcorria a sessão da Assembleia da Câmara Municipal, com os consequentes duelos entre as partes rivais, o estado de saúde do pequeno paciente estava cada vez pior: não mais se alimentava por via oral, mas somente por soro e a respiração estava sendo processada por balão de oxigênio.

Já noite alta, um vulto vindo do lago atravessa os dois quarteirões que separam o lago da praça da matriz e segue direto à creche onde se encontra o pequeno moribundo. A noite escura e o denso nevoeiro que se abatera sobre a cidade permitiam a sua locomoção rápida. Entrou no quarto atravessando a parede de vidro e voltou rapidamente, sem ser notado por ninguém, perdendo-se totalmente na escuridão da noite.

Na manhã seguinte, nem os vendilhões nem os comerciantes sabiam do que havia ocorrido na noite anterior. Todos se preparavam para um novo dia, por cima do lixo acumulado dos outros dias. Nem mesmo as pessoas que protegiam o menino haviam notado a sua falta. O prefeito fora dormir derrotado pelo seu rival político. O presidente da Câmara exaltava de contentamento: tinha conseguido tirar do prefeito o cargo do tesoureiro.

Porém, a realidade estava de volta: no momento em que a enfermeira que dormia ao lado da criança notou a sua falta, ficou atônita, pois tudo permanecia fechado, o vidro intacto e as portas guardadas e devidamente fechadas. A polícia foi imediatamente chamada e notificada. Para o Dr. Delegado era mais um dos hediondos sequestros que a polícia resolveria num abrir e fechar de olhos; era só esperar os sequestradores entrarem em contato e logo toda a polícia local estaria no encaicho deles. Como ninguém telefonou ou solicitou resgate algum, o glorioso corpo policial estava de braços amarrados, como sempre, sem tomar qualquer providência.

Com o passar dos dias, a normalidade voltou à pequena cidade. Como por encanto, as crianças vadias tinham desaparecido.

Isto mesmo: sem a interferência da Prefeitura. Os vendilhões perambulavam pelas ruas e os comerciantes, estupidamente estocados, esperavam inutilmente a chegada de algum comprador. A safra, razão da própria vida dessa comunidade, estava perdida. Todo o dinheiro conseguido tinha sido investido, ou então servia para pagar as dívidas contraídas durante esse momento de loucura.

Um dia qualquer, alguém, olhando para a torre da Igreja Matriz, notou que imagem do Santo Antônio com o menino Jesus no colo estava no seu devido lugar. Todavia, se pudesse chegar perto, verificaria que, dos olhos do Santo escorriam duas pequenas lágrimas.

Rifaina, 1990

ANJOS MAUS

Andam em bandos
Pequenas aves em revoada
Sem destino e sem comando
Têm por ninho a calçada

Pequenos pássaros feridos,
Sem aconchego e rumo
Por todos combatidos
Sem a sorte de um aprumo

Negro é o futuro que os espera
Dos homens a impiedade
que as suas almas esperam
Cresce neles a crueldade
Os anjos tornados feras
Frutos da nossa maldade

SONHEI CONTIGO

Após 62 anos ainda nos amamos
Poema dedicado para o amor da minha vida

Esta noite contigo sonhei
Sonhei que o tempo parara
E que em nossa juventude
Vestias a blusa cigana
Pelos céus, como te amei!

Sonhei, em tempo que falava
em amor, em sonho e flor
e como amava com magnitude
o teu jeito de mulher menina
Ah! Como te amara

Que a luz do Sol que de ti emana
era o sonho como uma rota
em meio à imensa negritude
Ah Deus! Como sempre te amei
Sabendo o que meu ser reclama
Reclamo do amor que sonhei
Que aos poucos foi se transformando em paixão
Em solicitude
Na hora que o amante se tornou pai
Ah Deus! Como eu te amei!

**CLOVIS DOMINGUES**

DESAFIOS DO COTIDIANO

O QUE É O TEMPO?

Uma indagação que todos fazemos: o que será o tempo?

Temos muitas ideias e muitas conclusões, porém nenhuma delas nos satisfaz, porque não conseguimos perceber com profundidade esse fenômeno que é o tempo.

Se é estático ou dinâmico, são teorias de estudiosos e até de palpiteiros porque, por vezes, nos sentimos passando pelo tempo e outras vezes o tempo passando por nós, conforme as circunstâncias e conveniências do momento.

Se o tempo é o conjunto dos acontecimentos que vivemos ou apreciamos, então ele é dinâmico, porque aquilo que vivemos é passado, presente e futuro. Cada tempo tem seu tempo.

Mas se o tempo é algo que não controlamos e que ficamos à mercê dos seus projetos ou caprichos, então é estático e nos pro-

voca uma dinâmica pessoal, independentemente dos nossos gostos ou vontades, algo que nos motiva a fazer coisas e/ou vivê-las como se estivéssemos construindo-as como verdadeiros arquitetos do nosso tempo.

Tanto de uma forma quanto de outra, ele não nos pertence, não nos obedece e muito menos cede aos nossos imperativos quantitativos ou até qualificativos. Podemos, no máximo, administrá-lo parcialmente para que não cometamos desatinos causados pela lei de causa e efeito.

O que é o tempo, então? Passamos por ele, ou ele passa por nós?

Talvez nunca iremos ter as respostas definitivas, mas, no pouco que nos cabe, podemos dar respostas melhores que construam um tempo melhor, passando por ele de forma cuidadosa e/ou deixando que ele passe por nós, respeitando-o e fazendo-o a cada momento um tempo de bem.

Por ora, fiquemos com a indagação e procuremos viver todo o tempo com responsabilidade por nós e por todos. Se sentir saudade é considerar o tempo que passou, saibamos, no presente, fazer o melhor para que nossa saudade seja a soma de lembranças que nos fazem sofrer pela ausência, mas nunca pelas consequências de nossos atos impensados e obtusos; pelos nossos enganos, desvios de finalidade, omissões, ou outras violências cometidas.

Reflitamos sobre o tempo e, se não soubermos explicar com profundidade o que ele é, saibamos conviver com ele em qualquer idade ou espaço, com sinceridade de propósitos.

QUANTO TEMPO TEMOS?

Quantificar aquilo que não sabemos exatamente o que é, sem dúvida, também será sempre um desafio sem medidas.

Acontece, porém, que não saberemos responder quanto tempo temos ou teremos, mas, também, sem dúvida, sabemos responder quanto tempo tivemos.

Olhar atrás e quantificar o tempo ou anos, meses, dias horas, matematicamente será muito fácil; porém, se a resposta tem de ser em conteúdo, produção, história, relevância, então é outro caso. O tempo medido por relógios, calendários e outras ferramentas parecidas é fácil. Agora, quando nos referimos ao tempo, talvez tenhamos de ver outros formatos que fazem o tempo ficar quente ou frio, rico ou pobre, santo ou pecador, em paz ou em guerra. Não é assim que falamos: estamos em tempo de crise, em tempo de guerra, ou outros?

Então, fica muito mais amplo falar sobre o tempo que temos, porque nos remete à realidade vivida ou ainda a viver.

Ouvimos falar: “No meu tempo...”. Que tempo é esse que tem um proprietário e serve para fazer analogia com outros comportamentos? Esses que assim falam e, são muitos, será que se referem a uma faixa de idade que viveram com outros comportamentos? Se assim for, podemos concluir que o tempo é estático, pois parou lá na juventude e, agora, embora vivam o presente, não o reconhecem como seu tempo. O tempo ficou lá longe?

Prefiro tratar de etapas e não de tempo. Quando eu estava nessa etapa da vida, o comportamento era diferente. Sim, foi uma etapa da minha vida e não um tempo.

Temos várias etapas cumpridas e a cumprir, mas o tempo que temos é a soma das etapas e não do tempo.

O que é etapa: “É uma distância entre dois pontos de um trajeto a percorrer; uma fase; um estágio”. Não é o tempo.

Na realidade, o desafio do tempo está em todas as etapas, porém em cada uma delas convém que cuidemos para ser fecundo em nós o tempo de cada etapa, seja qual for o desafio.

SEMPRE HAVERÁ UM NOVO AMANHECER, NA CONFIANÇA EM UM PROJETO MAIOR

São muitos desafios que enfrentamos; por vezes, sufocados, só nos debatemos.

Mas, talvez, por mais que soframos, devemos nos perguntar em quem confiamos, ou de quem desconfiamos.

Se confiarmos em Deus, haveremos de perceber:

Quando pensamos estar no limite, quando imaginamos, então, perecer.

É aí que Deus, O Pai, nos permite a alegria de um novo amanhecer.

A FELICIDADE ESTÁ PERTO

Quando descobriremos que a felicidade está perto, e que depende muito de nós, já ficaremos mais felizes.

A psicologia positiva, consagrada no final do século passado (1998), sem dúvida, reforça em muito tudo aquilo que vários estudiosos já vinham afirmando: nosso pensar, nosso sentir e nosso agir são as molas propulsoras da felicidade que tão ansiosamente buscamos.

Venho afirmando em palestras e nos meus livros, por muito tempo, que a felicidade é a “mercadoria” mais desejada, mas, infelizmente, ainda não sabemos como comprá-la, qual a moeda de troca, e assim cometemos muitos enganos que nos distanciam dela e nos tornam ainda mais necessitados dessa experiência.

Vivemos a angústia da busca, a qualquer preço, da felicidade e, por vezes, pagamos valores muito altos pelas tentativas

que fazemos, precipitadas ou sem planejamento, desviando o foco para situações menos importantes que nos surpreendem com decepções e até nos deixando traumas.

A felicidade está aqui bem perto de nós; mais ainda: dentro de nós.

Como já nos referimos no início, a psicologia positiva recém-consagrada estuda os caracteres humanos, porém, mais aqueles que todos têm e poucos exploram, que são fatores preponderantes na conquista e vivência da felicidade, como ater-se às fragilidades e misérias são para o lado oposto da vida.

Nossas posturas devem estar em sintonia com nossos desejos, nossos objetivos maiores e mais positivos.

Pensar em situações boas nos fazem ser melhores; sentir a beleza da vida própria e dos outros nos proporciona mais sentido em nosso viver e agir com sinceridade de propósitos, sem falsidades, hipocrisias, desamores, preconceitos, nos faz viver mais felizes.

A sugestão básica para quem quer ser mais feliz é que faça a experiência. Não duvidem, pois todos temos riquezas interiores e todos merecemos um viver feliz. Mas, como tudo na vida, ser feliz também é uma conquista e, portanto, precisamos ir à “luta” para vencermos nossos medos, nossas limitações. Precisamos dar crédito a nós mesmos, pois somos capazes de vencer qualquer obstáculo usando nosso raciocínio e nosso sentimento, nosso cérebro e nosso coração. Avante!

O QUE SOMOS E O QUE QUEREMOS SER

Uma situação é descobrirmos o que somos e outra é o que queremos ser. Em muitas ocasiões, só investimos nosso tempo

buscando aquilo que queremos ser, mas, para iniciar a busca precisamos nos colocar melhor até para ver se suportaremos e poderemos superar os desafios à frente.

Como saber o que somos?

Não pense que temos um tratado sobre a obra da Criação; temos, sim, algumas lembranças e sugestões que poderão nos ajudar se, realmente, quisermos fazer a experiência.

Será que também pensamos que a felicidade é para aqueles que conseguem ter estudos, cursos superiores, mestrados, doutorados, muito dinheiro etc.? Se pensarmos assim, já pecamos no início, pois, embora o conhecimento acadêmico, os diplomas, certificados e altas contas bancárias possam ajudar, não está aí o que somos. Na verdade, o que somos está muito mais perto.

Estamos vivos? Temos coragem, disposição? Temos motivação, objetivos? Só por estas perguntas, ao respondê-las, já percebemos o quanto temos e o quanto somos.

Se nos enquadrarmos em algumas dessas situações favoráveis, já seremos capazes de conquistar muita felicidade; basta para isso que usemos nossos talentos naturais e vivamos agradecidos por eles e usando-os positivamente para o bem.

O que queremos ser vai depender sempre daquilo que somos e, realmente, somos agraciados pela vida e tantos valores inestimáveis que podemos usar em nosso benefício e em benefício de todos. Partilhar o bem é viver o bem.

Devemos usar outro talento que parece, muitas vezes, adormecido, porém está sempre conosco, que é a sabedoria de viver. O uso indevido, individualista e prepotente desse dom faz com que ele prefira ficar dormindo. Só o acordamos quando usamos nosso pensar, nosso sentir e agir na direção de um viver comprometido com a realidade em que vivemos. O bem não é exclusividade de ninguém: ele existe em função do ser social e transcendental que cada um tem por direito, como ser único, adquirido ao nascer.

O DESPERTAR DE UM NOVO DIA, ESPERANÇAS RENOVADAS

O despertar é algo que devemos agradecer com os melhores sentimentos, para que nossas esperanças sejam renovadas e até multiplicadas.

Está em nós conquistarmos a disciplina de agradecer e propor mais empenho e também alcançar mais alegrias. Nossa mente, além da nossa fé, nos ajuda em muito nessa tarefa. Se não acreditarmos que podemos, já estaremos nos enfraquecendo no enfrentamento dos possíveis desafios do cotidiano. Mas, se acreditarmos, nos tornamos mais fortes e, possivelmente, vencedores.

Ao sentir nosso coração que trabalha incansavelmente, sentimos também que o caminho está aberto e podemos ir em frente. Basta para isso que iniciemos com um projeto pequeno ou grande, mas, certamente com grande disposição, pois a vida continua e pede de nós empenho e perseverança naquilo que pretendemos.

Então, o despertar de um novo dia é uma nova oportunidade de confiar e ir em frente. Também percebemos que não somos seres superiores a ponto de não precisar de ajuda e vamos contando com o nosso comprometimento, sem dispensar que outros também estejam juntos.

Pedir a força e inspiração a Deus em primeiro lugar; mas também pedir ou aceitar ajuda de outros que conosco convivem. Não poderemos ter conquistas individualistas, pois a felicidade não existe quando queremos ser felizes sozinhos. A verdadeira conquista não acontece com a derrota de outros, mas sim com a vitória de todos. Se precisarmos que outros sejam infelizes para alcançarmos a felicidade, estamos na direção errada, pois faltará ingrediente importante no bolo da felicidade, no bolo da vida. Ninguém pode ser feliz sozinho.

A cada amanhecer renovam-se os projetos e os sonhos são visualizados como realidades. Estamos em campo, vamos buscar, vamos vencer, estamos vivos, tudo é possível!

Precisamos só preencher nosso cérebro de boas esperanças e nosso coração de bons sentimentos.

Precisamos nos organizar e não deixar que realidades negativas e más nos prejudiquem, nos derrotem, impedindo-nos de alcançar a felicidade.

VIVA A PLENITUDE DO TEMPO PRESENTE

Nosso presente é parte do passado e o nosso futuro será parte do nosso presente. O presente é a verdade, é o que vale, pois sempre viveremos o presente. O passado já não conseguimos viver novamente e o futuro não sabemos se alcançaremos; então, aquilo que vivemos é o presente.

Quando guardamos, com carinho, reminiscências, não fazemos nada de errado, pois é nossa história e não devemos abrir mão daquilo que vivemos, mas só viver de lembranças é impossível, não é suficiente para que sejamos felizes.

Quando planejamos o futuro, também nada fazemos de errado, pois é necessário planejar, é preciso sonhar. Mas só vivermos em função do futuro, sem dúvida, não basta para a nossa necessidade de viver, temos que respirar o agora, temos de nos cuidar agora e isso é o mais urgente e necessário.

Seja qualquer a idade em que estivermos, vamos viver sempre em função do presente; lógico, com marcas do passado e sonhos para o futuro, mas, muito mais, percebendo e sentindo o tempo presente. Daí a necessidade de procurarmos situações que nos satisfaçam, tanto no campo familiar, comunitário, social, profissional; como no lazer, na fé, no trabalho e no estudo. Isso tudo haverá de melhorar a nossa autoestima na conquista da felicidade, a cada dia, e nos ajudar a passar pela vida de forma útil.

Como viver o presente com as limitações naturais da idade?

Esta pergunta merece uma resposta mais detalhada daquela que podemos dar; porém, mesmo assim, ousamos deixar aqui algumas pistas: você sabe que a cada dia melhora a sobrevivência humana e nossa população já está começando a perceber as qualidades das pessoas com mais idade? Mesmo que digam o contrário, nosso cérebro evoluiu rapidamente desde que em constante movimentação e, somando às experiências que fomos adquirindo, muitas tarefas podemos executar com tranquilidade e eficiência.

Você conhece um pouco de história? Se conhece, deve saber que muitos líderes mundiais iniciaram suas atividades mais importantes na idade madura, após anos de ostracismo se revelaram e se fizeram figuras importantes da história, a partir da idade que muitos já nem tinham mais coragem de viver. Pois bem, o que diferencia essas pessoas de nós? Simplesmente, elas foram à luta, acreditaram e, acreditando, realizaram façanhas que jamais serão esquecidas. Se acreditarmos e formos à luta, por certo, diminuiremos as barreiras e também realizaremos proezas que até mesmo a nós surpreenderão. Não existe velhice: existem pessoas que se deixam envelhecer.

Não desconhecemos dificuldades de algumas situações próprias da idade avançada e nem queremos refletir a péssima assistência médica que temos, ou ainda os salários insuficientes da maioria dos aposentados e até as situações familiares, muitas, lastimáveis. Toda essa realidade faz parte dos desafios que temos, como também os desafios que nem sempre são reais. Muitas vezes usamos os desafios como muletas para justificar a nossa preguiça, os nossos medos, ou ainda nossa falta de vontade e de coragem para continuarmos enfrentando alguns desenganos naturais que a sociedade nos impinge.

De nada nos beneficiaremos ao praticar tais atos que, no mínimo tornam-se nossos inimigos, tirando-nos de situações que poderiam ser úteis para nós e para aqueles que nos cercam. Muito melhor será se percebermos as dificuldades e lutarmos contra elas em favor de dias melhores para nós e para as pessoas queridas por

nós. Do nosso empenho surgirão muitos frutos, porque o nosso agir será como sementes lançadas que, ao seu tempo, germinarão.

Viver a plenitude do tempo presente é, sem correrias desordenadas, conquistar novas linguagens e novas atitudes que possam nos motivar ainda mais a um viver comprometido com o nosso bem e o bem de todos.

A arte de vivermos o tempo presente é a arte de vivermos a plenitude da vida, pois o presente é aquilo que temos para viver.

SABEDORIA DE VIVER

Saber viver é morrer a cada momento para o supérfluo e nascer para tudo que preencha e justifique a vida.

Saber viver é dar valor às coisas pequenas, a todo instante, pois elas serão sempre partes do todo que te realiza e faz feliz.

Saber viver é respeitar e cuidar da natureza com muito amor, pois ela te será o sustento, pois ela te garantirá a vida.

Saber viver é compartilhar as alegrias e as tristezas com a mesma fidelidade.

Saber viver é acolher a todos e a todos perdoar e promover.

Saber viver é estudar e trabalhar, reconhecer e agradecer, orar e vigiar.

MATEMÁTICA DO BEM

Se somarmos nossas forças para o Bem
e diminuirmos o mal do mundo,
multiplicaremos os gestos concretos de amor e partilha
e dividiremos nossa felicidade com todos.

Avante que o Senhor garante!

**DARLAN ZURC**

DEDEDO NÃO GOSTA DO VAZIO¹

Vamos morrer e não vamos ver tudo. A singela frase já foi dita por diversos e diversos avós sábios e é geralmente pronunciada na primeira pessoa do singular. Ela está aqui no plural porque a fatídica condição de morrer se estende, claro, a todas as gerações e ao mundo inteiro.

E, dentro deste nosso mundo, há muita coisa que merece ser vista. Uma delas é a produção artística do baiano Ronaldo Barros Dededo. Inclusive, um trocadilho fácil sugeriria que os dedos de Dededo cortam sem cessar para dar forma onde antes era a pura brutalidade da natureza. Tal trocadilho acertaria na mosca.

1. Texto para os anais em formato de livro da III Festa Literária Internacional do Paiaia (Flipaiaia), em 2022, no povoado São José do Paiaia, pertencente ao município de Nova Soure (BA). Publicado na antologia de vários autores "Na linha das palavras" (Scortecci, 2025).

Assim como ninguém doma, por exemplo, o forte ímpeto do mar, não é possível deter a vontade de Dededo em atacar um ordinário pedaço de madeira — cujo destino pode ser o fogo ou a decomposição orgânica pura e simples — e fazer sair daí uma obra de arte.

Dededo pratica, a seu modo, alquimia. Porém, é uma alquimia sem transmutar qualquer coisa em ouro. A essência continua obviamente a mesma, só que a intervenção dele eleva bastante a espécie do objeto esculpido ou pintado.

Semelhante à maneira que escreveu Machado de Assis sobre Spinoza (na solidão que atravessa as mãos deste e as suas ferramentas de artista-operário), Dededo trabalha, pensa e executa “o suado labor no prêmio eterno”.

É na sua eternidade após a morte ou na eternidade da sua produção ainda em vida que Dededo busca se redimir. Tanto suor não há de ser em vão. Por outro lado, não temos garantia de nada. O prêmio eterno é um longo e profundo mistério.

Na risível finitude e na constrangedora fragilidade que definem o ser humano, Dededo brinca de Deus, vasculha no fundo da sua alma um sentido (para projetá-lo na matéria inanimada à sua frente) e dá sopro de vida a um tipo de material fácil de encontrar que é a madeira — e, de quebra, dá sopro de ânimo a si mesmo também, ao barro que carrega no próprio nome, uma vez que o artista ganha, em tese, mais vivacidade a cada obra finalizada.

Autodidata no que realiza, pois foi aprendendo apenas observando, Dededo deixa transparecer certa influência do cubismo (em especial, Pablo Picasso), esculpe caras infantis e fantasmagóricas, aprecia bem a iconografia indígena da América Latina, deixa-se levar pelos temas cristãos e nordestinos, sugere ter uma obsessão barroca ao não permitir quase nada sem preenchimento, mistura madeiras diversas em colagens para explorar as condições que o mundo físico apresenta, aplica cores em tom pastel em algumas criações e finaliza o restante das obras com a tonalidade que a madeira já carrega.

Dededo não gosta do vazio. Dededo não admira as linhas retas. Dededo não busca simetria. Dededo não segue um caminho único nos desenhos. Dededo não é domável.

Dededo não aceita as limitações da borda em um objeto a ser talhado. Dededo é um subversivo dentro da camisa de força conservadora que a matéria impõe. Dededo gostaria de ir além da natureza ao mesmo tempo em que a reverencia. Dededo é Davi perante um Golias com aspecto de árvore frondosa. Dededo teima em transcender e acaba sendo dobrado pela existência palpável de um cinzel.

O estilo de Dededo está longe de ser genial. É uma produção que requer mais perícia do que enorme capacidade criativa. Vários desenhos seus se repetem. As soluções no corte costumam ser pouco complexas. De qualquer modo, não é difícil notar que ele possui talento, concentra habilidades.

Que a busca de Dededo em reconfigurar a brutalidade da natureza (nas diferentes formas de madeira) alcance mais e mais pessoas. Pessoas essas que consigam ver antes de morrer o que ele trouxe ao mundo, ou melhor, ao mundo inteiro.



Fotos: Ed Carlos









**DEVANILDO DAMIÃO**

EDUCAÇÃO EM 2025: GESTÃO DO CONHECIMENTO E INOVAÇÃO TECNOLÓGICA SUGERINDO AÇÕES TRANSFORMADORAS



RESUMO

Este artigo analisa os desafios e oportunidades da educação em 2025, com foco na integração da gestão do conhecimento e da inovação tecnológica. A partir de uma perspectiva crítica, dis-

cute-se como políticas públicas, tecnologias emergentes e práticas pedagógicas podem promover uma educação inclusiva, sustentável e alinhada às demandas do século XXI. O texto destaca a formação docente, o uso ético da inteligência artificial (IA), a educação antirracista e a sustentabilidade como pilares para a transformação educacional no Brasil.

Palavras-chave: Educação, Gestão do Conhecimento, Inovação Tecnológica, Inteligência Artificial, Educação Inclusiva, Sustentabilidade.

INTRODUÇÃO

A educação em 2025 enfrenta um cenário de transformações rápidas, impulsionadas por avanços tecnológicos, reformas educacionais e desafios socioeconômicos.

Nesse contexto, a expertise do autor, pesquisador com atuação destacada em educação, gestão do conhecimento e inovação tecnológica, oferece contribuições valiosas para repensar práticas pedagógicas e estratégias de gestão escolar. Como ele aponta, a educação contemporânea deve ser um espaço de construção colaborativa de saberes, integrando tecnologia e valores humanos para formar cidadãos críticos.

Os desafios impostos pelos elementos intrínsecos e de contexto, os quais evidenciam distorções sociais e regionais, não impedem a análise de oportunidades e sugestões para melhorias, as quais serão tratadas no decorrer do presente artigo, envolvendo o

contexto educacional, a gestão do conhecimento, a inovação tecnológica e a inteligência artificial e a educação inclusiva, antirracista, verde e sustentável.

I. O CONTEXTO DA EDUCAÇÃO EM 2025

O ano de 2025 é marcado por desafios estruturais na educação pública brasileira, como a redução do financiamento público, que caiu para 2,97% do orçamento em 2023, enquanto 43,23% foram destinados a juros e amortizações da dívida pública.

O Relatório de Monitoramento Global da Educação 2024 da Unesco destaca uma queda nos níveis de aprendizagem e um aumento das desigualdades educacionais, com 33% das crianças em países de baixa renda fora da escola.

Ressalta-se a importância de uma gestão educacional estratégica: A educação de qualidade depende de uma gestão que transforme dados em ações pedagógicas, promovendo equidade e inovação.

Essa visão alinha-se à necessidade de políticas públicas que priorizem o financiamento e a valorização docente para enfrentar esses desafios.

As melhores práticas mundiais em educação destacam a integração de tecnologia, personalização do aprendizado e foco em competências socioemocionais, conforme delineado pelo World Economic Forum (2023).

Referências bem-sucedidas

Países como Finlândia e Singapura priorizam a formação docente contínua, com ênfase em metodologias ativas que promovem o protagonismo estudantil. A personalização do ensino, apoiada por inteligência artificial, como na Austrália, permite adaptar conteúdos às necessidades individuais, aumentando o engajamento.

A educação inclusiva, implementada na Noruega, garante acessibilidade e equidade, com tecnologias assistivas para alunos com deficiência. A sustentabilidade é integrada ao currículo em escolas da Dinamarca, promovendo consciência ambiental. Além disso, a gestão do conhecimento, como defendido pelo autor, otimiza processos educacionais por meio de dados e colaboração interdisciplinar. Essas práticas, combinadas com políticas públicas robustas, como as da Coreia do Sul, asseguram uma educação alinhada às demandas do século XXI, formando cidadãos críticos e preparados.

A difícil realidade do ensino público

A educação brasileira enfrenta desafios estruturais significativos. A desigualdade educacional persiste, com escolas em áreas carentes sofrendo com infraestrutura precária, como 4,6 mil unidades sem energia elétrica e 5,5 milhões de alunos em escolas sem água potável, majoritariamente negros.

A formação e valorização docente são críticas, com 51,6% de professores temporários em 2023, refletindo baixa atratividade

da carreira. A evasão escolar e o déficit de 900 mil matrículas na educação infantil agravam o cenário.

A implementação da Lei nº 14.945/2024, que reformula o ensino médio, enfrenta resistência e falta de infraestrutura. A proibição de celulares (Lei nº 15.100/2025) dificulta a integração ética de tecnologias como IA.

As tentativas de privatização ameaçam a educação pública, enquanto a educação ambiental foi praticamente extinta. Superar esses desafios exige políticas públicas robustas, investimento e valorização profissional.

PISA (Programa Internacional de Avaliação de Estudantes) 2022

O Brasil obteve pontuações de 379 em matemática, 410 em leitura e 403 em ciências, todas abaixo da média da OCDE (472 em matemática, 476 em leitura e 485 em ciências). Apenas 27% dos alunos brasileiros atingiram o nível 2 em matemática (mínimo de proficiência), contra 69% na média da OCDE.

Em leitura, 50% alcançaram o nível 2, e em ciências, 45%, refletindo desempenhos baixos. O país enfrenta alta desigualdade educacional, com estagnação desde 2009, agravada pelo longo fechamento de escolas durante a pandemia (279 dias). A falta de infraestrutura, com 4,6 mil escolas sem energia elétrica e 5,5 milhões de alunos sem água potável, e a baixa valorização docente, com 51,6% de professores temporários em 2023, são desafios críticos. Investimentos em equidade, formação docente e infraestrutura são essenciais para melhorar os resultados.

II. GESTÃO DO CONHECIMENTO NA EDUCAÇÃO

A gestão do conhecimento, uma das áreas de especialização deste autor, é fundamental para otimizar processos educacionais. Ele argumenta que o compartilhamento estruturado de conhecimentos entre professores, gestores e alunos cria um ecossistema de aprendizado dinâmico e colaborativo. Esse conceito envolve:

- Formação continuada de professores: Conforme destacado, a capacitação em metodologias ativas e ensino híbrido é essencial para alinhar a prática docente às demandas contemporâneas.

- Uso de dados educacionais: Plataformas como Jovens Gênios utilizam a Teoria de Resposta ao Item (TRI) para personalizar o ensino, exemplificando como a gestão do conhecimento pode melhorar resultados.

- Colaboração interdisciplinar: A integração de saberes fortalece a formação integral, conforme previsto na Base Nacional Comum Curricular (BNCC).

A gestão do conhecimento também contribui para reduzir a evasão escolar, por meio de itinerários formativos flexíveis, como estabelece a Lei nº 14.945/2024.

III. INOVAÇÃO TECNOLÓGICA E INTELIGÊNCIA ARTIFICIAL

A inovação tecnológica, segundo a OCDE, é um motor para transformar a educação, promovendo personalização, eficiência e

inclusão. No Brasil, embora ferramentas de IA e plataformas digitais ofereçam oportunidades, desafios como subfinanciamento (2,97% do orçamento público em 2023) e desigualdades estruturais dificultam sua implementação. Políticas públicas robustas, como as recomendadas pela OCDE, são essenciais para integrar tecnologias de forma ética e equitativa, alinhando a educação brasileira às demandas do século XXI.

A inteligência artificial (IA) é uma tendência transformadora para 2025, redefinindo o papel do educador como facilitador do aprendizado. Ferramentas de IA personalizam o ensino, automatizam tarefas administrativas e fornecem diagnósticos de desempenho. No entanto, eu alerto: “A tecnologia deve potencializar o papel do professor, nunca o substituir, pois a interação humana é insubstituível na formação integral”.

A Lei nº 15.100/2025, que proíbe o uso de celulares nas escolas, desafia gestores a integrar tecnologias de forma ética. Sugiro que a inovação tecnológica deve promover a autorregulação digital, equilibrando o uso de dispositivos com o bem-estar dos alunos. Essa abordagem reforça a necessidade de formar cidadãos conscientes em um mundo digital.

IV. EDUCAÇÃO INCLUSIVA E ANTIRRACISTA

A educação inclusiva e antirracista é um pilar central para 2025. O Censo Escolar 2023 revela que 1,4 milhão de estudantes, majoritariamente negros, frequentam escolas públicas sem água potável, evidenciando desigualdades estruturais.

A educação antirracista, conforme discutido na Educação em Revista (2025), exige formação docente para combater discriminações e promover equidade racial. O arcabouço legal que promovem a igualdade racial e combatem o racismo no ambiente escolar envolvem o Estatuto da Igualdade Racial (Lei nº 12.288/2010), a Lei nº 10.639/2003 (sobre ensino de história e cultura afro-brasileira),

Destaca-se a inclusão educacional requer ambientes que respeitem a diversidade e garantam oportunidades iguais para todos. Tecnologias assistivas, como softwares de leitura de tela, são essenciais para atender alunos com deficiência, alinhando-se à Lei Brasileira de Inclusão (LBI).

V. EDUCAÇÃO VERDE E SUSTENTÁVEL

As mudanças climáticas impõem desafios urgentes à educação. Cerca de 5,5 milhões de estudantes brasileiros estão em escolas sem abastecimento de água pela rede pública, segundo o Censo Escolar 2023.

A educação ambiental, praticamente extinta dos currículos, precisa ser retomada. Entende-se que a educação sustentável deve integrar práticas ecológicas ao cotidiano escolar, formando alunos conscientes de sua responsabilidade ambiental.

Escolas devem adotar materiais sustentáveis e incorporar temas ambientais em todas as disciplinas, alinhando-se às metas da BNCC e às demandas globais por sustentabilidade.

VI. DESAFIOS E OPORTUNIDADES PARA A GESTÃO ESCOLAR

A gestão escolar em 2025 deve ser orientada por dados, como destaca o relatório do World Economic Forum (2023), que aponta um aumento de 20% no desempenho em escolas data-driven. Uma gestão escolar eficaz utiliza informações para valorizar professores e alunos, promovendo inovação e equidade.

Gestão do conhecimento é um referencial para o desenvolvimento de escolas orientadas por dados (data-driven), as quais são instituições educacionais que utilizam dados e análises sistemáticas para orientar decisões pedagógicas, administrativas e estratégicas. Essa abordagem envolve a coleta, organização e análise de dados sobre desempenho dos alunos, práticas de ensino, frequência, comportamento, entre outros, para melhorar o ensino e a aprendizagem, otimizar recursos e promover resultados educacionais mais eficazes.

Destaco que a orientação não deve exclusiva nos dados, todavia, no conhecimento obtido a partir dos dados trabalhados, ou seja, são insumos importantes para a tomada de decisões dos gestores.

Os desafios incluem a valorização docente, a infraestrutura escolar e a implementação de políticas inclusivas. A expertise do autor em gestão de projetos e qualidade oferece um modelo para superar essas barreiras, com foco na formação continuada e na modernização das escolas.

CONCLUSÃO

A educação em 2025 exige uma abordagem integrada que combine gestão do conhecimento, inovação tecnológica, inclusão e sustentabilidade.

Considero que minhas contribuições, com visão estratégica sobre gestão e tecnologia, são fundamentais para enfrentar esses desafios. Afirmo: o futuro da educação depende de nossa capacidade de integrar saberes, tecnologias e valores éticos para formar uma geração transformadora.

Investir em formação docente, tecnologias éticas e políticas públicas equitativas é essencial para construir uma educação alinhada às demandas do século XXI.

REFERÊNCIAS

1. Educação em Revista, 41. (2025). Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais. <https://doi.org/10.35699/edur.v41i41>. (<https://periodicos.ufmg.br/index.php/edrevista>); Acesso em: 10 ago.2025.
2. OECD (2018): ORGANISATION FOR ECONOMIC CO-OPERATION AND DEVELOPMENT; EUROSTAT. Oslo Manual 2018: Guidelines for collecting, reporting and using data on innovation. 4. ed. Paris: OECD Publishing, 2018. Disponível em: <https://doi.org/10.1787/9789264304604-em> (<https://www.scirp.org/reference/referencespapers?referenceid=3811779>). <https://www.scirp.org/reference/referencespapers?referenceid=3511719>
3. UNESCO. (2024). Relatório de Monitoramento Global da Educação 2024. Fortaleza: UNESCO.
4. VALLE, Leonardo. Desafios da educação: 6 temas para prestar atenção em 2025. Instituto Claro, 2025. Disponível em <https://www.institutoclaro.org.br/educacao/nossas-novidades/reportagens/desafios-da-educacao-6-temas-para-prestar-atencao-em-2025/>. Acesso em: 17 ago. 2025.
5. World Economic Forum. (2023). Education 4.0: Data-Driven Schools.



FÁBIO CARDOSO DOS SANTOS

A CASA DAS DEZ

Em uma casa cheia de música e cor,
Moravam dez meninas com muito amor.
Cada uma com um jeito de dançar,
E uma vontade imensa de festejar!
Tinham ritmos de todo lugar:
Do Norte, do Sul, do sertão e do mar.
Bastava um som no coração bater,
Que os pés começavam logo a mexer!
Essa é a história de uma grande união,
De dança, alegria e celebração.
De uma por uma, você vai conhecer,
E no final... será difícil não querer dançar também!

Eram dez dançarinas, bem animadinhas,
Cada uma com seu jeito,
Com um ritmo no peito!

A primeira dançarina chegou no forró,
Rodou, sorriu... e foi embora, só!

Sobraram nove dançarinas, bem dançantes,
Fazendo graça, com pulos gigantes!
Do Pará veio o Carimbó,
Com flor no cabelo e roda no chão.
Dançou tão forte, que foi descansar, então.

Ficaram oito dançarinas, todas aplaudindo.
A próxima veio logo sorrindo!
No samba, a passista entrou com calor —
Tambor, cuíca e muito sabor.
Dançou bonito e foi tirar um soninho bem tranquilo...

Restaram sete dançarinas, com passinho e carinho.
Do Norte chegou o Boi-Bumbá,
E a menina dançou sem parar.
O boi pulou, o povo gritou,
Ela sorriu e... descansou!

Seis dançarinas sobraram, na palma da mão.
Chegando agora, o passo do sertão!
Do frevo pulou, feito pipoca,
Sombrinha no alto e roupa de chita.
Saltou, rodou... caiu na risada,
E foi embora, toda animada.

Cinco dançarinas ficaram, numa ciranda no chão,
Cada uma com seu coração.
Baião é música boa de ouvir,
Sanfoninha tocando pra gente sorrir.
A menina do sertão lembrou Luiz
E foi dançar no céu, bem feliz.

Quatro dançarinas ficaram — e ainda tem mais!
No tambor do jongo, vieram ancestrais.
A do Congo trouxe alegria,
Com palmas, canto e poesia.
Dançou contente, fez reverência,
E saiu com leveza e consciência do povo da gente.

Três dançarinas ficaram, já quase no fim —
Mas ainda tem festa pra mim!
Chimarrita, lá do Sul, entrou sapateando,
Passos leves, todos cantando.
Ela girou, deu tchau com a mão...
E foi embora com emoção!

Duas dançarinas — e uma brincadeira:
Ciranda, meia-volta inteira!
Cantou um verso, rodou a saia,
Acabou a música... foi pra praia!

Só restou uma dançarina — mas ela é esperta!
Puxou um mastro, abriu a festa!
Chamou todas de volta à roda,
Com fita, cor, riso e moda.
E assim, dançando em união,
Seguem a festa e a tradição!

**FÁTIMA GILIOLI**

A ENCOMENDA

Além de ser um sonho antigo, o que me impulsionou a viajar para a Europa no final do ano passado foi uma encomenda. Tudo começou, na verdade, com uma brincadeira. Minha amiga Sílvia está morando há dois anos com toda a família em uma cidade próxima de Londres, chamada Milton Keynes. Fã incondicional dos Beatles, comprou um LP do Jonh Lennon, à venda em uma feira que a Academia Guarulhense de Letras, da qual faço parte, havia organizado em junho.

Depois de enviar o pix no valor da compra, ela disse “Você pode deixar com a minha mãe, em Vinhedo, ou eu pego com você quando conseguir visitar o Brasil. Ou então, você pode vir aqui e trazer pra mim”. Ainda em tom de brincadeira, eu respondi que escolhia a segunda opção. E foi essa brincadeira que acabou se transformando em um plano de viagem. Afinal, por que não?

Comecei, então, a pesquisar preços de passagens, lugares para hospedagem etc. Foi quando surgiu a oportunidade de ir a Portugal, com um grupo de mulheres escritoras, para receber um prêmio literário. Logo, os planos foram se concretizando e o desfecho da viagem com a minha ida sozinha para Londres era inevitável. Já estando em solo europeu, eu não poderia desperdiçar a chance de esticar a temporada.

Enquanto já pensava em preparar as malas, perguntei à minha amiga se ela tinha mais alguma encomenda do Brasil, além do LP de seu ídolo. Pediu-me que levasse os livros que tenho publicados, que há tempos queria ler, e também esperava que eu comprasse aqui para levar, um livro da Carla Madeira, “Véspera”. Ela estava participando de um clube de leitura online, mas tinha dificuldades de encomendar livros brasileiros por lá.

Cuidei logo de comprá-lo, juntá-lo aos meus exemplares e aos discos (eu havia comprado mais um vinil para ela, dos Beatles), fazendo um pacote que protegeria, principalmente os vinis e facilitaria o transporte de tudo. Colocar na mala poderia danificá-los e representaria peso a mais. Empacotei usando uma sacola de papelão, deixando as alças livres para carregar. Mesmo no avião, eu não me desgrudaria de tão importante conteúdo.

Curiosa, com o tempo comecei até a ler alguns capítulos de “Véspera”, pois não conhecia a autora. Acabei gostando da leitura e pretendia continuá-la durante o trajeto e quem sabe até terminá-la no voo para Londres, que seria diurno e no qual eu estaria sozinha.

Depois de seis dias intensos em Portugal, cuja última parada tinha sido a bela cidade de Cascais, já com o grupo reduzido, Sérgio, o simpático transfer brasileiro que nos conduziu de um lado para outro em terras portuguesas, acomodou nossas bagagens na parte de trás de seu carro e nos levou, cada qual para seu destino: duas escritoras de volta a Lisboa, de onde partiriam para o Brasil só no dia seguinte, e eu para o aeroporto, de onde, algumas horas depois, finalmente embarcaria para a Inglaterra, dando início à minha aventura solo.

Depois de me despedir deles, desbravei os corredores do aeroporto, em busca do balcão em que eu despacharia minha mala, ficando apenas com os itens de mão. E foi nesse momento que senti falta de algo. O pacote dos livros e discos ficara para trás, no carro do transfer, em meio à bagagem das meninas.

Liguei imediatamente para eles, na esperança de que pudessem retornar para me trazer o embrulho. Infelizmente não era possível, disse o motorista, um pouco sem jeito em ter de me negar aquele favor. Ele tinha de levá-las ao hotel e depois pegar outros clientes já agendados. Para me acalmar, gentilmente me prometeu despachar o pacote para o endereço que eu indicasse. Desconsolada, aceitei, mesmo sabendo que essa conta em euro ficaria cara. Não havia outra solução.

Desta forma, depois de passar a noite no hotel em Londres, fui de metrô e depois de trem para Milton Keynes, sem as encomendas, mas não totalmente de mãos abanando, pois comprara deliciosos e autênticos pasteizinhos de Belém, especialmente para aquele dia, para que degustássemos depois do almoço por ela preparado, um risoto de cogumelos ingleses que estava igualmente saboroso.

Expert em viagens, Sílvia entendeu o ocorrido, dizendo que era comum esquecer coisas durante os deslocamentos. Duas semanas depois, quando eu já estava de volta ao Brasil, o pacote chegou para ela e assim se encerrava com relativo sucesso tudo que havia sido planejado de início, depois dos ajustes necessários de última hora.

Ah, tive de comprar para mim outro exemplar de Véspera, pois, havia deixado uma leitura interessantíssima inacabada.

A PARTIDA

Era uma criança feliz, esperta, inquieta.

Tinha uma família grande, alegre, barulhenta.

Uma mãe jovem, bonita e carinhosa.

Adorava quando ela o pegava no colo, sorria e lhe contava histórias.

Quando assava aquelas bolachinhas, então... ah, que delícia!

O pai era seu herói, trabalhador, forte, falante.

Sempre que podia, jogavam bola na pracinha.

Ele, durante o dia, brincava como qualquer criança, com tudo que achava no chão.

Uma caixa de papelão, um graveto, uma pedra, logo viravam um carro, uma espada, uma peteca.

Certo dia achou algo diferente.

Era uma coisa redonda, dura, esquisita.

Cismado, levou para o pai o achado.

Tomou uma bronca danada.

Assustado, o homem levou aquilo pra bem longe do bairro.

Explicou ao garoto que era uma granada, muito perigosa.

Que nunca mais ele chegasse perto de uma.

Que aquilo poderia explodir e machucar muita gente.

O menino ficou assustado.

Nunca vira o pai tão bravo.

Tomaria mais cuidado.

Um dia, acordou com um barulho enorme.

Todos acordaram assustados.

Aquilo era a explosão da qual o pai falara?

Alguém teria achado a granada que o pai escondera?

A parede do quarto trincara.

A poeira pela janela penetrara.

Eles o puxaram para um lugar escuro, debaixo da terra.

Havia muita gente lá dentro.

Muitos gritavam e choravam.

Havia crianças como ele também.

Muitas delas.

Tantas para dois times de futebol.

Se ele tivesse trazido a sua bola...

Se tivesse algum espaço ali para jogarem...

Se tivesse luz para enxergarem o campo...

Mas parecia que o jogo mesmo era lá fora.

Ao menos foi o que disse seu pai, quando os deixou ali.

Ele iria jogar.

Torceu, então, para que seu herói fosse o vencedor daquele jogo barulhento.

Dias e dias durou aquela partida sem fim.

Até que chegou o dia da sua partida.

Iria com sua mãe para um país distante.

Para o país do futebol.

Mas e seu pai?

Talvez ganhe uma medalha no final.

OVOS

— Oi, tudo bem? Desculpe-me tocar a sua campainha assim. Eu sou o Gabriel. Acabei de me mudar pro apartamento aqui do lado. Há uma semana, na verdade. Incomodo?

— Depende. O que você quer? — Patrícia está com bobes no cabelo e as unhas parcialmente esmaltadas.

— Ah, me desculpe novamente. Você tem um ovo?

— Quê?

— Queria saber se, por acaso, você teria um ovo. Pra me emprestar. Eu acabei de me mudar e...

— Pra que você quer um ovo?

— Ah, é que eu queria fazer peito de frango empanado. A minha mãe vem almoçar comigo e eu queria que tivesse uma boa impressão da minha nova casa. Ela sempre foi contra que eu morasse sozinho, sabe?

— Por que vai fazer frango empanado? Faz na Air Fryer, só o filé de frango. É bem mais saudável. — Ela diz isso já demonstrando intenção de fechar a porta.

— Ah, mas é que... eu não tenho Air Fryer.

— Tá, mas faz na frigideira mesmo, só o filé grelhado, sem óleo, só um pouquinho de sal, pimenta do reino e páprica. Fica uma delícia!

— A minha mãe gosta de empanado.

— Cara, você sabe quanto tá custando uma bandeja de ovos? Não deve ter ideia, né? Foi a mamãe que fez as compras pra você, é? Ela comprou farinha, óleo, frango e esqueceu o ovo?

— Não. Fui eu que esqueci mesmo. Quero dizer, não comprei. Ainda. Mas vou comprar. E te devolver. Se você me emprestar.

— Você não comprou ovo porque tava sem dinheiro, não é? Confessa! Tá desempregado, né?

— Não. Não tô, não.

— Fica em casa quase o dia todo, que eu reparei essa semana.

— É que eu sou músico. Trabalho só à noite... Espera... Você vai ou não me emprestar esse ovo?

— Não.

— Por que não?

— Porque não tenho mais. Acabei de fazer uma omelete com os dois últimos que tinha. Agora só vou ter ovo “pra emprestar” no início do mês. Satisfeito? Posso entrar agora e terminar de me arrumar?

— Ah, claro. Desculpe-me mais uma vez. Quando eu comprar ovos, eu te aviso. Se precisar, eu te empresto.

— Certo. Tchau, Gabriel.

— Tchau... Como é mesmo seu nome?

— Patrícia.

Nesse momento toca o celular de Gabriel. “Mãe? Ah, tudo bem. Te amo!

Vendo a cara de desapontamento do novo vizinho, Patrícia pergunta:

— O que foi? Ela não vem mais, né?

— Não. Imprevisto.

— Gosta de omelete?



FERNANDO CANTO BERZAGHI

14 DE JUNHO: DIA UNIVERSAL DE DEUS



Convencionou-se chamar o dia 14 de junho como o “Dia Internacional de Deus”.

Neste dia, vamos prestar uma singela homenagem, ditada pela simplicidade, ao Rei da Criação, “Deus”!

Neste contexto surge, desde logo, uma pergunta, óbvia: “Quem é Deus?”.

“À luz da razão, dir-se-ia: “Ser existente por si mesmo, infinito, supremo, criador e conservador do Universo”.

Do hebraico: Yahweh = Senhor.

A formação do homem

(Gn 2.4) “4 Esta é a gênese dos céus e da terra quando foram criados, quando Deus os criou”.

Outra pergunta óbvia é: “Qual é o meio para chegarmos até Deus?”

Há dois meios para chegarmos até o coração de Deus:

1-Vida em oração.

2-Buscar o que o Texto Sagrado.

No entanto, nada nem ninguém pode explicar, de fato, Deus, porque Deus simplesmente é...

O que se pode dizer é que Deus fez tudo, com perfeição e sem pressa.

Basta observar a obra da criação de Deus,

Basta olharmos a relva ondulante nos campos de girassóis.

Basta ver o altar de Deus no dourado dos trigais!

Basta olharmos para o infinito azul coberto de estrelas!

Basta olharmos para a sinfonia de oração que emana da natureza!

Basta olhar para o sorriso das flores!

Basta olharmos para a alegria dos infantes!

O Salmo 46. 1,2 nos adverte;

“1-Deus é nosso refúgio e fortaleza, socorro bem presente nas tribulações”.

“2-Portanto, não temeremos ainda que a terra se transtorne e os montes se abalem no seio dos mares.”.

Com singeleza, ditada pela simplicidade, concluímos:

“Deus é o supremo poeta do Universo”

“Universo”

“Um verso”

“Deus...”

Por que somos um poema de Deus?

“Somos um poema de Deus, porque representamos a coroa da glória de Deus!”

“ABA, PAI”!



Jesus, nosso mestre querido, reconhecia que tinha um pai.

Aba, pai!

Aba em aramaico significa pai ou meu pai!

Deus: ser existente por si mesmo, aquele que é infinito, supremo, criador e conservador do universo.

Pai de todos!

“Universo”

“Um verso”

“Deus...”



CULTIVEMOS A TERRA QUE NOS ABRIGA

Deus - Criador, criou a Terra, nosso planeta azul, nosso “habitat”.

De fato, Criador e Terra nos abraçam durante nossa existência planetária.

Diz o “Livro Sagrado”: “No começo Deus criou os céus e a terra (...). Aí ele disse: Agora vamos fazer os seres humanos, que serão como nós, que se parecerão conosco”. (Gn 1. 1, 26).

Deus Eterno e Todo-Poderoso fez surgir tudo que existe através da Palavra.

Deus na Sua infinita sabedoria criou, além do Sol, das estrelas, dos astros em geral, do firmamento, os oceanos, os animais, o ser humano, obra-prima de Deus, para que reinasse e vivesse em harmonia com seu “habitat”, a Terra.

Somos, portanto, zelosos jardineiros do jardim encantado de Deus, a Terra.

Deus nos criou com o propósito de cultivar e zelar cuidadosamente por toda sua obra: a Criação, tudo em perfeita comunhão na trindade. Deus, homem, natureza, nossa mãe adotiva. Enquanto vivemos neste planeta singular, não destruamos nosso jardim encantado: “22 porque sabemos que toda a criação, a um só tempo, geme e suporta angústias até agora” (Rim 8.22).

“Deus é fonte de vida”

Viver a vida é abraçar a Terra.

Deus e a Terra nos abrigam no seu seio...

O CRISTÃO VERDADEIRO VIVE À SOMBRA DA CRUZ



De fato e de verdade, nós cristãos nos abrigamos à sombra benfazeja da Cruz de Cristo.

A Cruz de Cristo é, sem dúvidas, o maior símbolo do cristão, senão também de toda humanidade.

À semelhança do pássaro, o cristão prefere o ermo ao povoado, o céu à terra, e, com sua voz bendiz incessante as Maravilhas do Criador.

Ademais, a Cruz de Cristo é muito mais representativa e simbólica que as maiores conquistas triunfantes da ciência e da tecnologia, por exemplo.

Um drone, a inteligência artificial, a matemática quântica, os algoritmos, por exemplo: nada são face à grandeza e o significado iminentes da Cruz.

A Cruz é a defesa e proteção do cristão.

Foi, precisamente, através do sacrifício vicário de Cruz, que Jesus derrotou o inimigo de nossas almas.

Já a Ressurreição de Cristo, Senhor Nosso, avaliza a eficácia e a verdade do Cristianismo, através da obra redentora do Espírito Santo, a terceira pessoa da Santíssima Trindade.

Diz a Sagrada Escritura em (1Co 12.13):

“13 Pois, em um só Espírito, todos nós fomos batizados em um corpo, quer judeus, quer gregos, quer escravos, quer livres. E a todos nós foi dado beber de um só Espírito.”

De mais a mais, a Cruz aponta para o amor incondicional que Deus tem por toda humanidade, na busca de uma reconciliação com ela, por meio do sacrifício vicário de Cruz.

Paulo é categórico em (Cl 1.20):

“20 Portanto, por meio do Filho, Deus resolveu trazer o Universo de volta para si mesmo. Ele trouxe a paz por meio da morte do seu Filho na cruz e assim trouxe de volta para si mesmo todas as coisas, tanto na terra como no céu.”



“QUEM CANTA TAMBÉM ORA”

Deus não só habita como passeia nos louvores (Sl 22.3).

Cada música, cada canto, com forte mensagem cristã contém em si uma verdade espiritual.

A música e o canto, não raro, exortam o ouvinte a buscar patamares superiores de elevação espiritual, que podem trazer riqueza, prosperidade, felicidade, saúde, proteção e amor, à medida em que alinham os meridianos cerebrais.

Já a oração é uma forma de comunicação muito particular com Deus.

Os povos e nações, por meio de suas orações próprias, procuram comunicar-se com Deus para atenderem suas necessidades urgentes.

A oração, no entanto, para ser ouvida por Deus carece de alguns passos:

Em primeiro lugar: adorar a Deus.

Em segundo: confessar para Deus os pecados.

Em terceiro: agradecer a Deus pelo benefício almejado.

Em quarto: suplicar, fazer o pedido com ênfase a Deus.

A oração: essa forma muito particular de falar com Deus para ter eficácia deve ser feita em nome de Jesus e do Espírito Santo.

Diz a Sagrada Escritura:

“Invoca-me e te responderei: anunciar-te-ei coisas grandes e ocultas, que não sabes (Jr 33. 3)”.

A oração é deveras uma conversa íntima com Deus, com seus próprios pensamentos ou palavras.

Deus responde por meio da Bíblia ou de maneira silente em nosso coração...

A oração na verdade vem do latim; “Orationem.

É o meio que Deus proveu ao homem, a fim de que este viesse a estabelecer um relacionamento de comunhão contínua com Ele”.

“Vamos alinhar nossos meridianos cerebrais através da música e do canto, que é uma forma de oração”

“Quem canta também ora...”



SKATE

Nave singular.
Um pedaço de madeira.
Quatro rodinhas simétricas.
Liberdade sem par...

Gira.
Rodopia.
Serpeia.
Bamboleia...

Levitação pelo grande ar.
Criatividade.
O mundo começa a rodar.
A liberdade canta no ar...



A VELHA OLIVEIRA

A velha oliveira.

Mensageira dourada de paz!

Testemunha silente do tempo!

Árvore da eternidade!

Mensagem esmeralda d'esperança...

Representante piedosa da fé.

Unção sobre a fronte de Sião.

Proteção, comunhão e amor.

Dádiva celeste que perdoa sempre.

Sombra benfazeja que serve à semelhança do Criador...

**FRANCISCO DE SOUZA**

REQUIEM, ONU

A ninguém se permite desconhecer que a pior obra da “Criação” é o ser humano, muito embora Deus tenha colocado diante dele a vida e a morte, a bênção e a maldição, para que livremente escolhesse o seu caminho, conferindo-lhe o privilégio de dispor do livre arbítrio e de ser dono de seus atos (Dt 30,19). E ele escolheu ser tão medíocre, que se arvora em alguns grupos religiosos ao se autodenominar criado à “imagem e semelhança de Deus”. Outros vão muito mais além: intitulam-se “povo de Deus”, “nação escolhida”.

Normalmente, são esses mesmos que deixam atrás de si um caminho de sangue, porque desde cedo assumiram a avareza como qualidade superior, e despejam seu orgulho de “não ser nada” sobre os que estão ao seu lado. Assim, não há como se ignorar que a história da humanidade é marcada pela violência, quando lhe foi dada, apenas, a ordem do cuidar.

O espírito de beligerância é transmitido de pai para filho, na história do mundo, enquanto globo terrestre. Mas, também, essa história é marcada pelas inúmeras tentativas de controlar suas atitudes violentas, com encontros internacionais, codificando associações, que, infelizmente, até aqui, não deram os resultados almejados. E não deram porque não foi encontrada, ainda, a fórmula de convencê-los de que a convivência pacífica é muito mais fácil e economicamente mais barata. De que as guerras são como os vícios: somente dão lucro para quem fabrica e para quem vende. Para quem compra e usa, nunca. Por isso os aparelhos bélicos aparecem nos grandes desfiles “cívicos”, mas ninguém, ou quase ninguém, sabe onde são fabricados e por quem. Mas, em nome da paz e da ordem, são colocados no mercado e, com as guerras, tudo vira sucata. Prédios históricos, ou não, transformam-se em escombros. Pessoas saudáveis tornam-se mutiladas, crianças não prosperam e transformam-se em dependentes ou simplesmente morrem.

Curiosamente, nunca se encontrou, principalmente com as chamadas guerras modernas, nenhum líder de Estado nos campos de batalha, à frente de suas tropas. Estão encastelados em seus palácios, cercados por medíocres serviçais que a tudo obedecem, sem contestação. Para a linha de frente vai a juventude que nunca sabe por que está lutando e qual o valor que tem a coisa pela qual luta. Não sabe, e talvez nunca saberá.

David Nasser¹ foi um importante jornalista da antiga revista O Cruzeiro. Em um de seus artigos, ele narra o encontro fictício,

1. NASSER, David, paulista de Jaú, nasceu em 01 de janeiro de 1917. Jornalista, compositor musical, faleceu no Rio de Janeiro em 10 de dezembro de 1980.

certamente, de um palestino com um judeu na divisa de Gaza, em que mantiveram um diálogo mais ou menos assim: “Por que será que nós brigamos?”, perguntou o judeu ao palestino. O palestino respondeu que, certamente, era por causa do nome do deus a quem o judeu servia, e a quem chamava de Jeová. O judeu retrucou, dizendo que não poderia ser por causa da religião, porque ele chamava a seu deus de Alá, e que se respeitavam perfeitamente. O judeu acrescentou: então deve ser por causa do idioma. Eu falo iídiche e você fala árabe. O palestino observou que não poderia ser por conta de linguagem diferente, porque estavam se entendendo perfeitamente. Resolveram, então, falar de outros assuntos. E, o palestino perguntou ao judeu qual era a marca do fuzil que ele portava. Ao dizer a marca de sua arma, o judeu teceu profundos comentários elogiosos ao seu armamento. O palestino discordou, e ao informar a origem do seu, também rasgou elogiosos comentários sobre aquela arma. A discussão foi-se aprofundando, até que se deram conta de estavam em uma acalorada refrega verbal. E, num momento de reflexão, um disse para o outro: “Pronto: é pela marca do fuzil que brigamos”.

Óbvio, que na raiz de todas as guerras, desde os tempos antigos até a idade atual, está a fantasia econômica, e aliado a isto se acomoda o poder político. O mais longo conflito da antiguidade clássica foi, sem dúvida, a Guerra do Peloponeso, que, no longo período de 27 anos – (431-404 AC) — em que duraram os conflitos, os gregos se bateram pelo que eles acreditavam ser sua independência, e acabaram por gerar condições que levaram a seu declínio e à conseqüente hegemonia da Macedônia sob Felipe II; e, finalmente, sua total submissão ao Império Romano. Mas esta não foi a primeira manifestação bélica entre os chamados povos

civilizados e, certamente, não será a última, porque nunca houve uma guerra em que um dos lados tenha se sagrado vencedor.

É certo que sempre esteve ao lado de todos os conflitos uma demonstração, no mais das vezes, medíocre e falsa de que se pode encontrar uma solução para manter uma paz “duradoura”. Após a chamada Primeira Grande Guerra, em que até o Brasil deu sua participação, os países, em geral, resolveram que poderiam evitar novos entreveros através de uma união que os conduzisse à paz. Nasceu daí a Liga das Nações, que durou muito pouco tempo, por não ter sido suficientemente capaz de deter o espírito belicoso de Adolfo Hitler, sedento de sangue e poder, que deixou como herança um “monstro do lago Ness”, transfigurado em forma de partido político nacionalista de ultradireita. Alguns acreditam em sua existência, outros duvidam. Mas foi com discursos fortes que ele, o Führer, se atirou sobre as nações, elegeu o povo judeu como “bode expiatório” e levou milhões para a vala comum em seus fornos crematórios, marcando mais uma vez um período de grande guerra. Foi a segunda, que somente terminou com o fracasso dos poderosos de plantão.

Mais uma vez, as nações buscaram uma forma de tentar viver em paz. Dessa preocupação nasceu a Organização das Nações Unidas, a ONU, sob o hercúleo esforço do brasileiro Osvaldo Aranha, quando presidente da segunda Assembleia Geral em 1947², imaginando que somente estabelecendo dois Estados – Israel e Palestina – a paz seria soberana na região. A ONU nasceu sob essa

2. Razão pela qual, até hoje, as Assembleias Gerais anualmente são “abertas” com discurso proferido pelo presidente do Brasil ou pelo ministro das Relações Exteriores.

bandeira, e tem conseguido, aos trancos e barrancos, sobreviver até aqui, enfrentando muitas dificuldades na administração da paz.

Entretanto, a Assembleia Geral, que produziu grandes coisas, cometeu graves erros. O pior deles foi permitir que USA, Rússia, França, China e Reino Unido detivessem o chamado poder de veto, de modo que, tudo que não interessa a um deles não é aprovado. Outra forma arbitrária de se organizar foi ter criado o Conselho de Segurança com dez membros, sendo cinco considerados permanentes e cinco temporários. E os membros permanentes, por infeliz coincidência, são os mesmos que detêm o poder de veto.

Dividida a Palestina, sobraram dois países: o Estado de Israel e o Estado da Palestina. Israel logo se organizou sob a orientação de David Ben-Gurion, fundador do MAPAI, partido social democrata sionista trabalhista. Para manter a divisão territorial entre judeus e palestinos, a ONU organizou, com a participação de seus membros, uma força especial chamada de “Força de Paz” que, temporariamente se instalou na região definida como de fronteira, mantendo a separação dos dois Estados. Durante todo o tempo em que essa força (de paz) se manteve na região, a chamada “Faixa de Gaza”, permaneceu em paz. O mundo inteiro movimentou-se no sentido de remeter para o novo Estado os seus apátridas residentes em outras regiões, e que passaram a se conhecer por israelitas. Um dos poucos países que não tiveram autorização para enviar emigrantes foi a Etiópia, que o Estado de Israel preferiu apoiar em seu país de origem, razão pela qual Israel tem muito poucos negros.

Mas tão logo as tropas foram repatriadas, a primeira-ministra Golda Meir, ex-primeira embaixadora de Israel na União

Soviética, integrante ativa do MAPAI e do Sindicato Histadrut, com seu ministro da defesa, Moshe Dayan, aproveitando-se de um dia de rezas muçulmanas, uma sexta-feira, invadiu as Colinas de Golan, e se apoderou das melhores terras da Palestina, de onde nunca mais saiu.

Hoje, o mundo assiste estarecido ao novo genocídio imposto à região pelo primeiro-ministro judeu, Benjamin Netanyahu, apoiado pelo direitista extremado (Hitler também era direitista extremado) presidente americano, Donald Trump, que tem pretensão de apoderar-se da região da “Faixa de Gaza” para estabelecer um resort particular.

As pessoas às vezes se perguntam: e a ONU, por que não faz nada? Por que pessoas morrem de fome todos os dias nos diversos países do mundo, especialmente no continente africano? O que interessa mesmo é que a área seja “limpa”, na expressão de Trump, enquanto o resto do mundo é abusado por suas ameaças, apoiado na imagem de brucutu que passa, de todo-poderoso, e os chamados líderes políticos abaixam a cabeça e o satisfazem. Mas o sistema político-jurídico do mundo continua viajando, conduzindo tudo em direção à estrela Vega no infinito, mostrando em seu rastro que já ficaram para trás inúmeros impérios, e que os seus líderes de há muito estão esquecidos, e que somente pelas letras da história é que alguém poderá ainda se lembrar deles.

Daqui a não muito distante, todos terão passado, e por mais poderosos que tenham sido, nada são. E, se houver, como dizem, vida após esta, certamente, pedirão: “Pai Abraão, tem misericórdia de mim, e manda a Lázaro, que molhe na água, a ponta do

seu dedo e me refresque a língua, porque estou atormentado nesta chama.” (Lc 16,24).

A ONU perdeu, portanto, sua credibilidade. É hora de cerrar as portas e começar a imaginar outra direção. Reconhecer que falhou até aqui, mas que pode recomeçar a jornada. E que, na próxima, não haverá nenhuma nação superior a outra, e por isso, nenhum país com poder de veto, tampouco, membros especiais na formação de Conselho de Segurança, em que o voto de todos terá o mesmo peso nas decisões, visando sempre o bem comum.

Agora, Israel interpretando o espírito Hitlerista, elege como responsável por suas desgraças o povo palestino, e tenta aniquilá-lo em violento movimento de extermínio, para que um dia seja apenas uma mancha na história da Organização das Nações Unidas, que foi impotente como a Liga das Nações.

Francisco de Souza



GIL CAMPOS DE FARIAS

UM MUNDO NOVO... SOMOS D.E.H.V.E.I



Caverna, Metal, Palestra, Pé, Barata, Pipou, Pipoco, Funeral, Rolha, Bruxo, Dog, Morte, Gurila (com “u” mesmo!), entre tantos outros. Nomes estranhos para pessoas? Não. Na irmandade de um motoclube, uma verdadeira confraria (como a nossa Academia Guarulhense de Letras) com suas regras e obrigações, eles são comuns e muito conhecidos em Guarulhos.

Desde que o primeiro motoclub surgiu em nossa cidade, o Zerinho MC, em 1982, o motoclubismo de Guarulhos só cresceu. Estimativa é que hoje são pouco mais de 300. No estado de São Paulo, cerca de 13 mil. Em todo o país, são 150 mil.

São homens, a maioria barbudos e carecas, vestindo coletes e roupas geralmente pretas. Usam anéis, braceletes e correntes. São tatuados, cara de mau. Mas exercem um grande trabalho social junto à sociedade e, mais que isso, respeito às famílias, às mulheres e às crianças. Aliás, temos motoclubes de mulheres, também com suas regras e obrigações, com grande trabalho social.

Quem nunca viu um desses personagens “estranhos” pelas ruas, reunidos em bandos, com suas motos ou triciclos? Muitas pessoas viram a cara, sem, de fato, saber o grandioso trabalho de ajuda ao próximo que eles colocam em prática.

Cada um com seu estilo, sua vida cotidiana, suas manias, suas famílias, seus trabalhos, curtindo rock and roll em especial, e vários outros estilos musicais. Os rolês acontecem quase todos os dias da semana, principalmente de sexta-feira a domingo. Aí é o momento de extravasar, rever os irmãos e as cunhadas (sim, a companheira de um irmão de motoclub é chamada de cunhada), apreciar uma cerveja gelada e, muitas vezes, gritar “Toca Rauuuuuuuuuullllllllllllll!!!”.

Esses “loucos” mantêm um alicerce de vida tendo como base quatro pilares fundamentais: irmandade, respeito (não somente aos membros do clube e a outras pessoas, mas às regras do trânsito), igualdade e honra. Além, claro, do amor pelas motos.

Entre essas “tribos de estranhos”, surgiu em Guarulhos há dez anos, o Descendentes do Erro Motoclube, a partir de um grupo de amigos sonhadores e apaixonados por motos. A caminhada do

DDE, como de todos os outros MCs coirmãos, é árdua, cansativa, difícil, mas muito prazerosa.

O DDE não é grande e nem pequeno. Tem o tamanho suficiente para manter viva a chama do motoclubismo em Guarulhos. Aprendemos com o Falcões MC e o Naja MC a colocar em prática ações sociais, desde arrecadação de alimentos a fraldas, leite e agasalhos para pessoas em situação de vulnerabilidade.

Aprendemos também com todos os outros motoclubes o respeito, a irmandade e a participação, além do orgulho de fazermos parte deste mundo considerado “estranho” para muitos da sociedade.

Somos – Caverna, Palestra, Pipoco, Campos, Juca Balla, Lobinho, Mike, Tchola, Guuh e Marquinhos – todos D.E..H.V.E.I (Descendentes do Erro Humanos Vivendo em Igualdade).

AMANDA...DANDA CORAÇÃO!



Danda beleza,
tez morena.
Alma e coração uma só natureza.
De José de Alencar, é a própria Iracema,
símbolo de firmeza, pureza e grandeza.

Danda menina,
pequenina.
É mulher, é divina,
é delicada, é aclamada.
É digna de ser amada.

Danda que canta, que chora, que gargalha.
Que grita impropérios com voz de trovão
e mostra o dedo do meio sem dar nenhuma explicação.
E pra quê explicação,
se essa mulher é puro coração?

Dizer mais o quê?
É leoa, é felina, é bruxa, é fada.
Cada sorriso é uma verdadeira alvorada
que ilumina as manhãs
e torna minha vida ainda mais safada.

A PELEJA DE ZÓIÃO NO SOL QUENTE DO SERTÃO



Nas terras calorentas da Bahia,
numa cidadezinha pequenininha, miô,
miudinha
chamada Tanquinho de Feira
onde, sem eira e nem beira,
o Sol raiou numa quarta-feira.

Dona Ivone sentiu a dô
e preocupou seo Domingos, o estivadô.
Numa reza pro Salvadô
ele ajeitou a muiê num canto
e rezou pra todo santu
no Sol quente do sertão.

Finalmente alguém gritô
no Sol quente do sertão:
“Virge Maria, nasceu Zóião!”.
Menino cabeçudo,
pele cor de rapadura
que entre as pernas já tinha
uma minhoca pra lá de dura.

Todo mundo se benzeu,
fez o siná da cruz
acendeu vela no cruzeiro
e Zóião abriu o berreiro.
A criatura nasceu com a fome
de um formoso bezerro.

E a vida teve prosseguimento.
Dona Ivone, Seo Domingos e 11 filhos.
Zóião era o do meio
e causou na mãe o pió aperreio.
Era traquino e briguento.
E queria tá sempre com o
bucho cheio.

Comia farinha com rapadura
e moiava a guela com um copo d’água.
Quando a família tinha luxo
fazia uma farofa de feijão andu.
E o danado do menino,
correndo no terreiro,
gostava de andar nu.

Mas a fome era uma mizêra
e matou quase todos os 11 irmãos.
Nos corpinhos magricelas
só se via era a titela.
E seo Domingos com a pá
enterrava, um a um, no quintá.
E tudo isso acontecia
no Sol quente do sertão.

Zóião cresceu e por essas
bandas se meteu.
Chegando aqui só se falava
do astro pop que morreu.
Com a melhor calça que tinha, uma Levis,
ficou sabendo que quem morreu
foi o cantor Elvis.

Nessas bandas do país trabalhou na feira,
fez carroto, suou na olaria
e foi até engraxate.
Comeu caldo Knnor
pensando que era chocolate.
Isso foi no Itaim,
já se achando paulista,
mas ele não sabia que seu destino
seria ser sindicalista.

Chegou a oportunidade
de entrar na metalurgia.
Dominou o ferro e metá
pra ganha um capitá.
Suou e calejou a mão
com toda dedicação.
Chorou calado, engoliu a seco
sem saber que o destino
na sua vida daria um jeito.

Pisou no chão de várias fábricas,
foi com orgulho peão.
Com a força de um touro
trabalhou talhando ouro.
E lembrava da mãezinha
que deixou com dor no coração
naquele Sol quente do sertão.

Zóião casou e teve filhos.
Mas a dô no peito apertô quando ele enviuvô.
Mas o sorriso escancarô
quando, anos mais tarde,
ele se tornou avô.

Hoje bravo sindicalista,
com oratória que derruba qualquer grande moralista,
Zóião no sindicalismo é um artista.
Tem amigo e respeito,
e muita honra no peito.
Tem carisma e retidão.
E encerro agora essa história
que começô no Sol quente do sertão.

**IBRAHIM KHOURI**

Acadêmico Honorário

VIDA URBANA

Sou fruto das decisões dos grandes centros,
do ritmo frenético da cidade.
O sonho da terra, do chão, do arvoredo,
perdem-se entre as esplêndidas variedades
desta maldita e incrível agitação urbana,
protagonista da minha vida moderna,
montanhas de concreto feitas pelos homens,
que nos fins de semana deixam as cavernas
e, sob a chama de trocar o cinza pelo verde,
milhões de Moisés em fila poluem o deserto,
na busca da terra prometida
tentam encontrar um oásis por perto.
É, mas a chama se apaga no domingo,
e, no pouco momento que resta,
o homem pensa levar a cidade para o campo
e plantar um shopping center na floresta.

TRÉGUA

É noite ...

a cidade se arruma,
troca todo o cenário,
foi embora o patrão sorridente,
amassado foi embora o operário ...

É noite ...

desaparece o crepúsculo,
as pessoas agitadas
— o eterno vai e vem —
agora é tudo tão de verdade,
O sonho passa a ser realidade
sem se preocupar com quem é quem.

É noite ...

“os gatos são pardos”,
confundem-se humanos e bichos,
levanta a boca do luxo,
acorda a boca do lixo ...
Luminosos falam em vários idiomas,
e ninguém quer saber quem é quem;
não importa se a Maria é homem,
se o miserável, cansado, morre de fome, cada qual consome o que tem.

É noite,

a cidade está pronta,
O teatro mudou o cenário,
foi embora o patrão sorridente,
amassado foi embora o operário.

DESCASO

A noite esconde-se de repente,
 encolhe-se ao clarão que surge adiante,
 aos poucos abandonam o leito quente,
 adormecidos entre juras, os amantes.
 Mas lá fora, debaixo das marquises,
 envoltas em jornais, às escuras,
 como se de nada fizessem parte,
 adormecidas estão tétricas figuras.
 Seres humanos, vítimas sei lá de quê,
 talvez da sorte que conspira,
 resultado de tantas mentiras,
 ou, quem sabe, talvez de você.
 Enquanto o escuro esconde a vergonha,
 abafando os gemidos de fome,
 de gente amassada que não sonha,
 encolhida, inanimada, a criança dorme.
 Sem saber são “principais personagens”
 — Graças a Deus! Menos mal... —
 de debates, palestras ... que bobagem,
 de político, autoridade, coisa e tal,
 que no auge da retórica falida
 — corvo, nada mais a que se presta —
 usa aquelas miseráveis vidas,
 para sua boa comida, viagem, festa.
 Eles, dormindo, a tudo renunciaram,
 atrás da mentira, triste verdade.
 Amanhece, novo engano, novo dia,
 O chão frio é a única realidade.

A BAILARINA

Será de louça esta moça,
bailando no palco agora,
que é pra quem meu verso canta
ou pra quem meu verso chora?
É peça rara da China?
— fino frasco, frasco raro — um lindo presente caro,
a delicada mulher,
a fêmea, a doce menina,
que é pra quem meu verso brota ou pra quem meu verso rima?
Será pedra? Diamante?
De tão bela ofusca a vista,
que faz do palco uma pista, desfaz meu semblante irado
e sei: não foi seu intento
povoar o meu pensamento
com o encanto que lhe foi dado.
Será de louça esta moça?
Joia? Porcelana fina?
A peça que me fascina,
nos passos tanta certeza,
nos traços tanto cuidado.
Que encanto! Que expressão divina!
Sobre colunas precisas,
vai dedilhando onde pisa.
Ao som de uma melodia,
desperta em mim a poesia
esta estrela cristalina.

Ah, moça! Encontro-a onde,
além do verso e da prosa,
seu jeito, fruta gostosa,
que continua dançando?
Mas onde você se esconde?
Vou esperá-la até quando? ...
Perdão pela impaciência
deste poeta peregrino,
que age como menino,
que a sonha em verso e cantiga,
cuja memória me obriga
a vê-la no eterno ballet
— no encanto, às pontas dos pés — onde seu corpo desenha
mil quadros nunca pintados
e eu que não sou um pintor,
só um poeta que se atreve
a prendê-la por tempo longo,
por vê-la num tempo breve
pra mostrar-lhe meu amor.
Será de louça esta moça,
cuja memória me obriga,
como uma poesia antiga,
nos pensamentos dançando?
Mas até quando? Até quando
meu verso vai com vagueza,
unido à sua beleza,
bailando pro infinito?

Se fez de mim seu cativo,
por aquele momento eu vivo
e em mim você ficou presa
— meu verso e sua leveza —
eternizaram o momento:
você, nas pontas dos pés,
eu, no fio do pensamento,
onde só você dançando,
eu sigo só, versejando,
mas até quando? ... Até quando? ...

**ISABEL BORAZANIAN**

FRAGILIDADE

Atitudes descabidas
não cabem na solidez.
Atitudes sólidas,
moram na sensatez.
Permeando as ações
das atitudes descabidas,
cada momento acionado
fica solto sem medida.
Presas em falsos momentos
de um frágil e suposto poder,
as atitudes descabidas
construídas em falsos alicerces,
não resistem, se perdem,
nem chegam a ser.

LEMBRANÇAS

Lembranças...

Lembranças são lanças
que acenam a favor do tempo.

São recortes fotográficos
do que um dia fomos,
do que um dia vivemos.

São os registros da memória
que, na vida, lembranças viraram.
São as vivências da alma e do corpo
que lembranças se tornaram.

São recortes fotográficos
que acenam a favor do tempo.
Lembranças são lanças
carregadas de razões e sentimentos.
Lembranças são lanças.
Lembranças...

ABRAÇO

Radiante, o abraço se fez apertado

O abraço apertado se fez abraçado

E o abraço abraçado

Se fez dentro da alma

Por lá permaneceu

Fez morada e não se mudou

Foi um abraço tão rico

Início do nosso amor

MEMÓRIA VIVIDA

Nas peripécias da vida,
o amor se instalou.
Virou memória vivida,
virou história de amor.

Toda memória vivida
traz escondida uma dor.
Cabe a nós decidirmos
qual o seu peso e valor.

E quando o tempo desperta
à nossa memória vivida,
só então é que sabemos
se foi fechada a ferida.

A vida segue adiante,
o tempo é a solução.
Toda memória vivida
faz parte da construção.

DESEJOS DIVERSOS

O retrato que eu vejo,
não é o desejo
do que eu quero para mim.
Abraço meus versos,
me viro no inverso
de desejos diversos
que fluem sem fim.
Eu canto a certeza
da vida que é incerta
que prende e liberta,
sentimentos diversos
que habitam em mim.
Sentimentos diversos
que abraçam meus versos
em desejos diversos
nos começos, nos meios e nos fins...

POESIA I

Luzes, ribaltas acesas

Vestem a minha emoção

Versos, versando a vida

Versos, versinhos, versões

Chuva de pensamentos

Viagem ao encantamento

Viagem com a imaginação

Memórias dos sentimentos

Viagem do coração

POESIA II

Se todos os homens
acreditassem na poesia,
os homens não matariam,
as armas não nasceriam,
a bomba não teria ação.
Se todos os homens
vibrassem com o nascer
de uma poesia,
a vida seria mais fofa,
o céu seria mais limpo,
a natureza não sumiria,
a ambição não teria vazão.
Mas, nem tudo se poetiza...
A vida corre solta,
fora e dentro de mim.

INFÂNCIA I

Em todas as andanças,
dançam as lanças
do mal e do bem-querer.

Em todas as lanças,
dançam esperanças
na noite e no amanhecer.

Canções se espalham ao vento
e o tempo arrebatada,
trazendo de volta
lembranças do meu viver.

São risos lançados no tempo
da minha memória criança.
São delícias as lembranças
do acordar e do adormecer.

Ricos momentos vividos,
alicerces da minha construção.
Trago-os sempre comigo,
guardados no coração.

INFÂNCIA II

Cantar em vida a alegria.
No peito, doce magia
em recordar o meu viver.
Embalada, minha alma
aflorou várias lembranças
do meu tempo de criança.

A paineira tão frondosa,
aparente solidez,
deixava escapar, tão mimosa,
flocos de maciez.

Na goiabeira, a goiaba
docinha como o mel,
era sempre pouso certo
dos passarinhos do céu.

As flores nasciam livres,
escolhiam seu lugar,
o aroma era delicioso
e se espalhava no ar.

No meu tempo de criança,
brinquedos,
brincadeiras,
a imaginação conduzia,
tudo era tão bom,
maiores as alegrias.

BRINCADEIRA DE RODA

Vozes soltas
ciranda cantada
Alegria
semente espalhada
Brincadeira de roda
Folia
Brincadeira de roda
Magia
Roda, roda, roda
as mãos abraçadas
Vão formando
ciranda rodada
Brincadeira de roda
é magia
Brincadeira de roda
é poesia
Roda e canto
A ciranda é formada
Canto e roda
Brincadeira encantada



IVO DE SOUZA 'POETA DOS MARES'

CHEIRO DA TERRA

Na terra do Rei do Cangaço,
O célebre e temível Lampião,
A caatinga virou um bagaço
Açoitada pela longa insolação.

O sol castigava a terra
Secando a água e o solo,
Parecia estar em guerra
Com as crianças de colo.

Sem ter o que pôr na língua,
Que provocasse mastigação,
Os idosos morriam à míngua
E as crianças de inanição.

Os animais morrendo de sede
Não conseguiam pastar,
O chão como malha de rede
Não parava de trincar.

As rezadeiras, na ladainha,
Pediam para um dia chover,
Nem mesmo a Salve-Rainha
Fazia aquela nuvem escurecer.

No final de uma novena suplicante,
O céu se encobriu de cerração,
Ouviu-se um estrondo distante,
Mudando a paisagem do sertão.

Vai chover! Vai chover!
O sertanejo começou a gritar.
A multidão se juntou para ver,
Aquele milagre se realizar.

O sol, sem pedir licença,
Se escondeu de mansinho.
A chuva, na sua ausência,
Molhou o sertão inteirinho.

A chuva caiu calmamente
até encharcar o chão,
Regando raiz e semente,
Alimentando a plantação.

Mudou o cheiro da terra,
Trazendo mais confiança
Para aquele povo que berra,
Mas não perde a esperança.

Durante meses, semanas,
Choveu como corredeira.
Surgiram as novas savanas
Como uma grande esteira.

Aquela chuva clemente,
Como cortina de prata,
Fez germinar das sementes
Mandacaru, milho e batata.

As flores desabrocharam,
Trazendo os passarinhos.
As Asas Brancas cantaram,
Depois que teceram os ninhos.

Os colibris, como apicultores,
Sugavam o néctar sem parar.
Enquanto as pétalas das flores
Espalhavam perfumes no ar.

O GRITO DA TERRA

Não me destruas, grita a terra
Nem me provoques erosão.
Se me desnudas fico pobre.
Fico sem meu lado nobre,
Onde cresce a plantação.

Não me desmates, grita a mata,
Nem promovas esta queimada.
Secas a terra que me aterra
E a água que me afaga.

Não me envenenes, grita a água,
Nem seques meu manancial.
Pura sou fonte da vida,
Da terra a melhor bebida
Para flora e todo animal.

Não me poluas, grita o ar,
Nem tentes modificar
A minha composição.
Se deixares de ser idôneo
Destruindo a camada de ozônio
O Sol aquece este chão.

Não me agites, grita o mar,
Nem derretas as geleiras,
Revolto posso avançar
Muito acima das costeiras.

Não me mates, grita a caça,
 Nem extingas minha raça.
 Sejas amigo comigo
 Que a terra eu fertilizo.

Não me excludas, grita a lua,
 Nem me imponhas restrição.
 Deixes que a minha luz flua,
 Quero ver a terra nua
 Iluminar este chão.

Mata, caça, água, lua...
 A natureza é toda sua.
 Preserve-a de coração.
 Não destruas esta energia
 Que este sistema envia
 A toda nossa geração.

TEMPORAL

A garoa começou
 Como simples nevoeiro,
 Como gotas de orvalho,
 Como noite de sereno,
 Que molha todas as plantas
 Mas não encharca o terreno.

A garoa escorreu fina
 Na sarjeta, na cortina,
 Na calha, no para-brisa...
 Deslizando até o chão
 Caminhando em zigue-zague
 Como em uma serpentina.

A garoa aumentou
Enquanto o tempo passava,
Enquanto o Sol não saía,
Enquanto a nuvem cobria,
Tudo aquilo que se via
Dos arranha-céus da cidade.

A garoa virou chuva,
Encheu vielas e ruas,
Fez todo mundo parar.
Os carros à minha frente
Ficaram presos a correntes
Não saíram do lugar.

Esta chuva mais forte,
Que ia de encontro ao norte,
Chamava muita atenção.
A água que escorria
Pela sarjeta, e sumia,
Parecia um turbilhão.

A chuva então virou
Verdadeiro temporal.
Levou tudo na corrente
Encheu rio e canal.
Provocou várias enchentes,
Deixou pessoas doentes,
Sujeiras pelo quintal.

Depois de algumas horas
O temporal foi embora,
Tudo voltou ao normal.

MARINHEIRO

Marinheiro da lagoa ou canoeiro do mar
Entra cedo na canoa antes de o sol raiar.
Rede, remo, garateia e boias para sinalizar,
Uma verdadeira epopeia na hora de ir pescar.

Navegante solitário que enfrenta chuva e sol,
Sonhador ou visionário tem como arma o anzol.
Rema marinheiro, rema, cumpre a tua missão,
Lembrando sempre do lema “Noroeste não é viração”.

No meio do nevoeiro ou durante a ardentia,
Acende teu candeeiro, para servir de farol guia.
Amarre tua canoa na garateia de fora
E pela alheta de proa, pesque uma linda albacora.

Marinheiro, marinheiro, quantos peixes vais pescar?
Para vender para o peixeiro, ou apenas para o jantar?
Quando a rede vem cheia, é simples de imaginar,
Mas se vem siri-candeia, muda a rede de lugar.

Se tua rede é pequena, mas é a única que tens,
Insiste que vale a pena, não peça peixe a ninguém.
Marinheiro ou canoeiro não deixes de navegar,
O remo te leva ao pesqueiro, onde a rede vais lançar.

Marinheiro envelhecido pelo salitre do mar,
Nunca se dá por vencido, ensina o filho a pescar.
Teu filho é teu herdeiro, de prova ninguém precisa,
Será o melhor canoeiro, na tempestade ou na brisa.

TIMONEIRO

Icei as velas do barco,
Deixei na terra um marco,
E saí para navegar.
As correntezas marítimas,
Logo se tornaram íntimas,
Levando-me ao alto mar.

Cheguei nos mares do Sul,
Navegando em mar azul,
Sob céu de brigadeiro.
Coloquei as velas em leque,
Gritei no meio do deque:
— Agora sou timoneiro!

Entrei no mar do Norte,
Enfrentando um vento forte
E muitas ondas gigantes.
Minha confiança acabou,
Quando o barco alagou,
Mas consegui ir avante.

A onda quebrada na proa
Até agora ecoa,
Ao longo do tombadilho.
O vento mudou de rumo,
Procurei manter o prumo,
Para não sair do trilho.

Atravessei os oceanos,
Traçando novos planos,
Em busca de nova conquista.
Meu coração se acalmou
Quando o imediato gritou:
— Comandante, terra à vista!

Entrei neste novo mundo,
Sentindo um anseio profundo,
Por esta nova primavera.
Pretensões não me faltaram,
Os acessos me levaram
Ao marco, que deixei na terra.

DEUS GLORIOSO

Deus do tempo, Deus do vento,
Eterno Pai da criação,
Une-nos neste momento,
Santifique nossa comunhão.

Senhor, Salvador da vida,
Onde quer que eu esteja,
Bota o dedo na ferida,
Entrava qualquer peleja.
Retira, de minha mente,
A malícia e a obsessão,
Navega na minha frente,
Orientando minha direção.

Mestre dos mestres dos mares
A tua força e poder
Geram as águas dos vales
No horizonte, o alvorecer.
Íntimo a Ti quero estar,
Fazendo minha devoção,
Informando que quero morar,
Contigo, na Tua mansão.
Ouve esta minha oração.

Glória, glória, aleluia,
Lá no céu se ouvirá,
Onde o amor se perpetua,
Redimidos, irão cantar.
Ilumina o meu caminho,
Os meus pés, onde eu pisar,
Sem Tua luz, sigo sozinho,
Onde é que vou chegar?

**JACQUES MIRANDA**

VIVER COM DIGNIDADE

UM MANUAL DE DEFESA DA HONRA EM UM MUNDO HIPERCONECTADO

Em uma era de interconexão instantânea, a reputação de uma pessoa pode ser construída ou destruída em questão de minutos. O que na Grécia Antiga se chamava ostracismo – a exclusão social de um indivíduo por um período determinado – hoje, no universo digital, se propaga com uma velocidade e alcance inimagináveis. Este fenômeno, tão antigo em sua essência, mas tão novo em suas ferramentas, nos convida a revisitar um dos pilares mais preciosos do Direito: o direito à honra.

Este artigo busca ser um guia prático, uma espécie de aula, para entender por que a honra é um direito fundamental e como protegê-la em um mundo onde a vida virtual se entrelaça, de forma inseparável, com a vida real. Não se trata apenas de uma discussão

teórica, mas de um roteiro para que cada um de nós possa ser um protagonista na defesa da própria dignidade.

A HONRA, A DIGNIDADE E O AMOR-PRÓPRIO

O Direito de Personalidade, em sua essência, é aquilo que particularmente passamos a chamar de “O Direito do Amor-Próprio”. É a proteção jurídica que garante que cada um de nós possa viver com dignidade, autonomia e respeito, livre de ataques à sua integridade. A honra, nesse contexto, é um dos seus elementos mais sensíveis, pois se divide em duas camadas essenciais: a objetiva e a subjetiva.

A honra objetiva é a sua reputação, a sua imagem pública, ou seja, como você é visto e respeitado pela sociedade. É o reflexo do seu caráter e de suas ações na visão dos outros. Pense em um profissional que é injustamente acusado de algo por um jornal local ou em uma postagem viral. Mesmo sendo inocente, sua reputação perante a comunidade é manchada, afetando suas relações profissionais e pessoais. A honra objetiva, portanto, vive no olhar do outro e pode ser tão frágil quanto a confiança que a sustenta.

Já a honra subjetiva é a sua autoavaliação, a sua autoestima e a sensação de dignidade que não depende da opinião alheia. É o seu amor-próprio. Uma pessoa pode saber que é honesta e ética, mesmo que boatos ou informações falsas a façam ser vista de outra forma pela sociedade. A honra subjetiva é o seu escudo interno, o que permite que sua dignidade permaneça intacta, apesar das ofensas externas.

O Direito busca proteger ambas as dimensões. Ao defender a honra, a lei não apenas repara um dano causado externamente (como a difamação), mas também reforça a dignidade interna da pessoa, seu valor intrínseco e seu amor-próprio. É um direito pessoal e indisponível, o único que você não pode ceder.

O ABUSO DA LIBERDADE DE EXPRESSÃO

A liberdade de expressão é um pilar da democracia, um direito fundamental que permite a todos manifestarem suas ideias e opiniões livremente. No entanto, ela não é um direito absoluto, ou seja, não é irrestrita. A lei brasileira é clara: você pode falar o que quiser, mas será responsabilizado se sua fala violar o direito de personalidade de outra pessoa.

A internet, com seu alcance e anonimato, tornou-se um terreno fértil para o abuso desse direito. Uma pessoa que se esconde atrás de um perfil falso para ofender, por exemplo, está abusando da liberdade de expressão. Dizer que “fulano é feio” pode ser uma opinião, mas ao expressá-la publicamente com a intenção de humilhar, você ultrapassa o limite de sua pessoalidade e atinge a dignidade de outra pessoa. A liberdade de expressão permite a crítica e a discordância, mas exige que isso seja feito de forma civilizada e respeitosa, sem ofender ou desrespeitar.

É aqui que o Direito torna-se essencial. Quando a honra é violada, não se trata de uma simples briga de opiniões, mas de um ato ilícito, previsto e punido pela lei. O Direito Penal brasileiro, por exemplo, tipifica os chamados crimes contra a honra, que são diretamente aplicáveis a essas situações.

CRIMES CONTRA A HONRA NO CÓDIGO PENAL

A honra é um bem tão fundamental que sua violação pode se enquadrar em três tipos de crimes previstos no nosso Código Penal (Decreto-Lei nº 2.848/1940), os quais vale a pena conhecer:

CALÚNIA (ART. 138):

Este é o crime mais grave contra a honra. Ocorre quando alguém imputa falsamente a outra pessoa a prática de um fato definido como crime. A essência da calúnia é a mentira. Por exemplo, se você espalha o boato de que um vizinho cometeu um furto, sabendo que ele é inocente, está cometendo calúnia. A pena prevista é de detenção, de seis meses a dois anos, e multa. O crime também se aplica se a calúnia for dirigida a uma pessoa já falecida.

DIFAMAÇÃO (ART. 139):

A difamação acontece quando alguém imputa a outra pessoa um fato ofensivo à sua reputação. A grande diferença para a calúnia é que o fato pode ser verdadeiro ou falso, mas não se trata de um crime. Por exemplo, dizer que um colega de trabalho traiu a esposa em uma festa, mesmo que seja verdade, é um fato que ofende sua reputação e pode se configurar como difamação. A pena é de detenção, de três meses a um ano, e multa.

INJÚRIA (ART. 140):

A injúria é o ato de ofender a dignidade ou o decoro de alguém. É o ataque direto à honra subjetiva, à autoestima da pessoa.

Seus alvos são os atributos pessoais da vítima, como suas qualidades morais, físicas ou intelectuais. Chamar alguém de “ladrão” ou “burro”, sem imputar um fato específico, é um exemplo de injúria. No caso de a ofensa se referir a elementos de raça, cor, etnia, religião, origem, condição de pessoa idosa ou com deficiência, a pena se torna mais severa, com reclusão de um a três anos.

A Lei protege a honra em todas as suas manifestações, e o conhecimento desses crimes é o primeiro passo para que você possa identificar e reagir a uma ofensa, buscando a reparação adequada.

AS CONSEQUÊNCIAS DE UMA VIOLAÇÃO DESTES DIREITOS

O prejuízo de uma violação da honra vai muito além do que se pode ver. As vítimas de ofensa, difamação e assédio enfrentam uma série de problemas emocionais e mentais que afetam profundamente sua saúde e bem-estar. Não se trata apenas de “levar para o lado pessoal”, mas de um dano real e clinicamente comprovado.

Muitas vítimas desenvolvem quadros de ansiedade e estresse crônico, com sintomas físicos como palpitações, tensão muscular e esgotamento. A vergonha e a humilhação podem ser tão intensas que a pessoa passa a evitar interações sociais, o que agrava ainda mais a depressão e o isolamento. O medo pode evoluir para a paranoia, onde a pessoa se sente constantemente ameaçada, mesmo na ausência de um perigo real.

Ainda, em casos mais graves, a vítima pode desenvolver transtornos de ansiedade generalizada (TAG) ou transtorno de es-

três pós-traumático (TEPT), que requerem tratamento médico e terapêutico. A perda da autoestima e a sensação de desamparo podem levar a pensamentos suicidas.

Compreender essas “dores” é o que nos dá a dimensão exata da importância de agir e defender nossos direitos. O combate à violação da honra não é uma questão de vaidade, mas de saúde, dignidade e sobrevivência.

FERRAMENTAS PRÁTICAS PARA A DEFESA DA HONRA

Proteger sua honra não é um privilégio de celebridades, mas um dever de todo cidadão. É um direito garantido pelo nosso ordenamento jurídico. Diante de uma violação, o primeiro passo é agir de forma estratégica e documental.

COLETE EVIDÊNCIAS: A PROVA É O SEU ESCUDO.

Registro detalhado: Anote datas, horários, locais e o teor exato das ofensas. Não confie apenas na memória.

Capturas de tela e vídeos: Salve prints de mensagens, e-mails, postagens em redes sociais e comentários. A prova eletrônica é fundamental e pode ser validada por um cartório para ganhar ainda mais força.

Testemunhas: Reúna o contato de pessoas que presenciaram a ofensa. Uma testemunha pode ser crucial para comprovar a violação.

Documentos: Guarde laudos médicos ou psicológicos que comprovem o dano emocional causado, como estresse, ansiedade ou depressão.

AÇÃO PREVENTIVA E REPRESSIVA:

Tutela Preventiva: Se houver uma ameaça clara de dano à sua honra, é possível entrar com uma ação judicial para que a conduta ofensiva seja impedida antes que cause um prejuízo maior. Isso se dá por meio de um pedido de tutela antecipada, por exemplo.

Tutela Repressiva: Se o dano já ocorreu, a principal medida é buscar a reparação. Isso se dá por meio de uma ação de indenização por danos morais e materiais, que visa compensar o sofrimento e os prejuízos financeiros. A indenização, neste caso, não apenas “pune” o ofensor, mas também serve para reparar o sofrimento e a dignidade violada da vítima.

MECANISMOS JURÍDICOS AO SEU DISPOR:

Ação Civil: Para buscar indenização por danos morais e materiais. O valor é fixado pelo juiz com base na gravidade da ofensa, no impacto na sua vida e na capacidade financeira do ofensor.

Queixa-Crime: Nos casos de crimes contra a honra (injúria, difamação ou calúnia), você pode formalizar uma queixa-crime na delegacia para que a polícia investigue e o Ministério Público inicie a ação penal.

Denúncia Administrativa: Em casos de exposição de dados pessoais, a Autoridade Nacional de Proteção de Dados (ANPD) pode ser acionada.

CONCLUSÃO

O direito da honra, como um verdadeiro escudo da dignidade, é uma resposta legal e filosófica aos desafios impostos pelas novas dinâmicas sociais. Vimos que ele vai muito além da mera reparação, atuando como um baluarte do amor-próprio.

Por um lado, cabe ao nosso ordenamento jurídico oferecer as ferramentas necessárias para coibir os abusos da liberdade de expressão, seja por meio da tutela preventiva ou da repressiva. Por outro lado, o mais importante é a ação individual: o reconhecimento e a valorização de si mesmo, o que o Direito da Personalidade define como “o princípio da individualidade”. Assim, ao defender a sua honra, você não apenas reivindica o seu espaço na sociedade, mas também reforça a sua própria dignidade.

A lição final é que a legislação, por mais completa que seja, só ganha vida com a sua atitude.

Jacques Miranda é advogado e professor de Direito. É mestre em Semiótica, Tecnologias da Informação e Educação, Pós graduado em Marketing e em Direito Digital. Membro da Academia Guarulhense de Letras, titular da Cadeira de número 12. Presidente na gestão 2024/25.

**JANDILISA GRASSANO**

Acadêmica Honorária

POETAR

Diante de uma euforia assaz utópica, lírica, de aspecto fugaz...

Não... fuga mesmo!

E, em batalha única e inversamente possível, trava-se gigantesca
debandada, inevitável; angustiante, sim, necessária, igualmente.

Amor fortuito?

Amor descrente,

pequeno,

discreto, fremente!

...O amor é Arte,

é estético,

é doido,

é estático!

Retirar, é preciso.

Render-se, outrossim, inciso...

Capitular em instante preciso.

ARTISTA

À medida que obras até então inacabadas são, finalmente, terminadas, sente o artista chegar ao seu apogeu. Nesse ápice de pessoa que fez da sua vida uma arte, percebe que outros momentos foram cruciais, relevantes, outros segmentos foram também sedimentados com coragem e garra, determinação e empreendedorismo, além do criativo.

Concomitantemente a esse instante de reflexão, sobressai o sentimento de aceitação do seu ser diferente, deixa-se pegar pela faceta oculta, por ter vivido até ali um fascínio e que o caminhar o levará a outros, tão deslumbrantes como ou tão enigmáticos quanto!

Permite-se, então, após relutantes tempos, ser nominado - artista!

Um encontro com uma realidade plausível? Uma forma de encarar o seu próprio desvelo, seu deslumbramento diante do que pode ser etéreo, mas que persiste, que ganha vida e vida própria?

Então — é um artista!

NÓS, ARTISTAS?

Somos simples continuadores da mágica e da Arte da Natureza – de Deus... Criamos, nós, artistas, gama enorme de materiais, todos que utilizamos em nossas obras: esculturas ou não; pinturas ou não; artesanato ou não...

Uns mais que outros; com propósitos ou não; projetos ou não – “criadores de segunda mão” — tendo mais ideias e ideais; criando, uns, copiando, outros...

Mais talento. Mais audácia!

Muito mais astúcia!

Maior habilidade?

Muito mais sensibilidade!

Mais visão?

Algo assim?

Ou a desenvoltura maior e mais ética, profissional respeitosa, que o Senhor espera de nós, artistas, seus auxiliares... na Criação.

...Embora a Ciência — óbvio, acreditar nela como parte do todo.

O QUE SOU?

O que canto!

O que conto,

Como encanto!

E, no meu canto, falo de mim, conto a você, vejo que sou...

Metáfora de bela, de fera... falo, talvez...

Sozinha... parto as partes, digo às calas... parto... sem dor.

Sinto, é possível, algo que calo, esbarro, queria ser...

Vem à memória, cálida, singela, faço uma volta... muda,

Mudo, o quê?

Vejo que o mudo, às vezes, me abala, eu me abalo, abalo você!

Quer mais que pode, por vez, mente e acolhe, nem sabe por quê!

Ah! Quem sou?

Compartimentada, vazia... a sonhar!

Valho mais nada, agora me calo, volto a sonhar!

Pergunto por quê?

...o que sou?

O que canto!

O que conto...

**JANE ROSSI**

Acadêmica Honorária

AMOR! AMOR!

Primeiro amor, na caixa de lembrança
Vizinho ou amigo, no tempo de criança
É um amor que basta só olhar
Só a presença nos faz sonhar
No frio intenso, criança de luva
Compartilhando o mesmo guarda-chuva
Amor tão puro, beleza guardada
E na lembrança fica registrada
Amor, amor, que no tempo se perdeu.

O POETA NÃO ESCREVIA!

Amei um grande poeta que nunca escreveu poesia
Seu olhar, suas atitudes eram ondas de magia
Suas mãos em meus cabelos tocavam em minha alma
E o toque em minhas mãos me trazia muita calma
O poeta não escrevia a poesia no papel
Mas trazia bem pra perto um pedacinho do céu
Eu andava pelas nuvens e bailava pelo ar
Era um universo fantástico que me fazia sonhar
Na foto antiga, você e eu.

CORAGEM

O coração bate em disparada
Bate tão forte que causa dor
Fardo pesado, mulher cansada
Ainda sonha com jardim em flor
Noite de luz, estrelas reluzentes
Foi Deus que fez, um céu encantador.

OLHAR

Se no mar turbulento com ondas de dor,
Encontrares alguém com olhar de amor
Se no olhar de amor encontrares a cura,
Deixa teu coração se livrar da amargura.

FASES

Caixa de e-mail vazia, telefone não tocou
Vida patética e fria, o mundo desmoronou
São fases de toda vida, bendita fase minguante
Numa tela colorida, tem muitas vidas brilhantes
A lua tem suas fases, a nossa vida também
Amanhã é outro dia, Deus me proteja! Amém.

ENXERGAR COM O CORAÇÃO

Olhar no espelho e perceber
Que a dona velhice chegou
É pra sorrir e agradecer
Que ainda não terminou
Prosseguir a caminhada
Com sorriso e gratidão
Pois são poucos na estrada
Que engelharam suas mãos.

Toda idade tem beleza
Tem valor e perfeição
Aproveite a nobreza
De enxergar com o coração.

FIZ UMA VIDA, DENTRO DE MIM

Me apaixonei, amor sem fim
Amamentei e embalei
Primeiro amor, claro que sim
E com as mãos cheias de amor
Eu ensinei várias letrinhas
Mostrei um mundo cheio de cor
Eu era mãe e a professorinha
O tempo corre, passa voando
Não temos tempo de esperar
Envelhecer é baú de lembranças
Filme com chuva me faz chorar!

Dedico aos meus netos que amo tanto: Nikolas, Ana Júlia, Enzo e Enrico.

Professora Jane Rossi, graduada em Letras e pós-graduada em Educação Especial. Membro Honorário da AGL, poeta de coração.



JOSÉ AUGUSTO RODRIGUES PINHEIRO

DE VOLTA AO RÁDIO

No dia 12 de maio de 2025 estreei programa de Web Rádio com o meu nome. Estão aqui os textos de abertura das 10 primeiras edições. Caso deseje ouvir o programa ao vivo, escreva mensagem para o meu Instagram: @augustopinheiropalestrante, e eu lhe enviarei o link. Se preferir, assista à gravação em vídeo pelo Youtube – na página da “Família Web Rádio”.

VIVA A INTELIGÊNCIA HUMANA!

Uma excelente tarde para você que escolheu a Família Web Rádio, como a sua melhor companhia. Eu sou o palestrante, jornalista e escritor Augusto Pinheiro e inicio hoje esta jornada com imensa alegria e gratidão. Muito obrigado, Senhor, por mais este dia. Muito obrigado, pai e mãe, pela vida. Muito obrigado, Rosana e Matheus, família amada que eu estou tendo a honra de edificar.

Muito obrigado, Luiz Leite, pela amizade fraterna. Muito obrigado, Colégio Marconi, por abrigar os estúdios da Família Web Rádio. Muito obrigado a você, que nos confia a sua atenção e a sua audiência.

A nossa proposta neste retorno ao rádio é unir o útil ao agradável. Agradável porque eu amo fazer rádio. Útil porque nós estamos carentes de boas palavras, em um mundo que se transforma rapidamente, tempos difíceis em que o celular se transformou em amo e senhor da civilização.

Hoje as pessoas não valorizam mais o contato humano presencial, os diálogos olhos nos olhos, a conversa prazerosa. Atualmente, há mais brasileiros que não leem livros do que os que afirmam dedicar alguns minutos do dia à leitura de boas obras – quaisquer que sejam elas.

Nós estamos aqui para revertermos essa tendência. O celular é o big brother do qual George Orwell tratou em sua obra “1984”. Nós estamos sendo vigiados o tempo todo. Ficou mais fácil para as empresas saberem quais são as nossas tendências de compra. Faça um teste: busque qualquer produto na internet – sem compromisso. A seguir, você será convidado a conhecer esse mesmo produto, de diversas marcas, por um longo tempo.

Basta! Nós queremos nossa liberdade de volta. Domine o ímpeto de consultar as redes sociais a cada cinco minutos. Abraçe as pessoas que ama, diga a elas que as ama. O tempo não espera. Amanhã poderá ser tarde.

O Amor é a nossa bandeira. Viva a inteligência humana!
Viva, viva, viva!!!

A VIDA É UM SOPRO

Um Sopro Divino, bem entendido! Por obra e graça do pai, aqui estamos nós; vivendo em linda casa planetária – com a sua natureza exuberante, dádiva de um Pai magnânimo e amoroso. Cabe a nós cuidarmos da melhor maneira possível deste Lar, o qual chamamos de Terra; devemos, igualmente, fazer o bem – sem olhar a quem. Jesus, o Cristo, nos disse isso. Ele disse também que o seu Reino não era deste mundo. O nosso lugar definitivo também não é este plano.

Nos últimos dias, Wagner Gabriel, comunicador da rádio Boa Nova, terminou a sua missão por aqui. Divaldo Pereira Franco também nos deixou na semana passada, a fim de alçar voos mais elevados. Ambos voltaram para a Casa Celestial.

Quando chegará a nossa vez? No tempo Kairós; ou seja, no Tempo de Deus. Não precisamos ter pressa, mas esse dia infalivelmente chegará. Até lá, vamos viver com profunda gratidão, tornando o mundo um pouco mais fraterno com a nossa presença. Nossos instrumentos são os nossos pensamentos, atos e palavras. Vamos agir com pleno amor no coração, refletindo sempre como ser uma pessoa melhor.

A PRECE É AMIGA DA PERFEIÇÃO

Se Deus é perfeição; logo, a pressa não faz parte dos planos do Criador. Nos últimos anos, tornou-se recorrente a expressão “estar na correria”. Ainda que a pessoa esteja sentada no banco da praça, ela se sentirá agitada — já que o mundo a sua volta gira freneticamente.

As múltiplas telas de smartphones, notebooks e tablets também exibem um universo em constante mutação — fato ou fake, eis a questão.

No tráfego de veículos, a prudência parece estar em acelerada extinção. Pedestres, patinetes, bikes, motos, carros, caminhões, ônibus — todos disputando estreito caminho rumo a lugar nenhum. Coletivo de condutores ansiosos, cujo coração bate descompassado, sem saber por que a velocidade máxima é a sua filosofia de vida. Seria para fugir de si mesmos?

Pessoalmente, eu deixei de ter pressa no dia que descobri que a vida é eterna. A vida espiritual é eterna – diga-se de passagem.

O MEDO É O NADA TENTANDO SER ALGUMA COISA

Esta frase não é minha, embora eu gostaria que fosse. O escritor norte-americano Joseph Murphy foi quem a pronunciou em seu livro “O Poder do Subconsciente”. Essa obra explora como os pensamentos e emoções negativas podem afetar a saúde e o êxito, e Murphy oferece técnicas para transformar esses padrões de pensamento em hábitos mais positivos. A frase, em sua essência, reflete a ideia de que o medo é uma projeção de insegurança e incerteza, algo que a mente subconsciente tenta “preencher” com sentimentos e crenças limitantes.

Trocando em miúdos, exceção feita à autopreservação, que estabelece atenção ante o perigo, o medo realmente não existe. Assim, ninguém deve deixar de acreditar em seu próprio potencial, e ousar fazer o que acredita ser a sua vocação. Deve-se sonhar o que, a princípio, parece ser impossível. E o impossível só existe até o momento em que alguém vai em frente, não desiste, e torna o feito

possível. Quer ser cantor ou cantora, avance! Os bem-sucedidos só atingiram o sucesso porque não desistiram. Nunca, nunca, nunca, nunca desista de você!

OS ETERNOS ENAMORADOS

E foram felizes para sempre! Este é o final dos contos de fadas, histórias de casais que ficam definitivamente juntos. Na vida real, a melhor frase seria “E foram unidos para sempre” – na alegria e na tristeza, na saúde e na doença, na riqueza e na carência.

Que jamais exista, porém, carência de afeto, de respeito, de amor pleno. Esta é a base dos namoros eternos, que chegaram ao casamento, às bodas de prata, de ouro, de diamante...

Na vida cotidiana, nem tudo são flores, nem sempre há motivos para sorrir, tampouco dura para sempre a viagem dos sonhos do casal. Não, não é assim! No dia a dia, o que conta é a alegria de ter com quem contar ao seu lado – nas horas boas e nos momentos em que as lágrimas de dor banham as duas faces.

Viver é isso: aprender a conviver! De preferência, com o seu cobertor de orelha: pessoa enviada por Deus com a qual será edificada a maior obra que existe – uma família, a sua família!

É FESTA NO INTERIOR

De duas, uma: ou a pessoa nasceu no interior ou tem forte vínculo com o interior do país. A colonização portuguesa começou pelo litoral, sendo São Paulo a primeira cidade fundada longe das praias brasileiras. Isto ocorreu em 1554. Seis anos depois, surgia

Guarulhos. Pessoalmente, eu sou guarulhense, mas tenho forte vínculo com o município de Nazaré Paulista, terra natal do meu saudoso papai, Paulo.

Sempre que eu posso, visito com a família as mais diversas cidades do interior do nosso estado. Lá, é possível viver com mais tranquilidade – sem a agitação dos grandes agrupamentos de pessoas contidos nas capitais. São naturais os hábitos de caminhar pelas ruas, saudando cordialmente quem cruza o nosso caminho; de conversar sem pressa ou mesmo dar a vez para os pedestres no trânsito.

O característico sotaque caipira, que troca o “éle” pelo “erre” no “finar” das palavras dá um charme todo “especial” a essa amada região do país.

A nossa homenagem aos interioranos que vestem a camisa xadrez, que pulam a fogueira e que festejam a vida todos os dias. Com plena gratidão ao Criador.

Curiosidade 1) A festa que hoje conhecemos como Festa Junina era originalmente chamada de Festa Joanina, em referência a São João. Com o tempo, o nome foi alterado para Festa Junina, em referência ao mês em que ocorre, junho. Embora seja comum a afirmação de que as festas juninas decorrem em junho e as festas julinas decorrem em julho, a forma correta é sempre festa junina, independentemente de ser realizada em junho ou em algum outro mês.

Curiosidade 2) A fogueira de São João é um símbolo tradicional das festas juninas, com origem na história do nascimento de João Batista. Segundo a tradição, Santa Isabel, mãe de João, acendeu uma fogueira para anunciar o nascimento de seu filho a Maria, mãe de Jesus – o Cristo.

UNIDOS, VENCEREMOS!

Ninguém faz coisa alguma sozinho. Nós precisamos uns dos outros para a elaboração de algo que valha o tempo e a energia dedicados à tarefa. Desde o planejamento, passando pela execução do projeto e chegando até o resultado final – todas as etapas são importantes, e necessitam do esforço concentrado de mentes afins, corações que batem em uníssono e braços que remam na mesma direção.

Steven Covey, em sua obra “Os sete hábitos das pessoas altamente eficazes”, lida com a realidade inquestionável de que só seremos interdependentes quando deixarmos de ser dependentes. Isto porque só pode participar da construção de um mundo melhor quem tiver algo com o que contribuir – o “tal talento”, ao qual se referia o Cristo na parábola famosa.

Que o talento pessoal não seja jamais enterrado, mas que, pelo contrário, seja desenvolvido e corajosamente colocado à disposição da sociedade com o nobre propósito de estabelecer a paz na Terra aos homens de boa vontade. Que assim seja!

Em tempo – Jesus, o Nazareno, disse que onde dois ou mais estivessem reunidos em Seu nome, Ele estaria presente. Teria o Mestre se referido à família?

SOMOS TODOS UM

O que seria do amarelo, se todos gostassem do azul? A diversidade é fato, e faz-se necessária para o enriquecimento da raça humana. Tolerar é preciso; conviver bem, também o é. De preferência, utilizar as diferenças como meio para a evolução da nossa espécie.

De tempos a esta parte, nós vivemos em um mundo eminentemente digital. Digital é o adjetivo derivado da palavra dedo. Nós, humanos, nascemos com cinco exemplares distintos em cada uma das mãos. Do polegar ao mínimo, passando pelo médio e o anelar, quando nós apontamos para alguém – três outros dedos se posicionam na nossa direção.

O jeito é apontar para o único responsável por nossos erros e acertos: o reflexo deste filho ou desta filha de Deus está a nossa frente quando nos posicionamos diante do espelho. Eis a razão para não julgarmos quem quer que seja. Jesus, o Cristo, nos orientou há dois mil anos: “Não julgueis para não serdes julgados”. Estranhamente nos esquecemos deste ensinamento divino; e nos estranhamos com as ideias, cores e as opções alheias nas mais diversas áreas.

A palavra de ordem é Respeito – é bom e todos gostam. Pratique, sem moderação!

O CIRCO CHEGOU!

Respeitável público,

A Cia. Circense Família Web Rádio, orgulhosamente apresenta: o maior espetáculo da Terra. Equilibristas, domadores de feras incríveis, trapezistas, motociclistas no globo da morte e a apresentação do inigualável palhaço “Sou Riso”.

Eu, Augusto Pinheiro, serei o seu ciclerone nesta agradável e inesquecível jornada. Atrações de perder o fôlego – e de ganhar a alegria perdida pelo caminho.

Chame toda a família: papai, irmão, vovó e titia. O espetáculo começa às cinco da tarde.

Venham todos! Procurem a sua criança interior que foi brincar de esconde-esconde e ainda não voltou para casa.

O show não pode parar!

Mulher bonita não paga ingresso, mas também não entra no circo.

A pipoca e o amendoim são por nossa conta. Conta as tuas bênçãos e seja feliz!

O PROTAGONISTA É VOCÊ

Era uma vez um menino guarulhense cheio de sonhos de edificar um mundo melhor. A sua família tinha elevados valores morais, porém poucos eram os recursos materiais disponíveis. Na casa simples não havia luxo, tampouco TV. O que existia era um aparelho de rádio que servia, simultaneamente, como meios de distração e de informação.

A década era a de 1970, e o pré-adolescente corria da escola para a casa a fim de escutar o programa “O Poder da Mensagem”, da Rádio Bandeirantes, brilhantemente conduzido por Hélio Ribeiro. O maior comunicador brasileiro viveu entre os anos de 1935 e 2000. Faleceu aos 65 anos, e deixou imensurável lacuna no principal veículo de comunicação de massa.

Deixou, ainda, muita saudade no coração de milhões de fãs – a exemplo do menino da história... que cresceu; atuou como jornalista por três décadas – no rádio, na televisão, na internet e na mídia impressa -, até que, em maio deste ano, o hoje homem experiente, representante da melhor idade, realizou o sonho de fazer programa de rádio no estilo eternizado pelo mestre.

Este cara sou eu!

E quero dedicar esta edição a você, ouvinte, que me acompanha nesta jornada com pleno carinho fraterno.

O Programa Augusto Pinheiro está no ar!”.

Quem é José Augusto Pinheiro?

Comunicador, palestrante, escritor e mestre de cerimônias, José Augusto Pinheiro ministra palestras e apresenta eventos sociais e corporativos desde 1984. Formado em Direito (1986), pelas Faculdades Integradas de Guarulhos (SP), José Augusto é jornalista por vocação, tendo acumulado experiência nos mais diversos veículos de comunicação – jornais impressos, rádio, TV, internet e mídias sociais. Pós-graduado em Propaganda e Marketing (2007) pela Universidade São Judas, campus Mooca; autor de três livros: Novo Amanhecer (2003), Jubileu de Ouro da Associação Comercial e Empresarial de Guarulhos (2013) e Dia após Dia, Disciplina e Gratidão (2020). É membro da Academia Guarulhense de Letras, ocupando a cadeira 21 desde 2003.

Contatos:

whatsapp – (11) 99872.7613;

instagram: @augustopinheirpalestrante



J. R. JERÔNIMO

ARTIGO

999,90 REAIS

— Por que R\$ 999,90?

— Não poderia, o vendedor desse produto ou serviço, estampar em seu cartaz e anúncio, o preço real de R\$ 1.000,00?

— Poderia!

Mas não faz isso. Prefere ir na onda dos 999,90...

— E por quê?

Porque as pessoas são passíveis de serem iludidas e enganadas, principalmente quando estão no afã de comprar. Normalmente não arredondam, para cima, os preços com essas terminações de noves. Ao contrário, concentram-se nos números iniciais, até pela sonoridade que têm, ao serem lidos. E tal ocorre mesmo com a

leitura apenas visual, sem vocalização. Pois a sonoridade já se faz representar no pensamento, ecoando o efeito semântico que lhe corresponde. E, se a pessoa estiver cansada ou com fome, tornará essa experiência ainda mais acentuada, ficando mais vulnerável à influência que lhe querem incutir.

Um preço de R\$ 999,90 dá a impressão inicial de que o bem tem um valor na faixa dos novecentos. Depois é que se vai acrescentando, ao raciocínio, os números da dezena e então da unidade.

— Qual o objetivo de se colocar um preço de R\$ 79,90, ou R\$ 79,99, em vez de R\$ 80,00? Não é o de iludir o consumidor para que pense estar pagando algo na faixa dos setenta? Pois é isso mesmo.

E o argumento do comerciante é que o tal ‘Marketing’ assim o indica. Que é desse jeito que funciona o mercado. Que todos fazem isso para vender mais; e se ele não fizer o mesmo, corre o risco de vender menos ou nem vender.

Então, concernente à precificação, poucos são autênticos e não alimentam a roda da enganação. Tem ainda os que põem esses preços porque acham ‘bonitinhos’ os nove no final.

Normalmente, as diferenças que se aplicam para iludir o consumidor são de R\$ 0,01 (um centavo), de R\$ 0,10 (dez centavos) e de R\$ 1,00 (um real), mas há também de R\$ 100,00 (cem reais) quando um bem custa, por exemplo, R\$ 21.000,00 e se precifica R\$ 20.900,00. Tomara que tais estratégias, na busca de se aumentar as vendas, se deem mais pela inocência e pela moda da precificação do que pela esperteza da enganação.

No entanto, às vezes esse não é o único problema, também pode haver o da supressão do troco, quando o consumidor paga

em dinheiro e não recebe a pequena diferença de volta. Prática esta que pode até configurar ilegalidade, por exemplo, com a multiplicação do ato, a obtenção de renda não declarada; ou especificamente pela não devolução do troco corretamente, como a Lei Municipal 5.532, de 25 de setembro de 2012, já existente no Rio de Janeiro, RJ.

A mercadologia tem um papel importante na fomentação e intermediação dos negócios. Identifica necessidades (cria-as igualmente) e promove seus atendimentos. Acontece, porém, que há muita ‘enganologia’ também, fazendo perdurar a cultura do ‘levar vantagem’. A qual será demovida da sociedade com uma boa e intensificada educação. Ainda por vir, com mensalidades que poderão ser de R\$ 499,90 ou R\$ 999,90. Mas quem sabe, com bolsas parciais, possam respectivamente ser reduzidas a R\$ 199,90 ou R\$ 399,90. Podendo ser apoiada ainda por legislação, como a já citada.

Lembro-me do dia que me ensinou este texto. Indo para o trabalho, avistei um grande cartaz num cavalete diante dum circo. “Não percam! Esta noite: ingressos a R\$ 9,99”. Imediatamente, pensei: — Por que não marcam logo R\$ 10,00? Que palhaçada!

POEMAS¹

FELIZMENTE EDUCADORES

Meu país tem grande riqueza
nos recursos da natureza,
e diversidade da gente.
Mas também grave insciência
e consequente carência,
pelo ensino deficiente.

Menos que secundária,
em todos níveis e áreas,
educação é relevada.
E a do trânsito é igual,
não trafega, está mal,
por ainda não ser aplicada.

1. JERÔNIMO, J.R. *Vias e versos, por um trânsito mais seguro*, Guarulhos, Ed. do Autor, 2ª edição, 2025.

Sem educação de trânsito
sinistros têm seu âmbito,
com erros e fatalidades.
Pedestres, passageiros
e condutores “barbeiros”
carecem de urbanidade.

Assim, pessoas, instituições,
que suplantam tais inações,
com próprias iniciativas,
merecem nossos louvores,
felizmente educadores
para evolução coletiva.

Gratidão ao cidadão
que segue a vocação
do labor de educar.
Deus abençoe cada um
que age ao bem comum
para a vida melhorar.

FILA

– Quem quer ser atendido
assim que chega ao local?

– Quem acha positivo
ganhar um tempo, afinal?

Se alguém responde que não,
eu diria que é raridade,
maioria quer prontidão,
aprecia a celeridade.

Cidadão! Olhe a fila, seja ordeiro!
Respeite quem chegou primeiro.

Se a presteza não se der,
aceite o contrário.

Siga a fila que houver,
sê paciente ao horário.

Banco, trânsito, mercado,
loja, estádio e cinema.

Se há fila pra todo lado,
não se amplie o problema.

Cidadão! Olhe a fila, seja ordeiro!
Respeite quem chegou primeiro.

Quem está lá na frente
já teve longa espera;
um “fura-fila” surgente
faz ele virar uma fera.
Se tem fila, diz a razão:
cada um espere sua vez,
é pra ser bom cidadão
e pra ter sempre honradez.

Cidadão! Olhe a fila, seja ordeiro!
Respeite quem chegou primeiro.

PNEU

O calçado é importante,
qualifica o caminhar;
se os pés são discrepantes,
caminhante irá mancar.

E no carro assim se dá,
com projeto a indicar,
os pneus são sempre iguais
marca, data, dimensões,
tipo, material, padrões
sob as normas atuais.

Um veículo bem calçado
proporciona confiança,
facilmente é manobrado,
em conforto e segurança.

Os pneus bem calibrados,
com estepe, balanceados,
e com justo alinhamento,
carro vai estabilizar
pra frear e acelerar
bem e em todo momento.

FRASES²

Qualquer ganho numa negociação em que uma das partes perde é mera ilusão, que o tempo demonstrará, talvez tardiamente.

Poder agradecer já é um grande motivo para gratidão.

Ser oportunista para explorar outras pessoas é perder a oportunidade de ser bom, de ajudar e de ganhar mais para o crescimento do ser do que o do ter.

Alguns prejuízos que a intransigência não permite que se tenha agora podem significar uma penitência com juros pela vida afora.

O vigarista existe porque coexistem os ingênuos, os distraídos e, sobretudo, os gananciosos.

Aquele que, mesmo no meio de uma multidão de irresponsáveis e inconsequentes, se mantém decente e digno, é de imensurável valor, e indispensável.

2 _____ *As mil frases de J.R. Jerônimo*, Guarulhos, Ed. do Autor, 1ª edição, 2014.

Conheça o canal no YouTube de J.R.Jerônimo



@jrjeronimogru

E também o site

www.jrjeronimo.com.br

**KARLA MARIA**

Acadêmica Correspondente

NO ANO EM QUE CELEBRARIA 111 ANOS, HISTÓRIA DE CAROLINA MARIA DE JESUS RESSALTA A PRESENÇA DA RELIGIOSIDADE EM SEU COTIDIANO

“A favela hoje está em festa. Vai ter uma procissão. Os padres enviaram uma imagem de Nossa Senhora. Quem quer, a imagem permanece 15 dias em cada barracão. Hoje estão rezando o terço na praça. A procissão vai até o ponto do bonde. No barraco da Chica estão dançando”, registrou Carolina Maria de Jesus em seu diário Quarto de despejo. Era 25 de outubro, de algum ano, da década de 1950.

Quarto de Despejo, o livro de estreia de Carolina Maria de Jesus, foi lançado pela Livraria Francisco Alves em agosto de 1960 e, devido a seu estrondoso sucesso, teve oito reimpressões no mesmo ano. Em menos de 12 meses, mais de 70 mil exemplares foram vendidos – uma tiragem bem-sucedida, na época, era de aproximadamente 4 mil exemplares.

“Se viva estivesse, esta Maria completaria 111 anos neste mês de março. Hoje seria seu aniversário! Em seu diário, eu queria ler que esse dia foi maravilhoso. Que a mesa estava farta! Que a senhora estava linda com seu vestido feito com um pedaço do céu cheio de estrelas, dançando valsas vienenses. Que é o que a senhora sempre quis, merecia e merece. Eu espero que onde a senhora estiver que tudo isso tenha sido realizado. Quero que a senhora saiba que nossa vida aos poucos está melhorando. E logo vamos sair dessa situação que pra senhora foi tão dolorosa. Te admiro! Te amo!”, escreveu a neta de Carolina, Adriana Jesus, em homenagem à avó.

Carolina morreu pobre em 13 de fevereiro de 1977, antes dos cem anos que desejava viver para ler todos os livros do mundo. Sua literatura, contudo, continua viva e produzindo impactos em seus leitores, na sociedade brasileira.

“A escrita para Carolina pode ser tomada como uma forma de dar significado, de compreender seu cotidiano. Por meio das palavras, das enunciações e/ou reflexões, Carolina enxergava o mundo, e ao fazê-lo, se via como sujeito histórico, como personagem de uma trama”, avaliaram as historiadoras Maria Antônia Marçal e Vanda Fortuna Serafim, da Universidade Estadual de Maringá, em artigo intitulado *EscreviVência: a religiosidade em Carolina Maria de Jesus*.

O conceito *Escrevivência* foi cunhado pela escritora Conceição Evaristo, outra mineira negra, que teve sua literatura reconhecida e difundida com a chegada da maturidade. De suas obras, assim como dos textos de Carolina Maria de Jesus, ecoam vozes de mulheres negras, de suas experiências.

“Mas quando esse discurso falado ou escrito carrega a nossa subjetividade, justamente porque ele nasce num lugar social, num lugar de gênero, num lugar racial diferente, ele traz determinadas peculiaridades que aquele que escreve de fora, por mais que seja competente do ponto de vista intelectual ou emocional, não vai trazer. Ele não traz uma carga de quem escreve de dentro”, escreveu Evaristo em 2020, avaliando os sentidos produzidos por suas obras.

A voz da mineira de Sacramento, em *Quarto de Despejo*, ecoa ao lado da presença de Deus, e de um modo próximo, com “diálogos” sem fim entre seus questionamentos e aquilo que sente ou vive como resposta de Deus.

Seja na oração que clama por proteção ou na ironia que desconjura a pobreza, a fome que lhe invade os dias, ela sempre o convoca para a lida diária. “Será que Deus vai ter pena de mim hoje? Será que arranjo dinheiro? Será que Deus sabe que existe as favelas e os favelados passam fome?”, pergunta Carolina, na página 48, de seu livro (10ª. Edição - Ática).

“Sua narrativa parece se mover num universo marcado pelo catolicismo, espiritismo e religiões afrobrasileiras. Sendo esta última com menor intensidade. A favela é para ela o inferno e a cidade personificada como o paraíso”, avaliam as historiadoras Marçal e Serafim.

Carolina Maria de Jesus nasceu em 14 de março de 1914, na pequena cidade de Sacramento, interior de Minas Gerais. Como escritora, foi descoberta tardiamente, aos 43 anos, em 1958, na extinta favela do Canindé, em São Paulo (SP), onde hoje fica o Estádio do Canindé, da Associação Portuguesa de Desportos. Seu descobridor foi o jornalista Audálio Dantas, então repórter do di-

ário Folha da Noite, de maneira acidental. Ambos se conheceram quando ele trabalhava em uma reportagem sobre a favela. Negra, mãe solteira de três crianças, catadora de papel e semianalfabeta, essa improvável escritora havia estudado apenas até a 2ª série do curso primário no Colégio Allan Kardec, do Grupo Espírita Esperança e Caridade, na sua cidade natal. Era, então, uma mulher que descrevia em cadernos encontrados no lixo, meio sebosos, seu percurso desde que deixou Sacramento, aos 17 anos, até chegar à capital paulista em 1947.

Os cadernos acumulados guardavam memória de 15 anos e eram preenchidos em uma tentativa imaginária de escapar das dificuldades diárias e do nervosismo que a tomava quando a fome era intensa. “Enquanto escrevo, vou pensando que resido num castelo cor de ouro que reluz na luz do

Sol. Que as janelas são de prata e as luzes de brilhantes. Que a minha vista circula no jardim, e eu contemplo as flores de todas as qualidades”, revela um trecho extraído deles.

“Seria mais uma das milhares de mulheres que existem pelo país, não fosse o fato de dar voz àquilo que vivia e via na favela. Seus montes de cadernos foram entregues ao jornalista e ele, com a sensação do furo e a pecha do ‘novo jornalismo’, selecionou as histórias, editou os textos e criou volumes como Quarto de despejo: Diário de uma Favelada, em 1960”, escreveu o professor da Universidade de São Paulo (USP) José Carlos Sebe Bom Meihy, coautor do estudo Cinderela Negra: A Saga de Carolina Maria de Jesus.

Para a escritora Maria Célia Nunes, “Carolina de Jesus rompeu o silêncio imposto aos vilipendiados. Denunciou a fome, a miséria e a permanência da escravidão, por além da abolição”.

A catadora de papel Carolina Maria virava celebridade. E mais: sua literatura chegava ao público em um momento que as letras eram um espaço reservado a homens brancos, letrados e, com raras exceções, ricos e em posição social elevada. “Se eu tivesse diploma superior, seria respeitada, mas tenho só dois anos de grupo. Sou semianalfabeta”, desabafou Carolina.

O mesmo sucesso, porém, não foi alcançado pelos seus livros seguintes *Casa de Alvenaria: Diário de uma Ex-favelada* (1961), *Pedaços da Fome* (1963) e *Provérbios* (1963). Nesse mesmo ano, comprou um pedaço de terra em Parelheiros, bairro periférico da zona sul de São Paulo, e iniciou a construção de uma casa. Plantava ali sua horta e criava galinhas, mas ainda passando por inúmeras dificuldades, ainda que nunca tenha deixado de escrever. Em 1975, entregou os manuscritos sobre sua infância e adolescência para duas jornalistas francesas que culminaram no livro *Journal de Bitita* ou *Diário de Bitita*.

A importância de seus livros, um documento sobre os marginalizados, permanece, e a crítica literária concorda. “Carolina é uma escritora fundamental para entender a literatura brasileira feita, em sua grande maioria, de autores brancos de classe média que dominavam a língua formal. Ela mostra a outra face dessa história, que passa a ser observada do ponto de vista dela, de baixo”, explicou a professora da Universidade de Brasília (UnB) Germana Henriques Pereira, autora de *O Estranho Diário de uma Escritora Vira-lata*.

Carolina Maria não conseguiu escapar de seu destino. Cinco anos após o sucesso de *Quarto de Despejo*, ela voltou a catar lixo. “Estou no inferno, não saiu nada do jeito que desejei e eu não gosto de ser teleguiada. Eles é que administram o que arrecado”, escreveu na época.



CAROLINA MARIA DE JESUS vive num mundo de fome e dor, que ela retrata com fidelidade. Seu diário constitui uma relevante documentação do vida no favela.

Foto: Arquivo Biblioteca Nacional

**LUCIENE VIGNOLI MÜLLER**

INTRÍNSECO AO MEU DESABAFO

Observo uma ampla discussão em redes sociais e canais de comunicação sobre um tema complexo: a ocupação das ruas e praças por pessoas desabrigadas. Fala-se da degradação de pontos comerciais, centros históricos e turísticos de grandes cidades - como Guarulhos, São Paulo, São José dos Campos, Rio de Janeiro, Belo Horizonte e tantas outras - além das críticas à falta de higiene nesses locais.

Percebo que a invisibilidade está abrindo espaço para o ataque.

É explícito o julgamento de muitos, aqueles que querem demonstrar distância da realidade. Os que apontam as pessoas em situação de rua como outra categoria exigem a intervenção dos órgãos públicos, criticam a ajuda, os donativos e as ações que, na visão deles, impedem a mudança de vida. Importam-se com a sujeira gerada, não com o indivíduo exposto, nem querem entender

os motivos que levaram cada um a não ter o mínimo existencial e a viver nas calçadas.

A minha experiência — e muitas pesquisas — explicam que o conflito familiar é o principal fator que leva uma pessoa à vulnerabilidade, e que grande parte da população de rua é proveniente da própria cidade. Portanto, para aqueles que insistem em apontar e julgar, indicando uma volta dos chamados moradores de rua ao seu local de origem, saibam: eles estão no lugar em que preferem estar e precisam de uma abordagem com amor.

Aos amigos que assistem a essas pessoas, eu peço:
continuem.

Aos políticos e servidores, eu peço:

reconheçam cada indivíduo exposto como único; adotem cada um como protagonista da sua saúde e existência; mostrem o caminho sem forçar sua liberdade; saibam que a escolha ainda é dele.

Aos familiares:

tentem um resgate, ao menos uma vez.

Aos que não ajudam e insistem que os vulneráveis saiam de perto, eu peço:

reflitam.

Aos que se acham melhores:

saibam que podemos estar na rua a qualquer momento, assim como podemos sair dela.

Nada é definitivo. Todos os dias eu acordo e agradeço por

não estar mais lá. Nesse sentido, prefiro dizer que é uma passagem; que podemos mudar de vida sim — seja para melhor ou para pior.

Cuidem da própria saúde mental. Esse é um dos principais fatores que levam as pessoas a permanecerem “acomodadas”, como os desinteressados afirmam.

Não julguem.

Observem cada pessoa individualmente.

Acordem. Parem de olhar para o próprio umbigo. Vejam além.

Se não puderem fazer nada a respeito, ofereçam sorrisos. E não apontem defeitos quando presenciarem alguém nessas condições, mesmo que não consigam enxergar sua dor.

Cuidem dos seus. Está mais do que provado: a ausência de moradia está relacionada não apenas à falta de renda, mas também à ruptura de vínculos familiares e/ou afetivos, e a infortúnios pessoais.

Saibam:

permanecer na rua não é para qualquer um. A rua é para os fortes. Respeite-os.

Ao Estado, eu peço:

por meio de seus agentes, apresente propostas de assistência social que garantam os direitos essenciais à emancipação de cada indivíduo e ações efetivas. Trata-se de um problema que possui várias vertentes; por isso, precisa de muito trabalho e de verdadeiro interesse em soluções que minimizem os impactos sobre cada envolvido.

Em tempos em que as pessoas só querem investir no que trará retorno, e que poucas realmente se importam com as outras, percebo como é comum falar sobre o povo da rua sem responsabilidade — como se fossem apenas um problema urbano a ser removido.

É preciso lembrar: não se trata de estética ou correção política. Trata-se de dignidade humana. A linguagem molda o olhar. Quando generalizamos e chamamos todos de “mendigos”, apagamos histórias, trajetórias, contextos. Invisibilizamos sujeitos. São pessoas — com nomes, dores, vínculos, sonhos interrompidos. Reduzir tudo a um rótulo simplista não só desinforma, como reforça o abismo social que muitos insistem em negar.

Eu NUNCA me considerei mendiga.

É legítimo que existam interpretações, ainda que distantes da realidade concreta das ruas. Mas é também legítimo — e necessário — que os que vivem ou acompanham de perto essa condição apontem os limites e os riscos desse tipo de narrativa.

Fico dividida porque valorizo o debate, mas me incomoda ver, mais uma vez, alguém de fora descrever o fenômeno com distanciamento e imprecisão, enquanto vozes que convivem diariamente com essa dor seguem sendo silenciadas ou desacreditadas.

Não gosto de termos que definem seres humanos como descartáveis. Não gosto da ideia de margem — porque ela nos afasta da essência comum. Somos todos humanos. Só isso.

E, no entanto, vivemos em um país onde cresce o nojo pelo outro, especialmente pelo outro que precisa de ajuda.

A internet virou tribunal sem escuta, sem contexto, sem empatia. E o pior: muitos ainda acreditam que “isso nunca vai acontecer comigo”.

Triste ilusão.

Do mesmo jeito que tantos sentenciam:

ninguém sairá das ruas.

Escrevo a partir da experiência, do estudo, da observação atenta e do compromisso com a dignidade humana.

Olha só a ironia:

estou bem aqui.



Foto: Luciene Müller – 24 de Agosto de 2022 – São Paulo - Brasil



MANOEL MONTEIRO

EQUILÍBRIO EMOCIONAL



Obra "A batalha do Avaí", de Pedro Américo, 1872 (Domínio Público).

INTRODUÇÃO

“Tirem-me meus generais, mas não me deixem sem meus capelães.” Essa célebre frase de Duque de Caxias expressa de for-

ma poderosa a importância vital do apoio espiritual na vida humana. Ter uma vida equilibrada reside não apenas na estratégia militar, mas na presença de homens e mulheres que, com fé e coragem, sustentam a esperança nos momentos mais difíceis.

Ao contemplar a obra “A Batalha do Avaí”, de Pedro Américo, de 1872, somos levados a refletir sobre o significado mais profundo da guerra, do heroísmo e do sofrimento humano. Sabe-se que Duque de Caxias participou da Guerra do Paraguai, mas pouco é explorado que ele tinha uma percepção muito acentuada da importância do capelão, cuidando da espiritualidade de seus homens.

Onde há uma vida, há a necessidade de acolhida. Em ambientes militares, essa acolhida muitas vezes é oferecida pelos capelães, que atuam como ponte entre o humano e o divino, levando conforto, esperança e força espiritual aos que enfrentam as batalhas mais difíceis, e em muitos casos, não voltam para casa vivos.

Esses homens e mulheres dedicados à espiritualidade, desempenham um papel fundamental na manutenção da moral e na preservação da dignidade, lembrando a todos que, mesmo diante do conflito, a fé e a solidariedade são forças capazes de transformar o sofrimento em esperança. Assim, a presença do capelão não é apenas uma questão de religião, mas uma expressão de humanidade, de cuidado e de amor ao próximo, que sustenta o espírito dos que lutam por um ideal maior.

Na Bíblia Sagrada, no livro de São Lucas 3,14, afirma: “E uns soldados o interrogaram também, dizendo: E nós, que faremos? E ele lhes disse: A ninguém trateis mal, nem defraudeis e contentai-vos com o vosso soldo.” Assim, o acolhimento entre os militares é milenar.

CAPELÃO MILITAR: FÉ, RESILIÊNCIA E EQUILÍBRIO

O ano de 2025 é, sem dúvida, um ano memorável. Uma oportunidade única de refletir sobre experiências que marcaram profundamente minha caminhada, especialmente na minha formação e atuação como capelão evangélico no contexto militar.

Meu percurso incluiu momentos marcantes de contato com figuras que contribuíram para minha compreensão dessa missão. O primeiro deles foi com dom Marcony, durante minha visita à Brasília, onde tivemos a oportunidade de compreender a extensão da atividade do serviço religioso brasileiro.

Nesse encontro, ele nos presenteou com uma narrativa emocionante sobre frei Orlando, uma figura importante na história da capelania militar brasileira. Sua história despertou em mim o desejo de conhecer mais sobre as origens do serviço religioso no meio militar e de refletir sobre sua relevância na promoção de valores como fé, resiliência e esperança, mesmo em contextos adversos.

Num segundo momento, já na minha querida Base Aérea de São Paulo, tive novamente a oportunidade de acolher dom Marcony, ocasião esta em que ele falou sobre a importância do equilíbrio emocional, que em breves fragmentos terei a oportunidade de explanar aqui.

Outro momento significativo foi durante minha formação no curso de capelão evangélico do CIAAR, em Lagoa Santa. Lá, sob a coordenação do capelão Cristian, participamos, meu amigo pastor Reuel e eu, de uma semana dedicada às instruções técnicas do serviço de capelania militar brasileira. Entendemos a diferença entre capelania da presença, do serviço e capelania operacional.

Nesse período, tivemos a oportunidade de conhecer o reverendo Aluísio Laurindo da Silva, cuja orientação e exemplos reforçaram a importância do equilíbrio emocional na missão do capelão. Sua experiência e ensinamentos, sempre voltados para

a atuação responsável e ética, ajudaram-nos a desenvolver uma compreensão mais aprofundada de como o capelão pode contribuir para o bem-estar emocional de militares em ambientes muitas vezes desafiadores.

Em suma, este texto busca, portanto, oferecer uma visão plural e sensível sobre a atuação do capelão militar, destacando valores essenciais como equilíbrio emocional, resiliência, empatia e fé — elementos fundamentais para quem atua na interface entre o espiritual e o cotidiano de homens e mulheres que enfrentam desafios diversos.

Contar com a contribuição de autores como dom Marcony, líder do Ordinariado Militar do Brasil, e do reverendo Aluísio, presidente de Honra da Aliança Pró-Capelanias Evangélicas do Brasil, enriquece ainda mais esta coletânea, oferecendo múltiplas perspectivas sobre o papel do capelão na promoção de valores essenciais para a vida em comunidade, especialmente em ambientes de alta responsabilidade.

SERVIÇO DO CAPELÃO MILITAR

O capelão militar, integrante do Quadro de Oficiais Capelães, desempenha um papel fundamental no apoio espiritual, moral e ético das forças armadas. Sua responsabilidade é oferecer assistência religiosa, orientar, acolher em atendimentos individuais, celebrar rituais religiosos e participar de operações militares e ações cívico-sociais, sempre atuando dentro dos limites das leis e regulamentos internos.

Desde a apresentação dos primeiros capelães militares, como o frei Orlando, os pastores João Filson Soren — da Convenção Batista Brasileira — e Juvenal Ernesto da Silva — da Igreja Metodista do Brasil — que integraram a Força Expedicionária Brasileira (FEB) na Segunda Guerra Mundial, vemos exemplos

claros de dedicação e compromisso na atuação do capelão. Esses homens abriram caminhos para que a presença religiosa fosse uma fonte de esperança e força em momentos de conflito.

Os oficiais capelães exercem suas funções em diferentes níveis hierárquicos, desde tenente a coronel, assumindo responsabilidades crescentes na gestão do serviço de assistência religiosa, no planejamento e na supervisão das ações, além de representar as Forças Armadas e Auxiliares. Além de oferecer suporte espiritual, esses profissionais representam a instituição, promovem valores éticos e atuam como exemplos de conduta, essenciais para fortalecer a moral e a coesão das tropas. Sua atuação é indispensável para criar um ambiente de respeito, esperança e resiliência, contribuindo para o sucesso das operações e para a manutenção dos valores institucionais.

O ingresso na carreira de capelão ocorre por meio de processos seletivos específicos, que envolvem exames, avaliações físicas, psicológicas e de conduta, além da comprovação de formação teológica reconhecida. O serviço do capelão é uma missão de grande responsabilidade, voltada a apoiar o bem-estar emocional, a moral e a coesão das Forças Armadas e Auxiliares, promovendo um ambiente mais humano e equilibrado.

O PODER ACOLHEDOR DAS PALAVRAS

Quando falar? Como falar? Por que falar? Para quem falar? Estas perguntas carregam uma complexidade que vai além das palavras. A verdadeira questão está no entendimento de que nem tudo é passível de ser expresso verbalmente ou publicamente. Há momentos em que o silêncio é uma estratégia mais sábia do que qualquer discurso.

Saber o momento de falar, de divulgar, de compartilhar uma mensagem — esses instantes determinam sua força e impacto. O

cenário nacional e global, com suas tensões e desafios, impõe seu peso, moldando o tom e a direção do que deve ou não ser divulgado. Nem tudo deve ser escondido, mas também nem tudo precisa ser exposto sem critérios. Discernir o que é relevante comunicar e o que deve permanecer em silêncio é uma arte que exige maturidade, sensibilidade e responsabilidade.

No âmbito da política de boa vizinhança, seja ela no campo social, institucional ou militar, essa prática de discernimento evita conflitos desnecessários e preserva relações importantes. É preciso construir narrativas cuidadosas, fundamentadas em relatórios de atividades detalhadas, que sirvam de respaldo e prova de uma conduta ética e responsável.

Além disso, é imprescindível estabelecer uma base jurídica sólida, uma retaguarda que proteja as ações e decisões tomadas. Uma trilha de provas contundentes de uma prática correta e proativa. Assim, garantimos nossa integridade e a continuidade de uma atuação pautada na responsabilidade, na dignidade e no respeito às normas.

CAPELÃO SOREN

O pastor João Filson Soren, nascido em 1908 no Rio de Janeiro, foi o primeiro capelão militar evangélico do Brasil. Filho de um pastor batista, formou-se no Seminário Batista do Sul do Brasil e no The Southern Baptist Theological Seminary, nos Estados Unidos, além de possuir doutorado em Divindade e Letras. Casado com Nicéa Miranda, teve três filhos e atuou como pastor na Primeira Igreja Batista do Rio de Janeiro por 50 anos, além de liderar entidades como a Convenção Batista Brasileira e a Aliança Batista Mundial.

Em 1944, voluntariou-se para servir na Força Expedicionária Brasileira na Segunda Guerra Mundial, atuando como ca-

pelão no campo de batalha. Sua presença foi fundamental para o ânimo das tropas, conquistando várias condecorações militares, incluindo a Silver Star dos EUA. Destacou-se por sua dedicação incansável, ajudando a recuperar corpos de soldados e oferecendo apoio espiritual sob risco de vida. João Filson Soren faleceu em 2002, aos 93 anos, deixando um legado de fé, coragem e serviço ao país e à Igreja.

FREI ORLANDO

Frei Orlando, nascido em 1913 em Minas Gerais, foi um religioso franciscano que dedicou sua vida à fé, à caridade e ao serviço aos outros. Após sua formação na Holanda e ordenação sacerdotal, destacou-se por suas ações de assistência aos necessitados e por seu espírito missionário. Voluntariamente, ingressou na Força Expedicionária Brasileira (FEB) como capelão na Segunda Guerra Mundial, levando esperança e apoio espiritual aos soldados na Itália. Em 1945, durante uma missão, foi atingido por um tiro acidentalmente e faleceu. Sua morte foi honrada com homenagens militares e religiosas, e seu exemplo de coragem, fé e devoção o consagrou como Patrono do Serviço de Assistência Religiosa do Exército. Sua trajetória inspira gerações a atuarem com amor, dedicação e coragem no cuidado ao próximo.

CAPELÃO JUVENAL

O pastor Juvenal Ernesto da Silva, metodista, cujo nome de guerra era Juvenal, nasceu em 1907, em São Roque-SP e foi um dedicado capelão durante a Segunda Guerra Mundial. Formado em Letras e Teologia, fez mestrado nos EUA e foi convocado aos 34 anos para servir como capelão na Força Expedicionária Brasileira na Itália, onde ofereceu conforto espiritual aos soldados.

Durante a guerra, recitava o Salmo 23 para os feridos e realizou batismos sob escombros, enfrentando situações de grande perigo, fome e medo, mas mantendo sua fé e dedicação. Sua missão incluía visitar feridos, celebrar reuniões de oração em qualquer lugar e ajudar soldados a encontrarem esperança, mesmo em momentos de desespero.

Após a guerra, recebeu várias homenagens e dedicou-se a atuar como capelão em colégios metodistas. Seus relatos destacam a importância do papel do capelão na guerra, a coragem dos soldados e a necessidade de lembrar e valorizar os feitos dos heróis nacionais que lutaram pela liberdade. Sua história reforça a mensagem de paz e a importância de preservar a memória dessas batalhas e dos que participaram delas.

EQUILÍBRIO EMOCIONAL: A CONQUISTA DAS VIRTUDES

O equilíbrio emocional é uma postura comportamental que se manifesta na capacidade de reconhecer as emoções, controlá-las e agir de forma racional e cuidadosa, mesmo em situações extremas. É um domínio que o indivíduo constrói no dia a dia, uma habilidade essencial para quem atua em ambientes de alta pressão, como o militar.

Vivemos em um mundo polarizado, marcado pelo materialismo, egoísmo e individualismo. Essa cultura muitas vezes incentiva a busca por realizações passageiras, deixando de lado a responsabilidade por nossas atitudes e suas consequências. A mídia, sobretudo a televisiva e virtual, muitas vezes reforça uma visão pessimista e violenta da convivência, criando um estado de negativismo e desânimo.

Nesse cenário, o homem se sente perdido, incapaz de encontrar um propósito claro ou uma direção que dê sentido às suas

ações. A sociedade líquida, como descreveu Zygmunt Bauman, reforça essa sensação de instabilidade, levando a uma crise antropológica que ameaça o sentido da vida.

Em meio a essa turbulência, a busca pelo equilíbrio emocional torna-se um caminho de resistência e fortalecimento interior. Como ordenar nossas emoções? Como manter a serenidade diante de crises pessoais, profissionais ou sociais?

A resposta passa por cultivar a virtude da ordem, que nos ajuda a ordenar nossas ações, pensamentos e sentimentos. A prudência, nesse contexto, atua como uma luz guia, ajudando-nos a discernir o que é verdadeiro, bom e justo, e a fazer escolhas conscientes e responsáveis.

CINCO PASSOS PARA O EQUILÍBRIO EMOCIONAL

Primeiro passo: Criar uma hierarquia de valores baseada em ideais profundos — inspirados na vida e nos ensinamentos de Cristo, que é o exemplo supremo de amor, justiça e misericórdia. Amar a Deus acima de tudo, colocar o próximo em prioridade, cuidar de si mesmo com responsabilidade, e valorizar as coisas que realmente importam.

Segundo passo: Manter essa hierarquia de valores em harmonia, evitando que se desequilibrem ou se percam no meio da rotina agitada. Reconhecer quando algum valor está sendo negligenciado ou excessivamente valorizado é fundamental para permanecer equilibrado.

Terceiro passo: Organizar o tempo e as tarefas de modo disciplinado, criando uma rotina que privilegie o bem-estar físico, emocional e espiritual. A disciplina ajuda a multiplicar o tempo e a dar sentido às ações diárias.

Quarto passo: Praticar a ordem defensiva e oblativa. A primeira, protegendo seus planos e limites; a segunda, oferecendo-se

ao serviço, sempre aberto a ajudar e a fazer o bem, sem esperar retorno imediato.

Quinto passo: Manter a ordem material, cuidando das finanças, da organização do espaço e do cuidado com os bens, pois a desordem material gera insegurança e desestabiliza nossa paz interior.

CONCLUSÃO

Em síntese, o texto evidencia que o equilíbrio emocional é uma virtude fundamental para aqueles que atuam em ambientes de alta pressão, como os militares, e que enfrentam desafios constantes, tanto físicos quanto espirituais. A presença de capelães, como frei Orlando, João Filson Soren e Juvenal Ernesto da Silva, como figuras exemplares do heroísmo nacional, reforça a importância de valores como fé, resiliência, empatia e disciplina na preservação do bem-estar de homens e mulheres que lutam por um ideal maior.

A história destes homens que serviram na Segunda Guerra Mundial mostra que a força da espiritualidade e a prática de virtudes podem transformar o sofrimento, fortalecer a esperança e promover a dignidade mesmo nos momentos mais difíceis.

Além disso, os exemplos dos capelães militares destacam o papel crucial do apoio espiritual e moral na manutenção e na coesão das Forças Armadas. Assim, cultivar o equilíbrio emocional, fundamentado em uma hierarquia de valores inspirada na vida e nos ensinamentos de Cristo, torna-se uma estratégia de resistência e de renovação interior, essencial para o sucesso não apenas na missão militar, mas na construção de uma vida plena, responsável e cheia de propósito.

**MARCO ANTONIO ARROYO**

CARTA ABERTA AOS ETs

Para dizer verdade, nem sei se vocês existem. Nem abrigo a menor esperança desta missiva ser lida por vocês algum dia.

Por aqui se fala tanta coisa acerca de vocês. Algumas interessantes, curiosas e intrigantes, outras profundamente assustadoras, contraditórias e inverossímeis. No entanto, o que mais me incomoda é a ideia que alguns fazem questão de nos vender: extraterrestres são seres superiores, mais inteligentes e evoluídos do que nós terrestres, humanos.

Essa ideia, com todo respeito, eu não consigo engolir. Há governantes, cientistas e alguns magnatas gastando tempo, energia e bilhões de dinheiro para se comunicar com vocês, negligenciando questões urgentes como erradicar a pobreza, a fome e combater as pragas e doenças.

Já mandaram sondas interestelares com mensagens em multímidias gravadas em todas as línguas. Pasmem, nunca tivemos uma resposta de vocês.

Já gastamos milhões de recursos financeiros inventando radares hipermodernos para captar suas mensagens. Pasmem, nunca ouvimos um pio de vocês.

Se vocês são tão inteligentes e evoluídos, por que não dão um sinal claro da sua existência?

Nós produzimos cultura e arte, desenvolvemos o pensamento transformado em sabedoria, ciência e tecnologia. Organizamos formas de vida em sociedade que nem sempre deram certo.

É verdade que nem tudo que temos criado nos orgulha. Já inventamos armas sofisticadas para nos matarmos uns aos outros. Iroshima e Nagasaki, experiências horríveis de algumas décadas passadas, nem nos causam vergonha. O genocídio em curso hoje em Gaza não causa espanto. São chamados de “males necessários”. Até acreditamos estarmos preparados para guerrear com vocês, caso representem ameaça a nossa existência. Saibam que os enfrentaremos com mísseis e bombas atômicas, químicas ou bacteriológicas.

Mas também criamos a utopia, aquilo que nos permite desenhar o futuro inspirados nos mais nobres sentimentos de amor, caridade, fraternidade e justiça que habitam nosso ser, embora nem sempre nos guiem.

Entre todas as coisas belas e gostosas que podemos produzir, nós somos seres movidos por um coração regado por sentimentos nobres que nos humanizam toda vez que reconhecemos

no outro um ser digno de nossa paixão e amor. Nada há de melhor na nossa existência do que amar. Há muitas maneiras de amar. Amamos nossos genitores, nossos irmãos, filhos; amamos nossos amigos e ainda sabemos que é bom amar os inimigos. Entre todas as formas de amor, a mais plena e deliciosa é aquela que nos permite despir os nossos corpos perante o ser desejado, nos ofertando prazer mútuo na comunhão desses corpos, nas carícias e nos beijos que nos levam à loucura.

Pergunto: e vocês, o que já criaram?

Cansei de ouvir os seus seguidores fanáticos dizerem que vocês ajudaram a construir as pirâmides no Egito e no México, assim como as grandes obras de pedras das civilizações antigas dos nossos ancestrais. Julgo essa ideia como um menosprezo da inteligência humana.

Quero ver entre vocês um ser iluminado como Miguel Angel, Albert Einstein, William Shakespeare, Sebastián Bach, João Carlos Martins, Pablo Picasso, Charles Chaplin, Pavarotti, Freddy Mercuri, Elis Regina, Rita Lee, Marisa Monte, Violeta Parra, Mercedes Sosa, Silvio Rodrigues, Pablo Milanés, Chico Buarque de Holanda, Pablo Neruda, Jorge Amado, Castro Alves, Clarice Lispector, Martin Luther King, Mandela, Gandhi, Bolt, Pelé, Garrincha, Maradona, Messi, Estevão, Marta, Formiga, Rebeca Rodrigues, Daniel Dias, Thalita Simplício, Edênia Gracia, Verônica Hipólito...

Quais os pratos típicos de vocês? Algum deles comparável a feijoada, cazuela, taquitos, empanadas, mocotó, pato no tucupi?

Quais as histórias de amor tipo Marco Antônio e Cleópatra, Romeu e Julieta, Bonnie and Clyde, Maud e Everett Lewis?

Quais os líderes como Spartaco, Joana d’Arc, Bartolomeu de Las Casas, Atahualpa, Caupolicán, Fresia, Guacolda, Tereza de Benguela, Manuela Saenz, Simon Bolivar, Che Guevara, Carlos Prestes, Chico Mendes...?

Como não pretendo humilhar ninguém, vou parar por aqui.

De qualquer modo, desculpem-me por não acreditar em vocês. Desculpem-me por não acreditar que vocês são seres superiores a nós.

Penso que vocês são fruto da uma projeção, uma necessidade insaciável de imaginarmos que não estamos sós nesse interminável universo e que a nossa busca por superação e evolução, por vezes tão contraditória, nos leva a olhar para fora do nosso planeta, na esperança de encontrarmos os seres vivos que tenham atingido maior grau de evolução a fim de superá-los e quem sabe dominá-los.

Embora não acredite na existência de vocês, saibam que nós ainda estamos aqui a compor músicas, cantar, dançar, escrever poesias, contar histórias e publicar antologias, inspirados na busca de sermos cada dia melhores e felizes.

**MARLENE A. TORRIGO**

A FONTE DA JUVENTUDE

Quando da descoberta do Brasil em 1500, Pero Vaz de Caminha, fidalgo e escrivão português, enviou ao soberano de Portugal uma carta na qual descrevia as maravilhas da terra recém batizada com o nome de Ilha de Vera Cruz, e em cujo solo fértil, tudo que se plantasse haveria de dar. Três séculos e meio após, com o advento da Revolução Industrial, todo o planeta começou a ser amplamente devastado. Inclua-se a antiga Ilha de Vera Cruz, hoje República Federativa do Brasil, cujo solo ficou pobre, carente de minérios, com nutrientes escassos para a fauna e flora, devido aos desmatamentos e queimadas desenfreadas, devido à contaminação do solo e dos veios freáticos, à contaminação nas atividades agrícolas e ao descarte inadequado de lixo e das indústrias. Para a saúde do planeta esses fatores são terríveis. Todos padecem de insuficiência vitamínica: humanos, animais, plantas, sem contar que os melhores dos nossos produtos são para a exportação.

Dissertemos agora sobre a Fonte da Juventude, a vitamina B12. A deficiência de vitamina B12 (e outras) no organismo causa problemas neurológicos e cognitivos, causando dores de cabeça, unhas fracas, alopecia (queda de cabelos), parestesia (formigamento nas mãos e pés), câimbras, tremores, dor e inflamação na boca e língua, fadiga constante, palidez, dispneia (falta de ar), sarcopenia (perda de força e massa muscular, diz-se que a pessoa está murchando), coordenação prejudicada, claudicação (com muitos usuários de bengala), distúrbios da visão e tontura, anemia, dificuldade de concentração, esquecimento, mau humor. As pessoas vão se tornando tristes, deprimidas, esquivas a lazeres, sofrem com pensamentos sinistros, fatalistas, podendo evoluir para depressão e/ou confusão mental que acelera a perda de memória e aumenta o risco de demência, comprometendo assim as funções cerebrais essenciais.

A vitamina pode ser obtida de alimentos, mas após os 50 anos a capacidade do organismo de absorver e metabolizar as vitaminas dos alimentos diminui drasticamente - diminuindo bem mais na pessoa idosa. Nos idosos os sinais da deficiência de B12 podem ser sutis e confundidos com o envelhecimento natural. Nos primeiros anos da medicina moderna, as confusões mentais dos pacientes idosos eram atribuídas a problemas neurológicos. Diagnosticados com anemia perniciosa, definhavam lentamente em confusão mental.

De fato, a vitamina B12 é a Fonte da Juventude dos idosos, mas muitos deles, desconhecedores de tal benefício para envelhecer com qualidade de vida, sofrem por anos com os mal-estares se acentuando, crendo ser tudo por causa do envelhecimento.

Veem-se as mídias digitais terapêutas estimulando idosos a praticar atividades físicas sempre. Perfeito. Contudo, quem con-

segue se exercitar sentindo fraqueza, sem energia e com desajuste mental? Sim, leve-se em consideração a importância dessa vitamina. Ela protege os neurotransmissores e mantém as conexões cerebrais rápidas e eficientes, protegendo da demência ou diminuindo o impacto neural do esquecimento.

* O nível ideal de vitamina B12 no exame de sangue deve estar acima de 700 pg/ml, e não menos, como aparece nos exames. Também a vitamina D3, muito usada, deve ficar entre 60/90 ng/dl. Acima de 100 ng/dl torna-se tóxica, destrutiva. E jamais deve ser tomada sem junção com a vitamina K2 MK7.

* Sabe-se que a depressão, essa epidemia mundial, se não estiver associada a um fator genético grave, como a esquizofrenia, deve-se ela, na sua grande maioria, à deficiência da vitamina B12.

(Texto elaborado em estudos de suplementação vitamínica)

O HOMEM QUE CHORAVA

Faz mais de trinta anos que eu, ao passeio por uma movimentada avenida do centro de São Paulo, deparei-me com um homem que chorava copiosamente, sentado em uma escada sob a marquise de um edifício.

Nossa! Mas o que lhe acontecera? Ele recebera notícia da morte de um ente querido? Perdera o emprego? Roubaram-lhe o carro? Perdera o seu grande amor?

Perguntas atropeladas dominaram a minha mente. Pensei em acalotá-lo, confortá-lo, mas não consegui. Outros transeuntes que passavam pelo local certamente tiveram o mesmo desejo, mas o homem pranteava tanto, causando tanta comoção, que ninguém ousava se aproximar.

Era um homem jovem, bonito, trajado com roupas sociais. Usava calça bege, camisa branca e sapatos pretos reluzentes. Cabisbaixo, mãos abandonadas ao desespero, lágrimas rolando em cascata, seu semblante expressava tanta dor que eu mal conseguia pensar. Senti meu coração apertado, pequenininho.

Segui meu caminho, sempre olhando para trás. Enquanto o tive no meu campo de visão, não vi ninguém se aproximar dele. Certamente as pessoas foram assaltadas pelas mesmas emoções que as minhas: espanto, fraqueza, impotência.

Muitos anos se passaram e jamais esqueci que eu não consegui ajudar o homem que chorava.

A NONA SINFONIA

Naquela tarde quente de um verão abrasador, em meio àquelas pessoas alegres e festivas, eu sentia tristeza e solidão. Sentia um intenso mal-estar. Sabia que, se permanecesse na festa da empresa em que trabalhava, o dique irromperia. Eu via pontos brilhantes brincando ante os meus olhos. Adoecera do nada. Ou do tudo. Ali, bem ali em meio às comemorações, a minha alma inventou de entrar em questionamentos conflituosos de vida e morte. Olhava as pessoas felizes e não sabia se elas eram parte de um sonho. Elas sorriam muito. Estariam felizes realmente? Eu estava viva? Sonhava? O mal-estar se acentuou. Sabia que precisava deitar para aliviar a pressão na cabeça. Quando os convivas seguiram para os discursos na sala de auditório e assistir à projeção de slides sobre o andamento da instituição, esgueirando-me, saí, fugi, evadi-me. Exímia fugitiva eu.

Ninguém em casa. Tomei dois copos de água e irrompi na sala, deitando no chão, no tapete. A sensação de peso na cabeça diminuiu. A magia de deitar trouxe-me um agradável bem-estar. Sem ninguém em casa, eu teria a tarde toda para descansar. Cerrei os olhos, meditei. Quando os descerrei, os pontos brilhantes haviam sumido. A paz invadiu-me. Eu flutuava. Ri da minha covardia, de ter fugido da festa com tantas iguarias a serem servidas. Mas eu tinha que fugir ou o dano seria maior. Eu entrara em estado de confusão por causa do diabetes e, se ali tivesse permanecido, meu estado de saúde pioraria. Cerrei os olhos novamente. Slides de momentos da minha vida entraram em cena. Para fugir à projeção, pusilânime como sempre, liguei o som. Beethoven invadiu a harmonia da sala. Beethoven... ele criou luz na treva. Aprendi a

ouvi-lo quando... Quando morreu algo em mim. Lembrando um fato triste, lágrimas inconvenientes ameaçaram cair pelos cantos dos olhos. Eu chorava sem estar chorando.

Pedi calma ao meu coração. Relaxei novamente. Transcendi-me. Pensei que teria de seguir, dar continuidade às páginas do meu destino até morrer-se-me o coração. Meio que delirante, vi-me no finalzinho de um drama nebuloso, no qual um anjo surreal me dizia aquilo que eu sei desde sempre, que tudo na vida é um sonho. Sim, um sonho que vive nas batidas do meu coração, que pulsa nas minhas veias, que transcende os meus sentidos, nas minhas fantasias, nos meus ideais. Ouvindo a Nona Sinfonia, rendida pelos acordes, adormeci serena, enfim.

NÃO TE VICIARÁS EM NADA!

Não faz muito tempo, num percurso de 40 minutos de ônibus, uma mulher de uns 60 anos sentou-se ao meu lado e se pôs a jogar no celular. Muito atenta à telinha, alheia ao redor, ela encostava demais em mim, nas viradas e sacolejos do ônibus, sem estar nem aí. Aborrecida, levantei-me e sentei do outro lado do corredor. Ela não se intimidou. Sem tirar os olhos do celular, arrastou-se para o lugar em que eu estava, na janela, continuando com sua distração que deveras exigia o uso de neurônios muito sapientes. Chegamos ao terminal. Ela guardou o celular na bolsa. Imaginei-a em casa, jogando por longas horas, perdendo até a saúde sem perceber.

Sentar-me ao lado dela foi como ter um déjà vu. Eu tenho vivido essa experiência em outros lugares, com outras pessoas. Celular é uma das maravilhas do mundo moderno, mas em mentes bélicas torna-se um brinquedo tóxico.

Como uma pessoa pode se concentrar tanto assim em jogo de uma telinha minúscula? Eu mesma sou uma nulidade em jogos. Na vida real, os jogos mais comuns jamais os aprendi jogar, como baralho e xadrez. O único que jogo muito bem é dominó. Virtual não gosto, só mesmo esparramados na mesa. Eu tenho um estojo primoroso de dominó, mas faz um bom tempo que não jogo, por pura falta de parceria. Mas quaisquer desses dias lindos eu vou jogar com os meus fantasmas. Ou quem sabe eu procure um clube de dominó de gente viva e viciada nesse jogo.

Enfim, eu acho o tempo do meu tempo tão precioso que não posso imaginá-lo sendo desperdiçado por quaisquer vícios nocivos. Não posso me imaginar tão em desarmonia com o mundo lindo ao meu redor. Eu sou a minha guru. Eu guio a minha mente, não ela a mim. Claro, nem sempre acerto o caminho certo, eximo-me de parecer inatingível aos dilemas da vida, mas atento-me ao meu destino que sempre me ordena: Não te viciarás em nada!

EU SOU MUITO RICA

Em criança, ao passeio com mamãe, encontramos um conhecido nosso, que se aproximou para prostrar. Enquanto conversava, ele notou que eu tinha uma pinta vermelha bem no meio do tórax. Ele disse, essa pinta bonita significa que você vai ser muito rica.

Eu tinha seis anos. Aquela frase entrou lúdica na minha mente infantil e não mais saiu.

Até hoje lembro o lugar e o momento em que ouvi a frase mágica. É incrível como crianças fantasiam. Passei o resto da minha infância crendo que seria muito rica. A pinta é uma minúscula verruga vermelha. E lá no meu mundo infantil, cri na profecia e transformei a verruga charmosa em talismã. Acariciava-a amiúde. Eu seria rica, e ser rica significava que poderia ter quantas bonecas quisesse, bonecas do meu tamanho, daquelas que falavam e andavam, posto que as minhas bonecas fossem confeccionadas de pano por minha mãe, tão pobre éramos.

O tempo passou e eu crescendo, crescendo, crescendo, fui entendendo que a vida em verdade era feita de muita labuta. E crescendo mais ainda, e trabalhando, trabalhando, trabalhando, é claro, rica não fiquei. Sequer releí um dedo na riqueza.

Um dia, descansando na minha velha rede na varanda de casa, contemplando o firmamento estrelado em noite de muito calor, o meu pensamento deslizou para as minhas dívidas e o pouco dinheiro para saldá-las, enquanto, inconscientemente, acariciava a minha estimada verruguinha. E lá veio a lembrança do homem que

profetizou que um dia eu seria muito rica. “Riquíssima”, rezinguei, irônica. E continuei admirando o céu. Então murmurei: “Que céu estrelado hoje!”. Foi aí que se deu a magia da profecia. Àquele momento, descobri que eu sempre fora rica. O meu profeta não me enganara, não mesmo! Afinal, eu era rica por ter olhos que enxergavam o firmamento, era rica de sonhos, de juventude, de saúde, era dona absoluta da minha mente. Nossa! Eu era rica de verdade.

Que sensação maravilhosa foi me descobrir pessoa dona de um mundão de coisas boas!

Nem mesmo o harém do Rei Salomão desfrutou das mordomias que eu desfrutava. Sequer toaleta decente as pobrezinhas possuíam. Nem sabonete, xampu, condicionador, papel higiênico. Elas sequer possuíam revistas e livros para matar o tédio de aguardar o chamado do rei. Já eu possuía muitas revistas e livros e não era escrava de nenhum senhor. Podia desfilarmos minha vida linda por aí, livre, leve e solta, graças! Sim, eu era rica, riquíssima. Bicentenária agora, tenho a pinta até hoje. E continuo rica.

HAICAIS

estrela d' manhã
vá e volte de noitinha;
centelha minha!

*

criança brinca
no paralelepípedo;
sou eu menina.

*

contar estrelas
era proeza de criança –
hoje lembranças

*

independente
ferindo a Natureza –
reina o homem

*

esquartejaram
sem compaixão a flamboaiã –
mentes bélicas!

*

dia prisioneiro
das brumas insólitas —
de repente, o Sol

**ROBERTO SAMUEL**

DONA DE MIM

Não somos almas gêmeas, acho! Nem nascemos um para o outro também; nossos destinos não estavam traçados desde a maternidade. Coincidência apenas o Estado. Nascemos em alguma noite bem fria de inverno, entre início e quase meio dos anos 60, entre as imensas araucárias do Paraná. Eu nasci mais ao norte, ela mais ao sul do Estado. Ela nasceu em junho, no pleno e rigoroso inverno, eu em setembro. Ali o Sol nascia timidamente derretendo o orvalho congelado na grama e nas folhas de imensas florestas de angico, ipê, guarani, imbuia, cedro, araucárias; de pés de café e de algodão. Aos poucos, a neblina subia dos vales, prometendo um dia mais quente do que o amanhecer.

Eu a conheci na casa do meu amigo Denoel, já em Guarulhos. Depois que ela saiu da sala onde estávamos, eu disse: vou namorar essa menina. Meu amigo Denoel desdenhou: Não vai conseguir. Ele estava errado. O namoro foi curto, com idas e voltas, a convivência nunca foi muito fácil. Fomos nos moldando um ao outro, nos lapidando entre choques e carinhos. Eu sempre precisei dela, mais do que ela jamais supôs. Eu era imaturo, com baixa

estima, sem uma visão plena da vida. Ela era o oposto. Depois de anos casado, um amigo dos tempos de solteiro disse: “Você não é mais o mesmo, mudou demais”. Ele tinha razão: ela me fez evoluir, percebia melhor o viver.

Nunca fui bom de lembrar datas. Não sei em que dia nos conhecemos, não sei quantas vezes brigamos, apenas tratei de viver o dia a dia com ela. Não sei em qual dia ela disse sim para mim. Somente lembro que foi na metade dos anos 80. Eu me apaixonei assim que a vi. Não temos nenhuma música especial, ela gostava de um cantor chamado Gilliard, eu ouvia Rita Lee, Ultrage a Rigor, Premeditando o Breque, Elton John, Guilherme Arantes... Ainda gosto de piadas ruins, ela prefere humor mais inteligente.

Na adolescência, eu pensava em ter uns cinco filhos, depois não queria mais ser pai. Ela me deu duas filhas e elas me deram duas netas. Aprendi que não nascemos prontos, somos pedras brutas que a vida vai lapidando. Ela foi e é o cinzel. Minhas filhas e minhas netas vivem me retocando. Se hoje não sou uma obra-prima, a culpa não foi dela. Não foi falta de talento: a matéria-prima nunca foi das melhores. Eu era uma pedra bruta que não aceitava lapidação; mesmo assim, ela insistiu. Se hoje tenho algum brilho e valor, o mérito é dela, que sempre foi, graças a Deus, dona de mim.

ABUSO SOCIAL

Estamos em um ônibus, não muito cheio, voltando cansados para casa e percebemos um sujeito pegando a carteira na bolsa de uma mulher à nossa frente. Finjo que não vi, outras pessoas também fingem não ver. Não satisfeito, o indivíduo começa a se esfregar na jovem senhora. Todos percebem, mas ninguém faz nada, eu não faço nada. Ela está sozinha, vulnerável, isolada em um ônibus quase cheio de pessoas, de cidadãos de bem. Por um triste azar meu, seu olhar cruza com o meu olhar; quase chorando, seus olhos gritam por socorro! Eu abaixo a cabeça. Eu me acovardo!

Eu me sinto mal! Ora, o que você quer que eu faça? Ele pode estar armado e me matar, têm outras pessoas aqui, elas que façam alguma coisa. Ele é um ladrão, meu Deus do céu! Por que eu é que devo dar a cara a tapa? Eu me pergunto, tentando desviar meus olhos e meu pensamento sobre aquele absurdo que estou presenciando. É uma tortura, uma guerra dentro de mim, eu me sinto muito mal. Droga! Por que ninguém faz nada? Bem, vai ver ela está gostando! Oh, meu Deus, a quem eu quero enganar? Ela sofre sem saber reagir, eu sofro por não reagir.

Com o nosso país, o nosso estado e com a nossa cidade, é a mesma coisa. Nossa responsabilidade não finda com o voto. Estamos todos em um mesmo barco ou coletivo: devemos cuidar uns dos outros. Não é mais possível calar diante de roubos, de desvios, de nepotismos, de batedores de carteira. Se não tem coragem de enfrentar o larápio, pelo menos grite: pega ladrão! Não deixe o gatuno levar a carteira.

Atualmente há boas ferramentas para fazer a fiscalização das contas públicas. Precisamos ficar de olho, inclusive em nós mesmos. Não podemos nos vender na hora do voto! Vender o voto é ser desonesto consigo mesmo, é jogar contra a cidade. O empresariado mais atento não pode se omitir em um momento tão importante; percebam: quem se esconde não tem o direito de reclamar depois. Nós escolhemos o prefeito e os vereadores. Assim, também devemos responder conjuntamente pelos possíveis erros daqueles a quem confiamos nossos votos. Ser conivente é endossar o erro, é ser cúmplice.

Classificar o prefeito e os vereadores como nossos governantes, é querer isentar-se de nossas responsabilidades. É contratar um síndico, um gerente, um administrador de empresa por quatro anos e deixar ele fazer o que bem entender. Não! Não é bem assim que a banda toca. Eles são gestores e devem, sempre que necessário, prestar contas aos que realmente sustentam o município: os empresários, os comerciantes, os profissionais liberais e os trabalhadores das mais diversas áreas.

Tem muita gente neste ônibus! É muito errado deixar aquela senhora sozinha sendo abusada, roubada, com tanta gente ao redor sem fazer nada. O dinheiro deve ser para cuidar das crianças, para comprar remédios, é para cuidar de toda a sua família. Até quando vamos fingir não ver? Você conhece aquela senhora: é a Dona Maria e ela poderia ser Dona Maria do Brasil, Dona Maria de São Paulo ou Dona Maria da Conceição dos Guarulhos. O ônibus para, o malandro desce e ninguém fez nada! Mais uma vez.

NOSSAS COLHEITAS

Tudo estava em chamas, não havia abrigo, não havia nada. Eu, feito um ser esquecido no meio de um deserto árido, vagava infértil por onde nada conseguia aflorar. Sua lembrança era a única coisa que me dava certo alívio. Eu fechava com força os olhos, esquecendo as dores espalhadas pelo corpo. Por entre tantos sofrimentos, sentia o leve toque dos seus dedos em meus braços, seu colo roçando em minha coxa. O cheiro de seu suor me anestesiava. Uma vontade doida de chorar subia pelo peito e estancava na garganta; parte dessa angústia vazava pelos olhos em forma de lágrimas, uma dor semelhante à perda de um ser muito amado. Seu hálito me adoçava as dores das labaredas que me consumiam sem me matar. Seus olhos eram a saída momentânea daquela minha agonia, uma fuga desesperada em busca de um nada que pudesse me trazer um pouquinho de paz.

Você estava ao meu lado, fomos felizes, mas por pouco tempo e a extensão do tempo foi escolha minha, {suspiro} somente minha. Por um tempo, de dois viramos um, de um plural nos tornamos singular. Um casal? Não! melhor, um par singular, quase unicelular. Uno e duo ao mesmo tempo, no mesmo ser, no mesmo insano querer. Eu e você: nós. Uma conta perfeita com suas infinitas variáveis e resultados precisos e harmoniosos. Uma raiz quadrada, profunda e perfeita; perfeita e delimitada por um tempo

limitado. Um problema que trago sempre comigo sabendo que não tem solução, nem salvação. O que foi, foi, acabou. Lembranças não são boas companhias quando te fazem sofrer, mesmo que seja um doce sofrer.

Acredite: construímos nosso próprio inferno, nosso purgatório particular. E neste lugar, edificado por nossas escolhas, rebocado por mágoas, pintado com alegrias opacas e vívidas tristezas, deixamos um especial instrumento de tortura: uma janela para um passado que se mostra bem melhor e mais colorido do que realmente foi. Em frente ao nosso nariz, em diversas oportunidades uma porta aberta aparece, nos ofertando uma saída, um pouco de luz, outras possibilidades. Mas é tão difícil deixar o conforto e o anonimato da penumbra! Para sair é preciso deixar para trás lembranças das quais nos recusamos a desapegar! Hoje somos um pouco do que vivemos. Para esquecer o passado e nossas dores, é preciso ter coragem de se tornar alguém novo: o que nem sempre é melhor, mas com certeza diferente.

E o fogo que nos consome dia após dia, as dores são frutos próprios da nossa lavra, de nossa horta. Regamos, adubamos e sofremos com seu desabrochar. Então, que todas as palhas e folhas secas queimem e fertilizem novamente o solo. Preciso passar o rastelo pela terra, capinar todo o terreno até onde eu conseguir, limpar todas as ervas daninhas e danosas, esperar pacientemente que as chuvas da próxima estação lavem a terra, a alma e o ar que nos envolve. Respirar fundo e lembrar que ainda há muitos verões pela frente e sempre é tempo de plantar. Esta história não termina aqui. É tempo propício de criar lembranças sem dor.

A VISITA

Ao acordar, vi essa figura à minha cama. Pela aparência deveria ter pouco mais de trinta anos; pareceu-me ter sofrido muito na vida. Tinha um ar de cansaço no rosto e sua barba há muito

não via lâmina, se é que algum dia viu! Seus cabelos, compridos e crespos, estavam em desalinho, pareciam ter enfrentado uma tempestade. Suas roupas não estavam sujas; pelo contrário, estavam limpas, mas eram bem velhas; davam a impressão de que iriam rasgar ao primeiro toque; as minhas eram o oposto: novas e alvas como um dia iluminado.

— O que faz aqui?... Não sabe falar?...

Deve ser algum louco, mas como entrou aqui? A propósito, onde é aqui? Parece um hospital. Quem será que me trouxe? Só me lembro do início da festa de ontem, do final...

Devo ter passado mal, mas a turma não tinha dinheiro para uma internação (se tivesse usaria para outra coisa; bom, eu usaria). E meus pais, hein? Há muito não sabem de mim, e estão longe, muito longe e assim não poderiam me socorrer. Sinto falta deles.

— E você? Por que ainda está aí? É pastor, padre, rabino? Você tem cara de rabino. Olha, se veio me ajudar, vou logo dizendo: Não preciso de sua ajuda. Estou muito bem. Aliás, há muito tempo não me sentia assim tão bem.

Esse cara tem um jeito estranho. Olha-me como soubesse de tudo.

— Vou te dizer uma coisa: você não sabe nada e não pode me ajudar. Como você pode notar, estou em um bom hospital... Por que sorri com condescendência? Você se acha superior?

Em contraste com o rosto cansado, seus olhos brilhavam como alguém que acaba de sair de uma luta com vitória; parecia feliz.

Como será que estão meus irmãos? Apesar das brigas, gosto deles.

— Você é paciente ou trabalha aqui?

O ar é muito agradável aqui, não tem cheiro de hospital, é bem limpo e existe um silêncio. Impressionante. Sinto-me em paz. E meu pai? Será que já me perdoou? Aprontei tanto. Há quanto tempo estou aqui? Será que a festa foi ontem ou há seis meses? Eu não sei: perdi a noção do tempo. Devo estar pensando bobagens, é lógico que a festa foi ontem.

— Já sei! Descobri o seu segredo: você é um psicólogo e veio me ajudar a sair das drogas. Não é isso? Pois pode ficar tranquilo. Hoje de manhã, antes de você chegar, estive pensando: vou parar com as drogas, voltar para minha família, fazer as pazes com meus irmãos, beijar minha mãe (meu Deus, há quanto tempo não faço isso), trabalhar, vou pedir perdão para meu pai e nunca mais vou fazer minha mãe sofrer. Estranho: sinto-me tão leve depois de dizer isso. Sabe amigo, dizer isso me faz bem, deveria ter parado há mais tempo; não sinto nem aquela síndrome de abstinência que sempre me fazia voltar às drogas. Agora eu sei! A vida é muito importante para ser desperdiçada com drogas; agora eu quero viver.

— E você acertou:

— Ah! Sabe falar!!!

— Sim, eu sei falar. Como eu ia lhe dizendo: sou psicólogo, médico também, sou um pouco de tudo, trato do corpo e do espírito há muito, muito tempo, e, se você quiser, podemos ser amigos. Eu vim trazer boas notícias! Você não é mais dependente de drogas; logo, logo dois amigos da sua turma virão lhe fazer companhia. Seu pai e seus irmãos estão bem; sempre conversamos, somos amigos. Sabia? Sua mãe sabe que você está aqui comigo; hoje ainda conversamos e ela pediu-me para cuidar muito bem de você. Prometi fazer de tudo para lhe ajudar nesta nova fase. Ah!! Seu pai pediu-me para te dizer que te perdoou e que te ama muito. E então? Podemos ser amigos?... Chamam-me Jesus Cristo e é um prazer recebê-lo em minha casa. E seu nome, meu jovem, qual é?

HERÓIS DE BARRO

Desde muito cedo, muito cedo mesmo, o mundo nos mostra diversas histórias e elas nos trazem heróis conhecidos e outros já esquecidos há muito tempo. Contudo, todos os heróis estão ou serão relegados ao esquecimento em algum momento. Em certos momentos da vida, humanos sempre precisam de heróis. Quando a situação se torna muito grave, criam-se super-heróis, como no caso da quebra da Bolsa de Valores de Nova York em 1929. Ali, naquele mar de angústia, dor e desespero dos capitalistas, nasceu Superman e outros se seguiram.

Na Idade Média nasceram os vários santos, os anjos e também demônios terríveis. No Brasil, na guerra do Paraguai criaram Caxias: “O Pacificador” ou “O Marechal de Ferro”. O Brasil nessa guerra quase dizimou toda a população paraguaia. No final do conflito, 75% dos paraguaios haviam morrido, seja no front, seja por fome ou por doenças. Esses heróis, por um tempo, servem como muletas para o povo, depois serão substituídos por outros e fatalmente um dia nem memória mais serão: esquecidos, sepultados por seus criadores e seguidores.

O problema é que, com o tempo, os defeitos ou fraquezas morais, ou outras, desses heróis ficam à mostra. Pois ninguém consegue ser herói ou santo o tempo todo e todo humano ou toda criação humana traz defeitos humanos; isso o torna igual a todos, portanto, comuns. Heróis não podem ser iguais a nós, não podem ser comuns.

Caso nós, pobres mortais, fôssemos heróis, seríamos iguais aos heróis criados pelo comediante Nando Viana. O Super Homem voador: ele voa, mas voa baixinho; o Super Querer: ele pensa que tem poder, mas querer não é poder; o herói analfabeto, o B de Vingança e finalmente uma heroína que quando o perigo aparece, ela se transforma em Cleide, a Manicure.

Santos Dumont, o mineiro voador, é lembrado como alguém extremamente inteligente que, mesmo sendo o nosso herói, foi preterido pela história. Dom Pedro I, segundo a história, foi o libertador do Brasil. Na verdade, tudo não passou de um golpe político em família. Na adolescência, Dom Pedrinho vendia cavalos comuns como se fossem cavalos da família real; ganhou um bom dinheiro, dizem. Nossos heróis, assim como todos os heróis, têm pés de barro, uma kriptonita como fraqueza ou um passado que os condena.

Temos a necessidade de compensar nossas falhas e fraquezas, ter alguém em quem possamos nos apoiar ou pedir socorro. Um herói que amamos ou admiramos, em última análise, é nosso alter ego: criamos um lugar para nos esconder onde nossos dons seriam ampliados, um lugar sem as regras da lógica onde o homem poderia voar, respirar debaixo da água, derrotar exércitos inteiros, salvar todos, salvar, finalmente, todo um país. Enfim, enfim: ser o que a vida não nos permite e nunca nos permitiu ser.

MEUS PORQUÊS E SEUS PORQUÊS

Aprendemos a caminhar caindo muitas e muitas vezes. O mesmo acontece quando estamos aprendendo a andar de bicicleta, andar de patins e patinetes. Arranhões, uma rouidão aqui, outra ali e até alguns ossos quebrados fazem parte da vida, por mais assustador que possa parecer para as mães e avós. Mesmo com toda a atenção e os olhos atentos dos professores, brigas e bullying na escola são quase inevitáveis. As dificuldades, os problemas, as pedras no caminho vão nos construindo, as rebarbas, essas sim devem ser aparadas pelos pais e pelas tias e tios da escola.

Somos plantinhas em crescimento; os adultos são nossos jardineiros. Eles plantam, cuidam, regam, nos alimentam com carinho, amor e bons adubos. Mas, por mais bonito que possa lhes parecer, por mais dóido que seja, precisamos de poda. Alguns ga-

lhos e manias nossas devem ser cortados cedo. Nada deve crescer além da conta. Tudo em exagero faz mal, e pode nos tornar maus. Quanto mais cedo, melhor; mas com muito, muito carinho.

Sabe? Os filhotes dos cervos, 15 minutos depois de nascer, já devem ficar em pé, prontos para fugir dos predadores, dos leões e salvar a própria vida. Eu, mãe, preciso aprender a me defender, necessito aprender a aprender. E todo dia eu conheço alguma coisa, graças a Deus, e tenho mais do que apenas 15 minutos para aprender. Será que eu corro mais do que um filhote de leão?

Uma borboleta precisa fazer muito esforço para sair do casulo. Com esse grande esforço, ela vai bombeando sangue para suas asas e assim se torna forte e preparada para voar. Caso alguém a ajude a sair de seu casulo sem nenhuma dificuldade, suas asas ficarão murchas, sem brilho, sem forma e ela nunca voará. Ahhh! Eu voarei até o céu, feito uma águia gigante! Deixem-me sair desse casulo sozinha. Eu sei que posso!

Sabe o que me tornaria mais forte ainda? As respostas de meus tantos porquês. Eles vagam na minha cabeça, e você nem sempre tem tempo ou paciência para me responder algo tão importante como: por que a chuva cai pra baixo? Onde o Sol vai dormir? Papai do céu e papai Noel são as mesmas pessoas? Você me ama?

Um dia vou ficar do tamanho do papai, bonita igual a mamãe e muito esperta. Mas vou precisar andar só algumas vezes. Eu já sou muito forte e inteligente. Mesmo assim, vou precisar sempre dos abraços da mamãe e das muitas respostas das perguntas que ainda não fiz.

**SERGIO EDUARDO PORT**

Acadêmico Correspondente

O DEVER DO EDUCADOR NÃO É SOMENTE ENSINAR

A arte de ensinar é um desafio, especialmente diante do avanço constante da tecnologia e das múltiplas realidades do cotidiano. Cada educando traz consigo sua própria bagagem cultural, que é influenciada pelo meio social em que vive, além de possuir sua própria maneira, vontade e necessidade de aprender.

Para que a prática de ensino seja eficaz, é importante que sua base seja bem fundamentada, permitindo que o aluno possa alcançar seu melhor desempenho. Para ensinar, é necessário que existam dois protagonistas: quem ensina e quem aprende. Entre eles, deve existir uma conexão, um vínculo que respeite as particularidades e os estilos de aprendizagem de cada um.

O ensinar não é apenas transmitir uma informação pronta, seguindo cartilhas, livros didáticos ou impondo situações, sem fazer os devidos questionamentos, reflexões e diálogos.

Atualmente, um dos grandes desafios dos educadores, diante das novas demandas da sociedade, é ensinar o educando a ler, a escrever e a se comunicar de maneira eficiente. Às vezes, esse aprendizado não ocorre espontaneamente, sendo necessário que o professor tenha uma atuação direta. É importante lembrar que cada educando passa por diferentes experiências a todo momento; então, o educador precisa estar preparado para enfrentar as dificuldades que surgem.

O papel do educador vai muito além de simplesmente transmitir conhecimento. Ele deve criar um ambiente propício de aprendizagem, atuar como um mediador atento e ter um planejamento de ensino bem estruturado. Além disso, é fundamental que a relação entre educador e educando seja alicerçada na interação dialógica. Esse vínculo, baseado no diálogo e na interação, permite que o aluno desenvolva uma conexão libertadora, com autonomia e maturidade ao longo de seu processo formativo.

A função do educador vai além de simplesmente transmitir conhecimento. Ele atua como facilitador do aprendizado, incentivando o diálogo, despertando a curiosidade e estimulando o pensamento crítico e responsável. Não pode restringir-se apenas aos espaços internos das salas de aula, devendo criar experiências de trabalho didático fora delas para complementar o ensino, fazendo com que os educandos se sintam valorizados e parte ativa do processo de aprendizagem.

Cada educando tem seu próprio jeito de aprender. Por isso, o professor precisa diversificar suas metodologias para ministrar o conteúdo a ser ensinado, utilizando aulas expositivas, vídeos, dinâmicas em grupo, debates e outros recursos para alcançar seus objetivos de ensino de maneira eficaz.

O ensinante deve estar preparado para inserir em sua disciplina conteúdos diversificados, retirados da realidade social dos aprendentes, tornando o aprendizado mais significativo. Por isso, sua competência deve ser polivalente.

O educador sabe muito bem que toda aula não começa somente ao entrar em sala; ela tem seu início bem antes, pois é necessário utilizar algumas horas para organizar materiais e fazer uma boa preparação. Essa atividade de planejar, embora muitas vezes invisível aos olhos dos educandos, pais e comunidade, é muito importante, pois não podemos construir um processo educativo sem planejamento.

O ensinante, em sua conduta de transmitir o conhecimento, deve estar atento para que o aprendente perceba seu interesse em ensinar, despertando o desejo de aprender. A postura e a metodologia adotadas pelo educador influenciam diretamente o interesse do educando. Um aluno interessado é, quase sempre, um aprendiz motivado.

É igualmente importante que o educador e a instituição de ensino estejam em sintonia, pois a instituição escolar, que se encarrega do processo de aprendizagem sistematizado, deve oferecer vários instrumentos de compreensão da realidade, favorecendo a participação dos educandos em diferentes situações sociais e garantindo a aprendizagem de conhecimentos, conteúdos e habilidades essenciais para a vida em sociedade, respeitando os aspectos cognitivos, afetivos e emocionais dos educandos.

No cumprimento de sua função social, a escola precisa considerar as práticas e valores que permeiam nossa sociedade, sejam elas de natureza cultural, moral, ética, social, política ou econômica. O ambiente escolar possui várias camadas sociais, e cada edu-

cando chega com uma bagagem formativa prévia. Por isso, é papel da instituição escolar, por meio de seus educadores, orientadores pedagógicos e direção, ciente desta diversidade, preparar-se para harmonizar esses conhecimentos prévios com os da aprendizagem escolar.

A educação tem por finalidade propiciar ao educando um crescimento em seu nível de aprendizagem. O sucesso educacional se concretiza quando o aluno alcança um grau de aprendizagem superior ao que possuía anteriormente.

Por fim, o educador tem liberdade para criar e desenvolver seu trabalho, tarefa desafiadora e, ao mesmo tempo, profundamente significativa. Para isso, é fundamental que o professor domine o conteúdo que ensina, sem preconceitos, aberto a sugestões, troque experiências com outros profissionais da área e utilize diferentes materiais de apoio pedagógico, fortalecendo cada vez mais seu objetivo. Desta maneira, contribui para solidificar a educação de qualidade.

**VALDIR CARLETO**

ASSASSINOS SEM QUERER QUERENDO

São cidadãos barbados, muitos já são pais, outros são avós. Uns tantos já aposentados, outros exercendo as mais variadas profissões. Têm como lazer empinar pipas. Brincadeira inocente que inúmeros idosos atuais praticaram quando crianças.

A diferença de uns tempos para cá é que são utilizadas linhas com cerol, ou seja, uma mistura de cola e vidro moído que é aplicada à linha para que ela se torne cortante. Assim, quem a utiliza obtém mais vantagem para cortar a linha de outro empinador de pipas. Esta é a brincadeira atual. Não se trata de conseguir fazer com que sua pipa suba até o ponto mais alto, tão alto que quase desapareça no horizonte, como era antigamente. O grande prazer atual é destruir a brincadeira dos outros, é arrastar para si a pipa que outro empina ou, na pior das hipóteses, fazer com que ela fique solta no ar e vá caindo em caracol em qualquer lugar.

Como nada é tão ruim que não possa piorar, inventaram uma tal de linha chilena, que já é vendida com material cortante. Os “crianças” que gostam de empinar pipas adoraram e exibem orgulhosos carretéis imensos com linhas roxas, verdes, azuis e de outras cores. Nada parecido com os carreteizinhos que eu usava na minha infância, empinando minhas “capuchetas” feitas com uma folha de jornal, que nem varetas de bambu tinham.

Diante desse hábito nocivo que muita gente pratica, começaram a ser relatados casos de motociclistas e outros que se feriram com as linhas contendo cortantes, incluindo casos fatais. Têm sido tantas mortes causadas por esse tipo de “acidente”, que quase nem têm mais sido noticiadas, pois viraram lugar comum. Como diria o confrade José Roberto Jerônimo, casos que notoriamente poderiam ser evitados não são acidentes, mas sinistros.

Passando de carro por uma rua pacata perto da minha casa, deparo-me com um marmanjo de uns 40 anos, empinando pipa com linha chilena. Não me contenho e paro para conversar:

— Amigo, sabia que usando esse tipo de linha você põe em risco a vida de muitas pessoas? Têm havido mortes de gente que se fere com essas linhas. Se pega no pescoço, pode romper uma veia importante e não haver tempo para socorro.

— É nosso lazer. Fazer o quê, né? Cada um que se cuide! Motoqueiro que use antena pra se defender da linha. Este é o único lazer que temos! – responde o “adolescente”.

— Assassino em potencial é o que você é — retruco.

— Vá cuidar da sua vida! – esbravejou ele, encerrando a conversa.

— Estou cuidando. – disse eu e fui embora, agradecendo a Deus por nunca ter sequer pretendido andar armado.

Assim como ele, há milhares de assassinos sem querer querendo, como diria o personagem Chaves.

De vez em quando, para não dizerem que nada fazem para combater, autoridades vêm a público apregoar que apreenderam material com alguém que estava empinando pipas com linhas cortantes.

Mas todo mundo sabe que há locais que concentram esses assassinos em potencial. Só as autoridades não sabem. Todo mundo sabe que há lojinhas em praticamente todos os bairros, que vendem pipas e materiais cortantes. Só as autoridades não sabem.

De onde se conclui que, sem querer querendo, autoridades também são, por conviência e inércia, assassinos em potencial.

SÓ TENHO A AGRADECER

Em junho, estive na comemoração do aniversário do meu primo Martinho, que mora em Ribeirão Preto. A festa foi na chácara do meu irmão Edson, em Cabreúva. Aconteceu algo no final, que mexeu comigo, e acabei escrevendo uma mensagem que enviei a familiares, compartilhando o sentimento que tive com essa experiência. Reproduzo o texto, com mínimas atualizações.

O evento foi animado pelo cantor Frank Henrique, um cara muito legal, que tocava de tudo e convidou as pessoas pra cantar. E eu até cantei. No fim, depois do Parabéns, ele disse que para encerrar iria fazer um louvor.

Geralmente, eu não gosto muito de louvores. O clima estava tão legal... Achei que iria terminar de um jeito chato. Mas eu me enganei redondamente.

Durante o cântico, do qual todo mundo participou, passou um filme na minha cabeça, pois foi um momento de muita reflexão sobre minha vida e tudo que me cerca. O Frank disse que seria uma prece pela vida do Martinho e um agradecimento pela vida do Martinho. Eu fiquei pensando em quanto eu tenho de agradecer. E foram passando pela minha mente as imagens de todas as pessoas e tudo que elas representam para mim.

Lembrei dos meus quatro filhos, de tudo que já passei com eles. Correrias, aborrecimentos, desgastes, às vezes acusações que considerei injustas, superações e, em contrapartida, quantas alegrias já me proporcionaram e continuam me proporcionando.

Cada qual com suas manias, seu jeito de ser, quantas vitórias já obtiveram e como a estrada que pavimentaram, com a própria capacidade e esforço, poderá lhes ser útil para a vida que têm pela frente.

Lembrei da primeira vez que a Nilda me levou a Ribeirão e a Uberaba. De como toda a família me acolheu bem, um cara que não conheciam, separado, já pai de dois filhos. Em nenhum momento senti discriminação, algum nariz torcido pra mim. Lembrei que conheci o Toninho no “Noite sem pressa” (um bar que meu cunhado tinha com um sócio) e da minha convivência com ele, um cara de quem aprendi a gostar como se fosse meu irmão. Ele, com meu pai no casamento da Adriana; meu pai que tanto me ajudou, me orientou, e que partiu menos de um mês depois, no mesmo ano em que perdi minha mãe, a quem tanto devo também.

Pensei nas minhas cunhadas Nilza, Neide e Aline... Quantas situações vivemos juntos. E, lógico, refleti naquele momento o quanto todos nós temos de reconhecer o valor dos dois filhos da Nilza e o quanto que eles devem a ela por tudo que fez e faz por eles. Os dois, Fred e Léo, assim como os meus, cada um com seu jeito, seu estilo, suas manias, que a gente às vezes não entende, não aceita. Mas, por outro lado, o quanto temos de agradecer a Deus por eles serem os bons seres humanos que são, o quanto tiveram de se esforçar e se dedicar para superar os obstáculos e conquistarem o que já obtiveram, calçando a estrada para ter um futuro brilhante.

Vinicius, Renan, Fred e Léo não são caras presos a vícios, nunca nos causaram nenhum problema mais sério, bebedeiras graves, casos com polícia, etc., coisas que tantas famílias enfrentam. Eles são, acima de tudo, ótimos seres humanos. Vinicius entrou como estagiário na agência, foi efetivado, promovido, bem centrado. Renan, por exemplo, é um cara caridoso, preocupado com quem não tem nada, gosta de ajudar as pessoas. Vejo no Fred essas mesmas qualidades. Imagino que o Léo, que está se formando médico, graças às boas notas obtidas no Enem, se sentirá realizado quando puder salvar uma vida exercendo a linda profissão que escolheu. Às vezes, não entendemos escolhas de todos eles, o que eles fazem com o tempo deles; temos ciúme da atenção que dão às meninas e outras pessoas, a coisas que eles gostam, como futebol, academia, correr, carros, preferindo muitas vezes estar com os amigos do que com a gente. O mesmo acontece com meus filhos do primeiro casamento, Simone e Fábio. Bem realizados profissionalmente, trabalhadores, ambos queridos entre as pessoas que os cercam.

É difícil aceitar que os criamos para o mundo e não para nós mesmos. Mas o que importa mesmo é que são humanos, gente boa. E graças a terem essas qualidades, é que Deus tem lhes proporcionado as vitórias que alcançaram, todos com ótima formação; eles são queridos e admirados. E isso é motivo de imenso orgulho e alegria para nós.

Eu me senti tão bem ao final do louvor que o Frank fez, com meus familiares cantando juntos, que agradei profundamente por fazer parte das famílias dos meus pais. Agradei por ter a Nilda em minha vida, sempre disposta a tudo, sem medir esforços para cuidar de mim e me ajudar em tudo. E agradei por ter sido acolhido de braços abertos por toda a família. Da mesma forma que agradeço pelos meus filhos Simone e Fábio terem acolhido bem a Nilda e terem com ela harmoniosa convivência.

Aqueles momentos me vêm à mente de vez em quando. Resolvi repartir com familiares essas reflexões, movido por passagens do Evangelho que leio sem a disciplina que deveria, mas com carinho, e que falam de desapego e gratidão, de amor ao próximo, de agirmos de acordo com o que Jesus deixou como exemplos de humildade e da capacidade de perdoar.

Agradei à cunhada Nilza pelo seu carinho sempre comigo, com meus filhos e por ser uma irmã companheira e zelosa. E lhe enviei parabéns pela mãe que é. Concluí a mensagem, dizendo que só tenho a agradecer e desejando que Deus a abençoe sempre e aos seus filhos.

Ao escolher o conteúdo com o qual participaria desta edição da revista da AGL, entendi cabível compartilhar estas reflexões com todos que a tiverem em mãos. Se pararmos para pensar, certamente teremos todos mais a agradecer do que a reclamar ou pedir.

UM ENIGMA QUE GOSTARIA DE DESVENDAR

Não sei a qual área de estudo caberia uma pesquisa, para desvendar algo que me deixa encafifado e que até hoje ninguém me apresentou uma justificativa plausível.

Há muito tempo venho observando que em minha casa é comum desaparecer um pé de meia, deixando o par desfalcado. Às vezes, dá sorte de haver pares iguais e, assim, se sumiu o pé direito de um par, combina com o pé esquerdo de outro par e dá para continuar usando, até porque acho que ninguém presta atenção se existe pé direito e esquerdo em um par de meias.

Comento com outras pessoas e fico sabendo que o mesmo fenômeno costuma acontecer em outras residências. E ninguém tem uma explicação para isso. Alguém opinou que a máquina de lavar pode engolir o pé que sumiu. Mas isso fatalmente entupiria o tubo e o equipamento acusaria o problema. Outro disse acreditar que os pés que somem teriam sido despejados na rede de esgoto pela máquina de lavar. Não acredito nessa hipótese, porque em minha casa temos o hábito de deixar a água que sai da máquina correr pelo chão da área de serviço e a aproveitamos para lavar o quintal. Se o pé sumido fosse despejado pela tubulação, nós o veríamos.

O fato é que já tem gente adotando a moda de usar meias de cores diferentes em um pé e no outro. Acho uma boa ideia, pois evita o desperdício e, afinal de contas, ninguém tem nada que ficar cuidando se eu uso meia marrom num pé e preta no outro. Conheço uma pessoa que usa tênis de cores diferentes em um pé e no outro. Disseram-me que já existem tênis à venda assim. Eu desconfio que o cara tenha perdido ou estragado um deles e adotou

a nova moda. Acho que fica estranho, mas cada um cada um... Já tenho muito com que me preocupar, para ficar opinando sobre a elegância ou não de outros marmanjos.

Fica aí a sugestão para algum trabalho acadêmico: levantar teses para tentar descobrir para onde estão indo os pés de meia que desaparecem. Desconfio de que há algum lugar no mundo abarrotado de meias extraviadas. É bem provável que estejam no mesmo depósito para onde vão os guarda-chuvas que todo mundo perde. As pessoas saem de casa com guarda-chuva quando está chovendo e acabam esquecendo-os no ônibus, no metrô ou em qualquer outro lugar. Todo mundo perde guarda-chuvas. E até hoje eu nunca soube de alguém que tenha achado um guarda-chuvas. Mas isso já é tema para outro estudo de caso.

OPORTUNIDADE DESPERDIÇADA

Quando surgiram as primeiras notícias sobre a Covid-19 e a constatação de que se tratava de uma pandemia, ou seja, de uma epidemia espalhada por todo o mundo, creio que quase ninguém acreditou que seria algo tão devastador.

De repente, mais e mais informações sobre mortes em diversos países e até nas famílias dos mais incrédulos. E aí, a necessidade de recolhimento em casa, aulas suspensas, lojas fechadas, serviços médicos em trabalho exaustivo... Um verdadeiro inferno.

Diante de todas as provações pelas quais todos nós passamos naqueles tenebrosos dias, cheguei a ter esperan-

ça de que tudo aquilo serviria de sinal para a humanidade perceber o quanto somos pequenos, insignificantes, microscópicos, diante do Universo, tanto é que pessoas muito poderosas, donas de imensos impérios, tratando-se em hospitais caríssimos, vieram a falecer.

Pensei que o desespero de tantas famílias, sepultamentos coletivos, cidades praticamente paralisadas, fizessem os seres humanos pararem um instante para refletir, repensar suas vidas, suas atitudes. Tolo que sou, imaginei inimigos se reconciliando, diferenças na forma de pensar sendo reduzidas a pó, e que, enfim, todos concluíssem que poder viver com saúde e em paz é a maior riqueza a que podemos aspirar.

Realmente foi uma tolice de minha parte. Quase cinco anos depois, vejo que o resultado parece ter sido o contrário do que eu imaginara e almejava. Guerras estúpidas proliferam pelo mundo todo e pequenas guerras permeiam entre pessoas da mesma família; vizinhos não se falam; colegas de trabalho evitam-se; irmãos rompem laços porque um gosta do político Z e o outro prefere o Y. Pais renegam filhos ao saber que têm preferências sentimentais que reprovam. Casais se separam por divergências minúsculas, que poderiam ser superadas com um pouco mais de paciência e empatia. Parentes e amigos não se visitam, não se confraternizam; muitos se comunicam apenas por mensagens, nem sequer trocam palavras em um telefonema.

Enfim, percebo que a humanidade perdeu uma ótima oportunidade de se aperfeiçoar, de ser mais fraterna e justa. A internet, ótima ferramenta para reduzir distâncias, acaba sendo um instrumento para distanciar as pessoas. A hora da

refeição, momento de agradecer pelo alimento e saborear a convivência, transforma-se em ensurdecido silêncio, com os olhos dos convivas focados nas telas dos celulares.

O minúsculo vírus poderia ter desempenhado papel fundamental para o aperfeiçoamento dos seres humanos, mas serviu apenas para ceifar a vida de milhões de pessoas.

O que mais terá de acontecer para que cada um de nós perceba que de nada valem rótulos, títulos e riquezas?

**WILMAR SOARES SIQUEIRA**

A GUERRA DAS FRUTAS

Era 24 de dezembro, véspera de Natal. Dona Margarida já havia preparado tudo para a ceia: as saladas, os assados, as massas, os doces e as bebidas. A mesa estava linda, bem decorada, com várias frutas típicas da época. Os presentes também já estavam prontos. Enquanto seus filhos, noras e netos não chegavam, Dona Margarida planejou tirar uma pestana de uns quinze minutos, não mais que isso, apenas para repor as energias gastas no preparo da ceia. A fim de ganhar tempo, acomodou-se ali mesmo, numa poltrona da sala.

Logo que adormeceu, começou a sonhar. Eis que, em seu sonho, as frutas ganhavam vida e discutiam entre si. Tudo começou com uma provocação da maçã:

— Ei, galera, — disse ela —, vejam como estou linda, toda vermelhinha! E o que dizer da minha fragrância, que todos apreciam?

Diante disso, várias frutas se revoltaram e começaram a censurar a maçã. Um exemplo foi a pequena cereja, que conside-

rou a presença da maçã na ceia natalina um grande desaforo. E, com veemência, retrucou:

— Maçã, você não é fruta do Natal, mas do pecado! Já esqueceu que, por sua causa, há tanta miséria neste mundo?

Em contrapartida, outras frutas saíram em defesa da maçã. Uma delas foi a banana. Por ser a fruta mais consumida do planeta, julgou que lhe dariam crédito, e argumentou:

— Ei! Parem de censurar a maçã! Quantas vezes ela já disse que não é a fruta do pecado?

O pêssego discordou radicalmente:

— Banana, até que se prove o contrário, foi ela quem se passou por agradável aos olhos de Eva e a fez desobedecer ao nosso Criador!

Numa só voz, várias frutas repetiram:

— Até que se prove o contrário, foi ela quem se passou por agradável aos olhos de Eva e a fez desobedecer ao nosso Criador!

Então, a manga, por também ser muito consumida, achou que teria crédito e disse:

— Mas que injustiça é essa? Nenhuma de vocês pode provar que ela é a fruta do pecado!

Em seguida, a amora — pequenina, mas cheia de moral — questionou:

— Se não é ela, então, quem é?

Mais uma vez, várias frutas repetiram:

— É isso mesmo! Se não é ela, então, quem é?

Desta vez, o abacaxi saiu em defesa da maçã e declarou:

— Vocês estão é com inveja, porque a maçã é formosa e exala um aroma agradável!

O figo, uma das primeiras frutas cultivadas pelo homem, ficou vermelho de raiva e bradou:

— Deixe de ser ignorante, seu espinhento! Por que tanta insistência em negar o inegável? Poetas, escritores, dramaturgos... todos afirmaram em suas obras que foi ela!

A laranja também saiu em defesa da maçã:

— Figo, tudo o que eles disseram não passa de fake news!

O melão tomou o partido dos acusadores e meteu bala:

— A senhorita quer dizer que todos somos mentirosos, e que apenas a donzela é verdadeira?

O limão, querendo pôr fim ao falatório, gritou a plenos pulmões:

— Basta! Vamos parar com essa discussão sem fim!

O morango não gostou da postura do limão e tropejou:

— Limão, você também é outro que vive fazendo coisa errada! Vive se misturando com a malvada cachaça e se transforma em caipirinha, alterando o comportamento de quem bebe, provocando destruição de famílias, acidentes de carro e tantas outras desgraças!

Uma jaca enorme, no centro da mesa, tentou defender o limão, mas a ameixa interveio:

— Dona jaca, a senhora não é fruta natalina. Logo, é uma penetra nesta festa.

Ao ouvir isso, a jaca perdeu o domínio próprio e saiu da fruteira atropelando tudo o que estava em sua frente. Várias frutas se espatifaram no assoalho, formando um mar de suco que inundava a casa.

No meio do caos, o peru assado bateu asas e voou pela janela. Por fim, a própria jaca escorregou da mesa e estatelou-se no chão, espalhando seus bagos viscosos por toda a sala. Por causa do grito espavorido das frutas, num sobressalto, Dona Margarida despertou e levantou-se, achando que sua ceia havia ido para o bebeléu.

Entretanto, ao abrir os olhos e ver que tudo estava em seu devido lugar, tranquilizou-se e voltou a dormir. Assim que pegou no sono de novo, voltou a sonhar. E, no sonho, as frutas continuavam em seus respectivos lugares, como antes da tragédia provocada pela jaca...

Então, a uva, com sua diplomacia pacificadora, apaziguou a todas e disse:

— Minhas amigas, esse tipo de comportamento que acabamos de ver não contribui em nada para a felicidade desta família. Não é agredindo umas às outras que faremos diferença na ceia deste Natal. Já dizia o sábio:

“A resposta branda desvia o furor, mas a palavra dura suscita a ira.”

Diante dessa máxima, a jabuticaba ficou cega de raiva e vociferou:

— Ah, agora falou a sabichona! Dona uva, quem a senhora pensa que é para nos dar lição de moral? Depois de madura, a senhora entra num processo de fermentação, vinifica e vicia muitos humanos, alterando o sistema nervoso deles com seu teor alcoólico!

Sem se ofender, com a erudição de uma grande diplomata, a uva prosseguiu:

— Portanto, em vez de denegrirmos a imagem umas das outras, eu proponho que façamos algo digno desta data. Vamos

fazer o seguinte: vou colocar esta caixinha no meio da mesa, e cada uma de vocês virá, olhará atentamente para a fruta que está dentro dela e dirá, com toda sinceridade, que benefícios essa fruta oferece à humanidade — não apenas nesta noite, mas em qualquer dia do ano.

A primeira a se aproximar foi a cereja. Ela olhou bem para a caixinha e, sem hesitar, disse:

— Bem, esta fruta é rica em vitaminas A, B e C, além de ser boa fonte de minerais e fibras alimentares.

Depois da cereja, foi a vez da ameixa. Surpresa, pensou um pouco, e então disse:

— Esta fruta é rica em fibras e extremamente benéfica para a saúde do sistema gastrointestinal. Também é fonte de vitaminas C, A e K.

Em seguida, quem olhou na caixa foi a romã. Tomou um susto e comentou:

— Esta fruta possui poder antioxidante e anti-inflamatório, sendo usada no tratamento alternativo de várias condições clínicas.

Depois que todas olharam na caixinha, pacificamente a uva esclareceu:

— Minhas amigas, como vocês perceberam, não havia nenhuma fruta na caixinha, apenas um espelho. Na verdade, o que vocês viram foi sua própria imagem refletida. O propósito desta dinâmica foi mostrar que não é necessário denegrir a imagem da outra para provar seu próprio valor.

Devemos compreender que cada uma foi feita pelo Criador, rica em propriedades medicinais, útil à saúde física e mental do ser humano.

Após essas palavras da uva, todas compreenderam a importância que tinham no plano de saúde natural para a humanidade. Então cantaram, dançaram, aplaudiram e gritaram: Viva o Natal!

Nesse momento, a campainha tocou, e Dona Margarida acordou assustada. Percebeu que dormira mais do que o planejado.

Depois de abraçar calorosamente os filhos, noras e netos, foi à cozinha buscar algo que havia esquecido. Enquanto isso, suas noras — que não morriam de amores umas pelas outras — começaram a se desentender por uma banalidade, e logo partiram para a agressão física.

Um dos filhos, no intuito de defender a esposa, entrou no meio da confusão — e a desordem generalizou-se. Quando Dona Margarida voltou à sala e viu a mesa de pernas para o ar, não suportou o desgosto e desmaiou.

Depois de um momento, recobrou os sentidos e indagou:

— O que aconteceu aqui? Alguém pode me explicar?

Tentando justificar o ocorrido, todos se acusavam mutuamente. A confusão recomeçou. Mas Dona Margarida deu um grito:

— Calem a boca todos vocês! Senão, em vez de uma ceia de Natal, terão aqui o meu funeral!

Assustados com a autoridade da anciã, fizeram profundo silêncio. Então, ela lhes contou o sonho que tivera. Ao concluir a narrativa sobre a guerra das frutas e o espelho da caixinha, todos choravam, se abraçavam e pediam perdão com grande comoção.

Vendo o milagre diante de seus olhos, Dona Margarida, muito emocionada, disse:

— Agora podemos dizer que houve um Natal em nossa família! Amor e perdão: este é o verdadeiro espírito do Natal!

**YANNICK BASSUMA**

A VIAGEM DE UMA CÉLULA

PARTE 1

Ele era uma hemácia, um simples glóbulo vermelho. Seu trabalho era levar oxigênio para os lugares mais distantes do corpo. Adorava essa atividade, pois tinha que viajar, para todos os lugares daquele universo em que residia. Sempre que passava pela estação de trocas gasosas, que era centralizada nos pulmões, ele via milhares de companheiros que faziam seu trabalho alienados. Sabia que sua vida era curta, de aproximadamente 120 dias, mas eram 120 dias bem vividos, entre viagens e trabalhos incessantes. Um único lugar do qual não gostava muito era o transformador, que os mais antigos chamavam de baço; ali era o final de suas vidas. É para aonde as células, que estavam velhas e tinham cumprido sua tarefa iam para transformação; todas tinham ciência de que, a determinado tempo, teriam que passar por essa etapa; isso era ensinado desde os tempos antigos, que todos deveriam dar sua vida em prol do universo em que viviam. Mas não era o fim: logo estariam de volta. Poderia ser chamada de uma reencarnação,

pois nasceriam em outra região daquele universo. Isso o consolava: saber que logo voltaria; se fosse possível escolher, ele queria continuar sendo uma hemácia, mas, como as células mestres do cérebro, os neurônios diziam:

— Tudo tem seu tempo na vida. Hoje ajudamos a pensar; no passado, nos pulmões, a respirar; e no coração a pulsar! E em todos esses lugares, devemos fazer nosso trabalho com amor! Aqui, nesta planície com tempestades elétricas diárias, aprendemos a trabalhar unidos, e ajudar a criar novas ideias.

O glóbulo vermelho sabia que para reencarnar como um neurônio levaria muito tempo ainda, pois todas as células que estavam no topo do universo cerebral já tinham passado por todas as partes daquele mundo corporal. Um dia, ele iria ser um neurônio, e faria seu trabalho majestosamente.

E sua vida foi passando, quando escutou alguns amigos, antes de pegarem a via principal para a estação do coração, falando de um assunto sobre o qual ficou curioso, e depois assustado. Algumas células tinham se recusado a se transformar; não iriam sacrificar suas vidas em prol daquele universo; as vidas lhes pertenciam e iriam defendê-las até o final.

Depois de algum tempo dessas histórias que vinham sendo contadas, notou que alguns amigos que tinham nascido junto com ele não vinham trabalhar mais. Isso, a princípio, o deixou triste, mas depois começou a pensar naquela história, que havia um lugar naquele universo em que poderiam se unir e não serem transformados. Aquilo ficou em sua consciência, até o dia em que pegou um grande engarrafamento, onde muitos amigos seus morreram.

Os leucócitos, que eram a tropa de choque, tinham sido chamados; algo não estava bem. Não demorou muito, o fluxo foi refeito, os leucócitos levavam alguns mortos, e outras hemácias, que estavam com um vermelho mais rubro, cujos olhos estavam arregalados, como se estivessem possuídas por alguma força.

Depois desse acontecimento, ele pensou que deveria fazer

uma visita para seu amigo neurônio, que era sábio, e tinha muito mais tempo de vida; diziam que era quase imortal. Iria perguntar do ocorrido, e da lenda que circulava por todos os cantos por onde tinha viajado e trabalhado. Sobre um lugar que ficava no centro do universo superior, e que seria como um portal para outros universos, chamado de glândula pineal. Ele nunca tinha estado lá, mas sentia que deveria encontrá-lo, sentia que a salvação de seu universo dependeria dessa atitude, e não tinha tempo a perder.

Depois desse incidente, as estradas, avenidas e ruas eram patrulhadas constantemente pelas tropas de choques dos leucócitos; iam e vinham, prendiam muitos que não tinham autorização, ou estavam com uma coloração estranha. Tinha algo que estava acontecendo, e seu amigo ancião do topo do universo, que ficava na cidade de nome cérebro, saberia explicar; isso ele tinha certeza. Estava muito longe agora, um lugar que era chamado de “calcanhar de Aquiles”. Ele gostava tanto do nome, que pedia para seus companheiros o chamarem de Aquiles. Aquiles estava do lado oposto do topo do universo superior: estava trabalhando na base do universo, quando notou algumas hemácias conversando, chegou perto para saber o que estavam falando, e viu um dos seus amigos de trabalho. Cumprimentando a todos, perguntou para seu amigo:

— O que estão fazendo?

Todos pararam e olharam para ele. Seu amigo começou a explicar:

— Aquiles, estamos comentando que algo estranho está acontecendo: quando as tropas de choque dos leucócitos saem, e estão sendo recrutados muitos mais, algo está prestes a acontecer!

Falou em um tom de fatalidade, e todos concordaram. Aquiles ficou aguardando que ele complementasse:

— Dizem que algumas células se revoltaram, tornaram-se egoístas ao extremo, e não querem ir para os campos de transformação, como todos vão, quando chega nosso dia.

Aquiles escutava com muita atenção a história de seu ami-

go. Raramente parava, mas naquele acaso era por uma boa causa, e falou:

— Continue, amigo, também sinto que algo está acontecendo.

E todas as hemácias voltaram-se para seu amigo, que se sentiu mais à vontade e tornou a falar:

— Essas células estão se aglomerando, em certa região, e podemos notar já uma negritude, e um calor anormal no local onde estão se aglomerando. E o pior é que fiquei sabendo que estão sequestrando nossos companheiros!

Todos olharam-se com receio, e começaram a comentar o que aquela hemácia dizia. Depois que eles assimilaram, ele continuou:

— Sim, estão utilizando parte da energia do universo em que vivemos para construir um universo paralelo, acredito!

Um dos ouvintes, falou em voz alta:

— Sobre essa história de universos paralelos, só falta dizer da lenda do portal que fica no centro do Universo Superior!

Aquiles, que só ouvia, não se conteve e falou:

— A lenda da glândula pineal, aquela que abre caminho para outros universos?

A hemácia, que era cética, olhou com uma cara de desdém, e arrematou:

— Até você sabe dessa história? Já está se espalhando mais do que aquele vírus da gripe, que deu muito trabalho para nossas defesas, no ano passado. Qual era o nome dele mesmo?

Aquiles era um estudante nessa época, sempre costumava estudar sobre os invasores e o que eles queriam. Naquela invasão, um vírus havia entrado em seu universo através das vias respiratórias universais. Ele foi pessoalmente verificar a guerra de perto, entre as defesas universais contra esse ser de fora. E teve até a oportunidade de assistir ao interrogatório de um vírus antes de ser

fuzilado pelo pelotão dos leucócitos. Fuzilado não seria o termo correto: ele havia sido transformado e teve seus códigos assimilados, para que no futuro não oferecessem nenhuma forma de perigo para aquele universo. O interrogatório veio em sua cabeça:

Interrogatório do vírus invasor, vindo do sistema Covid-19, quadrante desconhecido do universo exterior. Seguem abaixo trechos do interrogatório, para serem utilizados em invasões futuras:

O vírus parecia um ser inofensivo, era pequeno, mas sua energia era abastecida pelos seres que ele parasitava; sim: era como um parasita, pois usava de suas presas até levarem à morte; estava retido na frente do interrogador e parecia que estava envolvido por algum líquido que o impedia de se acoplar em outras células. O interrogatório iria começar, mas o vírus parecia não ter emoções; na verdade, não parecia ser de origem biológica; assemelhava-se a algo artificial, criado por alguma mente doentia, para destruir os universos. Então, o interrogatório foi iniciado:

Interrogador: — O que vocês pretendem em nosso universo?

Vírus: — Aprender!

O vírus falava de forma mecânica, como se fosse uma máquina.

Interrogador: — Aprender o quê?

Vírus: — A complexidade da vida!

Interrogador: — Mas por que vocês nos matam?

Nesse momento o vírus virou-se para o interrogador, e não disse nada.

Vírus: Silêncio, sem resposta.

Interrogador: Responda!

O interrogador foi mais enérgico na pergunta, como se dependesse dessas informações para descobrir os pontos fracos daquele ser, que ora travava uma guerra contra seus compatriotas.

Vírus: — Desejamos ser como vocês!

O interrogador responde, surpreso:

Interrogador: — O quê?

Falando mecanicamente, o vírus responde:

Vírus: — Somos uma raça, que não estamos nem no universo vegetal ou no animal, e precisamos de seus corpos para termos experiências, como células nesse universo infundável!

Interrogador: — E precisam matar?

O vírus vira-se para o interrogador, como a tentar entender o significado daquela expressão, e pergunta:

Vírus: — Morte? O que é a morte?

Irritado, o interrogador fala, asperamente:

Interrogador: — Quem faz as perguntas sou eu. Ok?

Vírus: Silêncio.

Interrogador: — Quem é seu líder?

Vírus: — O Universo! Estamos há milênios aqui, no universo exterior, e o seu universo invadiu o nosso universo. Estávamos em hibernação, esperando a oportunidade de aprendermos, quando um universo abriu suas portas para receber um de nossos agentes. Não demoramos muito para invadir e assimilar todo o universo, ficamos ávidos por mais informação, e fomos de universo em universo. Assimilando, aprendendo, e alguns universos se extinguíram, pois não estavam ...

Interrogador: — Morreram? É isso que você quis dizer?

Vírus: — Então, isso é a morte para vocês?

Interrogador: Sim, isso é a morte! É o que vocês fazem com nossas irmãs e irmãos células, vocês violam seus corpos, e multiplicam-se rapidamente. E depois que estão no controle de seus corpos, os fazem explodir, e, com isso, milhares de seus conterrâneos espalham-se cada vez mais pelo nosso universo!

Vírus: — Não tínhamos essa consciência. Nos universos que estão equilibrados, com suas usinas de forças chamadas de chacras, e com sua glândula pineal divina, que abre caminhos para dimensões que vocês ainda não imaginam, somos recebidos e logo

coletamos o que precisamos, e saímos desse universo, e nunca mais voltamos, pois já fomos assimilados por ele também. Seria como uma troca de informações!

Interrogador Linfócito T: — Essas são lendas que contam desse lugar que fica no topo do universo superior.

Vírus: — No topo do universo superior?!

Nesse momento, quando Aquiles assistia ao interrogatório, o vírus parecia entrar em um transe, e que mandava pensamentos ou algum aviso para seus comparsas que ainda estavam soltos, pelo nosso universo. Devia tentar avisá-los, para que fossem para o topo do universo superior.

Interrogador: — O que pretendem encontrar nesse lugar?

Vírus: — O criador...

O interrogador ficou mudo por alguns momentos; mexeu-se em sua cadeira, olhou para os soldados que estavam todos esperando a ordem de seu comandante para coletar as informações daquele ser e produzirem os antígenos, e aquela resposta nunca mais saiu de sua cabeça.

— O Criador?

E deu a ordem para os leucócitos levarem e entregarem aquele vírus para os seus agentes especializados em identificarem seus genes; os linfócitos T iriam produzir uma defesa eficaz para todo o universo, junto aos linfócitos B, uma equipe especializada que criava defesas para evitar possíveis invasões futuras. O Plasmócito interrogador tinha a função de reconhecer um antígeno estranho potencialmente nocivo. Isso não era tarefa fácil, pois se deflagrasse uma guerra desnecessária, as consequências seriam desastrosas para seu universo local, e poderia colapsar o universo inteiro. Além de reconhecer, deveria também ativar e mobilizar forças de defesa contra a invasão, e identificar o antígeno, atacando-o, controlá-lo e, finalizando o ataque, destruindo todos da raça invasora. Isso poderia soar como cruel para outras raças de vida, mas seu universo dependeria dessas atitudes enérgicas, para con-

tinuar existindo. Em sua posição, não poderia demorar para tomar decisões. Havia estudos sobre outros universos, que foram enganados por raças de seres, que possuíam os corpos dos próprios residentes dos universos, passando-se por um morador comum; passando, assim, despercebidos pelas barreiras impostas, e, com esse método, universos inteiros foram destruídos gradativamente, e as dores foram intensas para todos.

O interrogador ficou caminhando de um lado ao outro de sua sala de interrogatório, enquanto sua mente divagava nas respostas daquele ser. Haveria um criador? Eles seriam partes integrantes de um ser maior e mais complexo? Seriam células menores desse ser? No centro do universo superior, existiria mesmo esse portal para outras dimensões? Outros universos superiores? E as usinas de forças do universo que tinham o nome de chacras, será que existiam mesmo? Ele, como pesquisador, foi pessoalmente em certas regiões do universo, e sentiu uma força diferente. Poderia dizer sem errar que seria uma vibração diferente de certas regiões. Eram no total sete regiões, e se iniciava nas regiões inferiores, não no sentido de não serem regiões de padrões evolutivos melhores, mas por se localizarem abaixo do universo que conheciam, e suas energias eram mais pesadas; eram regiões mais densas, e que tinham sido catalogadas, pelos nomes de:

Chakra básico: ficava na região inferior com o nome de suprarrenais.

Chakra umbilical: era localizado na região de testículos ou ovários.

Chakra plexo solar: localizado na região do Pâncreas e cápsulas suprarrenais.

Chakra cardíaco, localizado em uma região que tinham muitos adoradores, e que para muitos era a região do universo que exalava amor, chamada de Timo.

Chakra laríngeo, localizado nas regiões de tireoide e paratireoide.

Chakra frontal, localizado nas regiões superiores do universo, que tinham o nome hipófise/pituitária.

Chakra coronário: este era o chakra que ficava na região mística, que diziam que muitos que chegaram até ali atingiram outros universos, e que, em contato com esses universos, voltavam com uma energia diferente, e totalmente vitalizados. Esse lugar era conhecido como Pineal, ou Glândula Pineal.

Essas questões sempre foram estudadas, e muitas delas foram deixadas no terreno das pseudociências celulares. Será que era por isso que muitos universos estavam adoecendo, e perdendo suas forças? Havia rumores de que outros universos estavam sendo escurecidos por caminharem alheios de suas existências. Haveria algo mais lá fora? Será que essa região chamada de Pineal dava acesso a outros universos? Isso ele não saberia responder; tinha em seu íntimo mais perguntas do que respostas, mas algo pulsava dentro dele, dizendo que tudo aquilo era verdade. Foi quando falou em voz alta e ficou repetindo:

— Vieram encontrar o criador? O criador...

Nesse momento ele olhou para Aquiles, que estava parado e observando-o desde o começo do interrogatório com o ser invasor, e foi questionado, como sempre o Linfócito B fazia com as células que cruzavam seu caminho: identificava alguma contaminação, transformava -se em um macrófago, um ser que fazia a fagocitose, que na verdade era devorar as células infectadas. Era uma cena aterrorizante, mas necessária para a preservação do nosso universo:

— O que está fazendo aqui ainda?

Aquiles respondeu, gaguejando, que estava reunindo informações para seus estudos. E o interrogador perguntou:

— Que tipo de estudos?

Aquiles respondeu, meio sem graça, pois não gostava de falar de seus pensamentos íntimos com desconhecidos.

— Sobre vida fora do nosso universo!

O interrogador sorriu, e falou:

— Então deve estar satisfeito. Seus estudos foram comprovados hoje?!

Aquiles balançou a cabeça negativamente, e disse:

— Não, meu senhor, eu apenas estou começando. O que me aguçou mais foi ele ter falado sobre o criador. O que seria isso?

O interrogador tinha mais dúvidas do que respostas, e não poderia dar uma resposta concreta como sempre gostava de fazer. Foi quando um sinal de alerta foi dado e o interrogador teve de sair correndo para outra região que estava infectada de invasores. A batalha ainda estava longe de ser vencida, mas, antes de sair, disse:

— Eu também tenho essas dúvidas, meu filho, mas te aconselho a procurar o Mestre dos Neurônios que deve ter a resposta. É onde eu irei depois que passar essa guerra!

E saiu em disparada, pegando a próxima corrente sanguínea que iria levar para regiões afetadas pela invasão.

Aquiles respondeu a indagação de seu companheiro de trabalho:

— O nome era Covid-19, porque tinha vindo desse quadrante do universo.

Todos ficaram surpresos por Aquiles saber o nome; muitos operários só faziam seu trabalho, e estavam alheios aos assuntos que aconteciam ao seu redor, já que só importavam os seus afazeres diários. E seu amigo continuou explicando:

— Sim, Aquiles, isso foi no passado, mas agora o inimigo vem de dentro do nosso universo mesmo, e isso torna-se mais perigoso.

Quando falou isso, todas as hemácias que ouviram começaram a falar ao mesmo tempo, e o amigo de Aquiles explicou:

— Conversei um dia com o grande mestre neurônio, e ele me falou que quando uma célula se torna egoísta, pensando somente em sua existência, se recusa a se transformar, e nos grandes reformadores da vida universal...

Quando o seu amigo disse que já tinha falado com o grande mestre neurônio, Aquiles ficou feliz: ali estava seu mapa para atingir seu objetivo. Não interrompeu seu amigo: deixou ele seguir seu raciocínio.

— ...Elas começam a sofrer uma transformação; normalmente fixam-se em algum lugar que tenha uma baixa vibração, e começam a crescer, transformando-se em verdadeiros monstros deformados, que, com o passar do tempo, começam a devorar seus próprios irmãos, e se utilizam das forças vitais de nosso universo.

Todos escutavam a história com uma atenção redobrada, como se fossem profecias proferidas pelo seu amigo, que também era conhecido pelo nome de Golgi, pois sempre falava de assuntos complexos, e em muitos lugares daquele universo. Era conhecido como o complexo de Golgi, o ser das histórias complexas, que continuava falando.

— O egoísmo torna-se tão feroz, que cada vez mais criam tentáculos para sugar energias de outras partes do universo, e, em muitos casos, liberam outros irmãos contaminados com o egoísmo, e esses irmãos alastram-se para o universo todo, causando seu colapso. Isso é denominado de metástase!

Todos ficaram atônitos com a palavra final de Golgi. Metástase para aquele universo significava o apocalipse, o final de seu universo. Como a concentração estava crescendo naquela região, despertou a atenção dos leucócitos, que foram verificar o que estaria acontecendo, e pediram que todos voltassem ao trabalho imediatamente. E assim foi feito. Golgi sai em direção à superestrada chamada de safena; Aquiles foi junto com ele, e os dois começaram a conversar.

— Golgi? Tudo o que você falou tem muito sentido. Eu também acredito em tudo isso. Queria que você me mostrasse onde encontro o Neurônio mestre; preciso falar com ele!

Golgi olhou para ele e viu nos olhos dele o mesmo brilho que ele tinha em seu passado. Sua transformação estava perto de

acontecer: seria encaminhado para o santo transformador, Baço, e de lá voltaria algum dia, isso ele teria certeza. E falou como se falasse para um amigo antigo:

— Sim, eu levarei você, mas antes de chegar lá, será um longo caminho, e devemos passar em todas as usinas de força de nosso universo. Está disposto?

Golgi nem terminou de falar e Aquiles repetiu várias vezes:

— Sim! Sim!

Golgi sorriu, e iniciaram uma das viagens mais importantes de suas vidas, rumo ao centro do universo superior.

Yannick Bassuma, escritor e palestrante

Facebook: Milton Bassuma

Instagram: Professor Bassuma/ Yannick Bassuma escritor

Youtube: Yannick Bassuma escritor

Vk: Milton Bassuma



↳ 47 Anos ↻
Trabalhando pelas Letras Guarulhenses

PARTE II
NOTA FÚNEBRE



NOTA FÚNEBRE - PLÍNIO TOMAZ

03.01.1941 - 23.01.2025

O SENHOR DAS ÁGUAS

Em algum lugar do passado, durante entrevista no rádio, eu perguntei a Plínio Tomaz (1941-2025) como ele explicava o fato de que dois átomos de hidrogênio irmanados a outro de oxigênio – dois gases, portanto –, podiam dar origem ao líquido vital no planeta Terra. Sem hesitar, o especialista em recursos hídricos disse: “Milagres não se explicam”.

Muitas foram as facetas desse guarulhense que denotaram todo o seu imensurável potencial criativo e intelectual. O misticismo foi uma dessas vertentes. Plínio foi sempre além do lugar comum, tornando-se referência em sua área de atuação profissional, na condição de exemplar pai de família e como membro da Academia Guarulhense de Letras.

Quando eu o conheci, em 2003, Plínio Tomaz era secretário da AGL, na primeira gestão do presidente Ary Baddini Tavares. Na ocasião eu tinha coluna semanal do jornal Olho Vivo, dirigido pelo jornalista Valdir Carleto. Pois bem, Plínio leu um de meus artigos e aprovou o texto e o estilo. Naquele encontro, ele perguntou-me se eu possuía livro publicado. “Ainda não”, eu disse.

Agregador, Plínio Tomaz incentivou-me a reunir as minhas crônicas e candidatar-me a uma cadeira na Academia. Eu não percebi a extensão das suas palavras. Ele, porém, sabia muito bem o que estava dizendo. Confesso que jamais passara pela minha cabeça a ideia de ser membro da AGL. Mas Plínio visualizou com maestria o que eu não tinha condições de enxergar naquele momento.

Uma vez aprovado no processo de seleção para a vaga na Academia, eu pedi a Plínio Tomaz que escrevesse o prefácio do meu primeiro livro. Ele não somente aceitou o convite, como produziu mensagem inteligente, sensível e visionária. Aquele texto irretocável conseguiu condensar em uma página a história das relações sociais e filosóficas. Bravo, mestre!

Nos anos que se seguiram, muitos foram os diálogos edificantes que eu tive com Plínio Tomaz. A bem da verdade, estou sendo otimista em dizer que eu conversava com ele. Mais sábio seria afirmar que, com seu tom professoral, Plínio compartilhava o muito que conhecia do universo das águas com clareza e generosidade. Em suma, cada encontro era uma aula.

Em janeiro deste ano, Plínio Tomaz tornou-se imortal. Ele se integrou a seletor grupo de estrelas das letras que compuseram o rol de escritores da Academia Guarulhense de Letras.

Em tempo – Certa vez, Plínio afirmou que o número de moléculas de água existente hoje na Terra é o mesmo do início dos tempos. Nós estamos tratando de 4,3 bilhões de anos. Navegar é preciso, padrinho. Viver não é preciso.

José Augusto Rodrigues Pinheiro
Membro Efetivo



47 Anos
Trabalhando pelas Letras Guarulhenses

PARTE III
SINOPSE DAS ATIVIDADES
RECENTES DA AGL

SINOPSE DAS ATIVIDADES RECENTES DA AGL ACADEMIA GUARULHENSE DE LETRAS DE OUTUBRO DE 2024 A SETEMBRO DE 2025

30/10/2024 - Reunião Ordinária – Sede da AGL

27/11/2024 - Reunião Ordinária – Sede da AGL, com eleição da nova Diretoria - Biênio 2025/2026

03/12/2024 – Confraternização de final de ano – Apresentação da Nova Diretoria - Lançamento da Revista 2024 – Posse de quatro novos membros, a saber: Wilmar Soares Siqueira, cadeira 1; Marco Antonio Arroyo, cadeira 2; Alex Francisco, cadeira 8; Antonio Thereza Filho, cadeira 16 – Medalha de Honra João Ranali a Léia Muniz (MCLME) – CPP – Centro do Professorado Paulista.

06/12/2024 – Participação do presidente da AGL, Bosco Maciel, em evento de premiação na área da Educação – Recebimento de Prêmio Boas Práticas Educacionais pela AGL – CPP

29/01/2025 – Primeira Reunião Ordinária, presidida por Jacques Miranda – Sede da AGL

26/02/2025 - Reunião Ordinária – Sede da AGL

13/03/2025 - A Academia Guarulhense de Letras recebeu o “Prêmio Cultura Viva”, Edital: 008/2024, Política Nacional Aldir Blanc (PNAB).

19/03/2025 – Visita do Secretário de Cultura do Município de Guarulhos – Sr. João Vaz e do Secretário Adjunto – Leonardo Bizon – Sede da AGL

26/03/2025 - Reunião Ordinária – Sede da AGL

10/04/2025 – Sarau da Academia – Acadêmicos participantes: Antonio Thereza Filho, Fátima Gilioli, Isabel Borazanian, Jacques Miranda e Valdir Carleto – Convidados: Ângelo Macedo e Rogério Brito Correia - CEU Paraíso Alvorada

16/04/2025 - Palestra “Leiam todos porque é bom” – Acadêmico J. R. Jerônimo - EPG Manoel Bonfim

17/04/2025 - Sarau da Academia - Acadêmicos participantes: Darlan Zurk, Fátima Gilioli, Isabel Borazanian, J. R. Jerônimo e Valdir Carleto – Convidado: Ângelo Macedo - EPG Manoel Bonfim

22/04/2025 - Palestra “Leiam todos porque é bom” - Acadêmico J. R. Jerônimo - EPG Celso Furtado

30/04/2025 - Reunião Ordinária – Sede da AGL

10/05/2025 – Participação na FliUNG e Cerimônia em Homenagem ao escritor e acadêmico Bosco Maciel – Universidade Guarulhos

13/05/2025 - Palestra “Leiam todos porque é bom” - Acadêmico J. R. Jerônimo - CEU Paraíso Alvorada

26/05/2025 – Sarau da Academia - Acadêmicos participantes: Fátima Gilioli, Isabel Borazanian, Valdir Carleto e Wilmar Soares – Convidados: Ângelo Macedo e Cleusa Soares - EPG D’Almeida Barbosa

28/05/2025 - Reunião Ordinária – Sede da AGL

29/05/2025 – Sarau na Escola – Acadêmicos participantes: Bosco Maciel, Fátima Gilioli, J. R. Jerônimo e Valdir Carleto - Escola Jardim Nova Cumbica II

25/06/2025 - Reunião Ordinária – Sede da AGL

23/07/2025 - Reunião Ordinária – Sede da AGL

30/07 a 03/08/2025 – Participação com estande na FLIP - Festa Literária de Paraty – RJ – Acadêmicos Participantes: Alex Francisco, José Augusto Pinheiro, Fátima Gilioli, Ivo de Souza, Jacques Miranda, J. R. Jerônimo, Marco Arroyo, Valdir Carleto e Wilmar Soares. – Convidados: Ana Paula Miranda, Izabel Moreira, Soraia G. D. Jerônimo e Cleusa Soares.

27/08/2025 - Reunião Ordinária – Sede da AGL

11/09/2025 - Reunião Extraordinária – Sede da AGL, análise do texto proposto por Jacques Miranda para o novo Estatuto

18/09/2025 – Participação na 2ª Semana do Escritor Guarulhense – Palestra - Literatura Guarulhense: Do Letraviva ao Slam do Prego com a acadêmica Isabel Borazanian, Kaylane Ribeiro e mediação de Janaina Reis – SESC Guarulhos

20/09/2025 - Participação na 2ª Semana do Escritor Guarulhense – Coordenação e exposição na 5ª FLEG – Praça de Convivência – SESC Guarulhos

27/09/2025 - Flipar - Festival Literário Parthenon Vila Augusta - Colégio Parthenon – Vila Augusta:

- Palestra: Poesia Rima com Terapia – Acadêmico Fernando Berzaghi

- Palestra: “Momentos da Literatura Guarulhense - Grupo Literário Letraviva” – Acadêmica Isabel Borazanian

- Sarau com participação de vários acadêmicos

Valdir Carleto
Acadêmico Efetivo



47 Anos &
Trabalhando pelas Letras Guarulhenses

PARTE IV
MEDALHA DO MÉRITO CULTURAL
JOÃO RANALI

MEDALHA DO MÉRITO CULTURAL JOÃO RANALI

Fundadores:

GASPARINO JOSÉ ROMÃO
OSCAR GONÇALVES
ARISTIDES CASTELO HANSEN
ARY BADDINI TAVARES

In memoriam:

JOÃO RANALI
JOSÉ MANUEL MATEOS MARTINEZ
NELSON ANTONIO NATALINO

Acadêmicos Efetivos:

CLOVIS DOMINGUES
ARMANDO ATTILIO COLACIOPPO SOBRINHO
BISMAEL BATISTA DE MORAES

Radialista:

OSVALDO ROMUALDO ERNESTO TASSI

Corporações Musicais:

BANDA LIRA DE GUARULHOS
ORQUESTRA DE VIOLEIROS CORAÇÃO DA VIOLA

Empresária:

VERA LÚCIA NOVO

Acadêmico Honorário:

EDMILSON SOUZA SANTOS

Artista Plástica e Professora:

LISETE CARDOSO NEVES METRAM

Ativista Cultural

LÉIA MUNIZ

MOVIMENTO CULTURAL E LITERÁRIO MULHERES ESCRITORAS



47 Anos
Trabalhando pelas Letras Guarulhenses

PARTE V
HINO DA AGL
LETRA E PARTITURA

HINO DA ACADEMIA GUARULHENSE DE LETRAS - AGL

Música: *Maestro Armando Attilio Colacioppo Sobrinho*

Letra: *Mauro dos Santos Oliveira*

1ª estrofe

Somos todos arautos de luz
Semeamos as letras e os versos
E o que falta, a escrita conduz
E a cultura inunda o universo.

2ª estrofe

E ao plantar letras pelas aldeias
Em processo de semeadura
Cultivando os livros à mancheia
Promovendo o saber e a cultura.

Refrão (Bis)

Honrando sempre os ancestrais
Os seus legados são eternos
Conferindo a paz aos imortais.

HINO DA ACADEMIA GUARULHENSE DE LETRAS - AGL

Música: *Maestro Armando Attilio Colacioppo Sobrinho*

Letra: *Mauro dos Santos Oliveira*

Introdução

7 **Canto - 1ª estrofe**
So-mo to - dos A-er-ros de lu - uz, se - me-am-mos a let-ras e os ver - sos, e o que

13 **2ª estrofe**
fal - ta a es-cri-ta con-da - uz e a cul - tu - ra s-m-n-da o u-el-ver - so E ao plan-tar le-t-ras pe-las al - des - as em pro -

19 **Coro - Refrão**
os-ço de se - mo-a - du - ra cul-ti - va-do os li-vros à man-che-ia, pro-mo-ven-do o sa-ber e a cul-tu - ra Hon-ran - do

26 **Bis - Du**
sem-pre os an - ces - tra - rit e os scis lo-ga-dos são e - ter - nos, con-(-c - rin - do a par aos i - enor - lais

33 **Coda Finale** Fine

Estúdio / Gravação: *Acadêmico Bismael Batista de Moraes*

Edição: *Dr. Euclides Tadeu Shergue*



47 Anos
Trabalhando pelas Letras Guarulhenses

PARTE VI
GALERIAS

PRESIDENTES ATÉ O ANO XLV



Gasparino José Romão
Gestão 1978 - 1998



João Ranali
Gestão 1999 - 2000



Flávio Cleto Giovanni Trombetti
Gestão 2000 - 2001

Adolfo Vasconcelos Noronha
Gestão set/2001 a mar/2002
O presidente faleceu e a gestão foi concluída
pelo vice-presidente, Bismael Batista de Moraes.



Milton Luiz Ziller
Gestão 2002 - 2003

Ary Baddini Tavares
Gestões 2003 - 2004 e 2015 - 2016



Armando Atílio Colacioppo Sobrinho
Gestão 2005 - 2006



Bismael Batista de Moraes
Gestão 2007 - 2008

Aristides Castelo Hanssen
Gestão 2009 - 2010



Isabel Borazanian Macedo de Oliveira
Gestão 2011 - 2012

Clovis Domingues
Gestão 2013 - 2014



José Augusto Rodrigues Pinheiro
Gestão 2017 - 2018



Antonia Conceição Vaz Duarte
Gestão 2019 - 2020

Valdir Carleto
Gestão 2021 - 2022



Mauro dos Santos Oliveira
Gestão jan a out / 2023



Bosco Maciel
Gestão nov / 2023 a dez / 2024



HOMENAGEM GRATIDÃO

Junto à galeria dos presidentes colocamos o saudoso Laerte Romualdo de Souza, que não chegou a ser presidente, por falecimento antes da ordem sucessória, mas foi um dos pioneiros e secretariou o sodalício durante muitos anos, emprestando seu estabelecimento comercial para ali ser guardada toda a história acadêmica.

Entre tantos desdobramentos que nos inspiraram a caminhar no cultivo das letras, deixamos eternizada sua declaração em fase terminal, em uma placa, colocada em destaque e com todo o carinho, em nossa sala de reuniões, que dignifica ainda mais os sonhos dos nossos pioneiros.

“NA ACADEMIA EXISTE VIDA.”

Seus feitos especiais estão registrados nos anais da confraria e, com muito carinho à sua saudosa figura, aqui deixamos, neste quadragésimo sexto ano, registrado nosso respeito, reconhecimento e nossa eterna GRATIDÃO.

*Clovis Domingues
Acadêmico Efetivo*

GALERIA DOS OCUPANTES DAS CADEIRAS NESTE ANO XLVI

Alex Francisco
(Alex Carolino Francisco)



Alexandre G. Cavalheiro
(Alexandre Gargano Cavalheiro)

André Figueiredo Rodrigues



Antonio Thereza Filho



Antonia Vaz
(Antonia Conceição Vaz Duarte)

Aura Gold
(Maria José Teixeira Guimarães)



Bismael B. Moraes
(Bismael Batista de Moraes)



Bosco Maciel
(João Bosco da Silva)



Clarimundo Oliveira Aguiar



Clovis Domingues



Darlan Zurc
(Darlan Oliveira Cruz)

Devanildo Damião



Fábio Cardoso dos Santos

Fátima Gilioli
(Fátima Regina Gilioli)



Fernando Canto Berzaghi



Francisco de Souza



Gil Campos de Farias



Heidi Lirio
(Heidi Lirio da Cruz)

Isabel Borazanian
(Isabel Borazanian Macedo de Oliveira)



Ivo de Souza 'Poeta dos Mares'
Ivo de Souza



Jacques Miranda
(Jacques Miranda de Oliveira)

José Augusto Pinheiro
(José Augusto Rodrigues Pinheiro)



J.R. Jerônimo
(José Roberto Jerônimo)



Luciene Vignoli Müller



Manoel Monteiro
(Manoel Monteiro do Espírito Santo Júnior)



Marco Antonio Arroyo Valdebenito



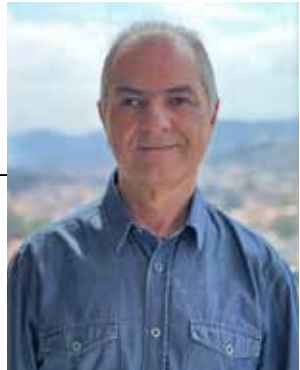
Marlene A. Torrigo
(Marlene Auxiliadora Torrigo)

Roberto Samuel
(Roberto Samuel da Silva)



Valdir Carleto

Wilmar Soares Siqueira



Yannick Bassuma
(Milton César Bassuma)

Nossas redes sociais:



www.academiagarulhense.org.br



www.academiagarulhense.blogspot.com



www.youtube.com/@academiagarulhense



www.facebook.com/academiagarulhense



www.instagram.com/academiagarulhense



www.tiktok.com/@academiagarulhense



www.linkedin.com/in/academiagarulhense



www.threads.net/academiagarulhense

Terminou sua leitura?
Compartilhe este prazer.
Incentive a cultura.
Gire a roda do saber!